

Eric Novello

# NEON AZUL

romance fix up



Editora  
Draco

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Eric Novello

# NEON AZUL

romance fix up



Editora  
Draco

NEON AZUL

# Neon Azul

Eric Novello

1ª edição



São Paulo  
2010

Eric Novello

adora escrever sobre os bares, boates e inferninhos que permanecem vivos em sua memória. Em sua fase solar, cuida de um gato imaginário e da coleção de vinis de *blues* que ainda não começou. É roteirista, aficionado por cinema, principalmente o *noir*. Adoraria ter o que fazer nas horas vagas, mas antes precisa descobrir como consegui-las.

© 2010 by Eric Novello

Todos os direitos reservados à Editora Draco

*Publisher:* Erick Santos Cardoso

*Produção editorial:* Janaina Chervezan

*Revisão:* Andréia Szycpula e Karlo Gabriel

*Ilustração de capa:* Ericksama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) para a edição impressa  
Sílvia Marques CRB-8/7377

N939

Novello, Eric

Neon Azul / Eric Novello - São Paulo: Draco, 2010

ISBN 978-85-62942-36-5

1. Romance Fix Up 2. Literatura Brasileira I. Título

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

1ª edição, 2010

Editora Draco

R. José Cerqueira Bastos, 298

Jd. Esther Yolanda - São Paulo - SP

CEP 05373-090

editoradraco@gmail.com

www.editoradraco.com

[www.facebook.com/editoradraco](http://www.facebook.com/editoradraco)

Twitter: @editoradraco

# Índice

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Índice](#)

[Epígrafe](#)

[Invisibilidade](#)

[Noites de insônia](#)

[O boneco na garrafa](#)

[Os dois lados](#)

[A quarta parede](#)

[A última nota](#)

[Invasão de privacidade](#)

[Só tinha que ser com você.](#)

[O ponteiro dos segundos](#)

[A Dançarina e o Sexo](#)



"Neon, neon  
Who knows how long, how long, how long  
She can go before she burns away"  
- John Mayer.

Invisibilidade



Nesse império de mendigos, é impressionante que ainda haja um teto disponível na cidade. Seguindo sombras nas paredes, arrumei uma vaga numa rua movimentada do centro, dessas que ninguém mora, ninguém vive, e só servem de caminho. As pilastras redondas me lembram das ruínas que visitei, provável motivo da minha permanência nessa calçada. Em Roma, cheguei a comprar duas estátuas para a entrada do apartamento. Minerva derramando água em um rio com mulheres lavando roupa e Marte derrotando o Minotauro com uma espada.

Apelidei o vira-lata de Minotauro. Ele não é meu, propriamente, mas tento alimentá-lo tanto quanto possível. Já conseguiu uma dona que traz arroz cozido misturado à ração. Acho que estava aí antes de mim, porque se trata com o afeto de quem tem um passado que ninguém mais conhece. Fica com ele até o fim para garantir que eu não roube a sacola, depois joga os restos na lixeira sempre abarrotada. Daí em diante a decisão é minha, que nem me dou ao trabalho. Com o tempo eu e ele nos tornamos bons amigos. Ele me agradece com lambidas e um rabo abanando o dia inteiro. Isso quando está na área.

Ser livre foi uma escolha, uma entre tantas que a vida nos impõe. Decidi ficar aqui, longe do apartamento a duas quadras da praia e perto do Neon Azul. O local não se assemelha em nada às almofadas gordas do sofá de casa, mas pelo menos não sou esmagado pelo peso dos egos de minha esposa e filhos. Prefiro as canelas raspadas nos movimentos bruscos às farpas trocadas na ressaca de nossas bebedeiras.

Quando cheguei para marcar território, acabara de amanhecer. Andava sob um sol desses enviesados que ganham espaço entre edifícios para clarear a rua sem sumir com as sombras que refrescam os executivos engravatados atrasados para o escritório. Nem reparei no esplendor do Neon, discreto em seu disfarce, mais uma porta entre tantas do velho centro da cidade. O letreiro foi aceso à tarde para avisar a clientela, e só depois que a noite caiu ele chamou minha atenção. Como disse, procurava um teto e encontrei. Só quem perdeu tudo dá valor a um ponto de referência,

mesmo que seja uma esquina na rotina, uma foto guardada na carteira. Fui expulso de casa. Banido pela família como um estorvo. Disseram que eu estava louco e precisava me tratar. Louco por querer ser diferente.

Faz dois anos que vim para cá. Deixo a barba crescer todo inverno. Nas outras estações vou aos abrigos cuidar da aparência. Evito as roupas marrons. Tenho que parecer confiável. A polícia mesmo me falou.

Não sou do tipo que incomoda. Acordo antes de o bar abrir e não faço sujeira pelas ruas. O pessoal me conhece. Sabem como sou. Talvez você ainda não saiba. Preciso de um segundo de sua atenção e uma nota qualquer. Coloque na latinha de cerveja. Fui eu quem arrancou a tampa, raspando no paralelepípedo até lanhar os dedos. É besteira, mas dá orgulho na primeira vez que se consegue. Por uma moeda conto minha vida e por duas conto o que vejo no Neon Azul. Pode não ser muito, mas é a melhor parte. As peças soltas e distantes se encontram com a imaginação. Espere um pouco.

- Boa noite, doutor.
- Boa noite, Oscar. Cadê o Minotauro?
- Fugiu essa noite. Sentiu cheiro de cadela.
- Cachorro esperto. E você? Está precisando de algo?
- A contribuição de sempre.
- Vê se guarda para comer.
- Não sou de beber.
- Pois eu sou. Deixa eu entrar, que as ruas andam perigosas.
- Boa diversão.
- Nem precisa dizer.

Esse é o doutor. Não convém dizer seu nome. Sou discreto e ele precisa de discrição. Um dia chegou aqui pingando sangue. Ninguém notou. No escuro pouco se nota da vida alheia. Os dois seguranças estavam mais interessados em decidir se ele mancava por sapato apertado ou se para disfarçar uma suposta calça mijada. Quem só convive com bêbado pensa logo nessas coisas, mas era um ferimento. Foi a única vez que não parou para me cumprimentar. Nem um aceno. Quando ele saiu e se virou, fingi que estava dormindo. Não queria complicação para o meu lado.

O doutor contribui quando chega e quando sai. Talvez porque não se lembre que já me deu dinheiro. Isso ou a bebida desperta o sentimentalismo humano, vide os abraços de Réveillon. Em casa eu não costumava beber. Um copo de uísque com gelo toda sexta-feira para aliviar a tensão e pronto. Para convencer o meu corpo de que era uma sexta legítima. Vai ver por isso não havia sentimento naquela casa que não incluísse pedido de dinheiro.

Andei tanto tempo de terno e calça social que às vezes me pego ajeitando o nó da gravata. Deve ser assim que os banqueiros falidos se sentem. Se você visse a roupa que estou, entenderia o valor da piada. Uma gravata não se acha em qualquer lugar. Ninguém doa gravatas. Se doassem, pegaria uma para amarrar em Minotauro.

No meu apartamento não havia cachorro, nem pássaros ou peixes. As mudas de samambaias e comigo-ninguém-pode cometiam suicídio terminando em folhas secas, apesar da luz farta. Não havia nenhum ser vivo que não minha esposa e filhos. Vivos e sem coração. Muito vivos, por sinal. Não me incluo na lista, pois não acho que aquilo fosse vida. Tanto dinheiro. Dinheiro e uma festa de aniversário. É do que me lembro.

Acordei. Ainda tenho esse sonho. Acordei no dia vinte e sete de fevereiro, certo de que encontraria na sala um imenso bolo e meus filhos prontos para me fazerem uma surpresa, mas ninguém se lembrou. Nem eu. Não era dia vinte e sete. Já estávamos em meados de março. O aniversário havia passado sem que eu me recordasse dele.

Quero que entenda bem. Acordei duas semanas depois achando que fazia aniversário. A sensação é inestimável, para quem gosta e para quem odeia. Estava sozinho na cama. Imaginei minha mulher levantando cedo para preparar a mesa – ou pedindo isso à empregada – um café da manhã especial.

Lavei o rosto no banheiro, me dei parabéns diante do espelho, abri a porta do quarto e me encontrei no corredor do hotel, de pijama. Eu estava em Salvador, a negócios. Me restou voltar para o quarto depois de uma gargalhada e me consolar com a vista que tinha, recostado na imensa janela. O mar estava sombrio e

ignorava o céu que deveria pintá-lo de azul. Uns pingados caminhavam na areia, mas distinguir os corpos do restante da paisagem ainda era missão impossível para alguém perdido em pensamentos e calendários.

Lá pelas tantas, vi um gordo ser retirado da água por fortões de sunga vermelha e uma menina se entortar toda para controlar um Bull Terrier, aquele cachorro medonho com cara de tubarão, que avançava num vendedor ambulante. As cenas me comoveram. Gostaria de saber o motivo. Lembro de ter pensado como a vida pode ser cruel.

Mas isso é divagação. Recapitulando, não era meu aniversário e eu estava no hotel. A cama estava quente do meu corpo apenas, e só notei o fato ao abrir a porta. Me olhei em um espelho estranho, estava morto da viagem, e não percebi que não era a minha casa.

Foi como nos tempos de faculdade, quando acordei em um dia de prova com a convicção de que era um sábado e eu estava na casa de praia dos meus tios. Quinze minutos depois, corria para me arrumar e não perder o ônibus das sete. Se não chegasse a tempo o mundo desabaria sobre minha cabeça. Dramas e mais dramas, blábláblá. Vidas estão em jogo. Como somos tolos nesta época. Jovens adultos. Grande enganação.

Desta vez não precisei correr. Não tinha compromisso que não pudesse me esperar. Procurei um relógio. Nove da manhã. Cedo quando a paciência anda em falta. A programação automatizada no âmago de meus miolos dizia para colocar o terno e ir para a empresa encontrar o diretor de finanças – não sabia o seu nome, quem precisa de nome quando se é o diretor de finanças da Petrokiller, multinacional de petróleo e derivados? Eu iria analisar papeladas, balançar a cabeça e falar “bem senhor, estou convicto de que considerará certos aspectos de nossa proposta...”.

Contar essa história recostado na parede de uma casa de comida árabe, com os pés gelados guardados em meias ferradas, as mesmas que visto desde que cheguei, tem um quê de exótico, um toque de masoquismo. Essa é uma que jamais contei para ninguém, e olha que sou o cara das histórias. Invento por qualquer nota amassada, sem direito a troco, a mais mirabolante das aventuras.

Desconheço o verdadeiro sentido da palavra, mas nada impede que me inspire nas viagens que fiz para África, por exemplo. Elefantes. E tem o Afeganistão.

– Você sabia que elefantes copulam de costas? Um de costas para o outro. É como pescar de olhos fechados.

– Sorte não haver anzol.

– Pior, só ver girafas brigando. Pescoçadas e mordidas. Nunca confie em uma girafa.

– Vou me lembrar do conselho quando esbarrar com uma. Oscar, você esteve mesmo...

– Eu leio muito.

– Tem certeza de que não quer entrar?

– Obrigado pelo convite, senhor, mas meu lugar é aqui.

– Só para um banho e uma bebida.

– Eu tomo banho no abrigo. E a bebida, o senhor sabe, é o mal de quem mora na rua. É sábio manter distância.

– Do que tem medo?

– De gostar.

– Generalizando.

– De morrer.

– A casa abre meio-dia. Sabe que se precisar...

– Eu sei.

– Foi Ele quem autorizou.

– Agradeça a Ele por mim.

Da primeira vez que vi o Homem passar, senti uma dor muito forte. Meu peito explodiu e se contraiu violentamente como se o ar tivesse se transformado em pó de cimento. Senti as vísceras se enroscarem uma nas outras, como um papel de rascunho que se amassa antes do arremesso. Quase gritei. Foi quando mais senti falta do conforto. Mas este é o efeito do Homem, é para isso que ele existe. Por isso temos o direito de vê-lo andar entre nós. Para nos lembrar do significado do poder e da diferença entre os que o têm e os que não.

O carro negro entrou vagaroso pela rua. Acordei com a luz forte. Ele só andava com os faróis altos, banindo o escuro natural que a

noite nos reserva. Eu estava sonhando, achei que o fim havia chegado, depois pensei estar sendo abduzido. Discos voadores. A polícia iria me levar e me jogar em uma ribanceira no subúrbio. Muita luz. Luzes brancas e azuis.

Ele veio sem pressa, ignorando os desníveis de uma rua feita de pedras. Parecia deslizar no mais perfeito asfalto alemão, como se as rodas tivessem sido treinadas para o percurso. Para serem do carro Dele. Do meu ponto de vista arqueado na calçada, via as calotas paradas e um belo brasão de falcões. Muitos detalhes. Eu já esfregava o rosto. Estaria vivendo um sonho?

Não precisou buzinar, pois ninguém se intrometeu em seu caminho. Quem ousaria? Estacionou bem em frente à boate, o neon reluzindo na lataria polida com capricho. Um estranho símbolo preso no capô.

Raul e Jamelão se desesperaram. Agiam como se estivessem hipnotizados. Demoraram a reagir e quando o fizeram foi tamanha a falta de rumo que os imaginei correndo na mesma direção e chocando as cabeças, como nos desenhos animados. Isento-os de culpa. É difícil se habituar à presença do Homem. Estavam suando frio. Eu também.

A porta ao lado do motorista se abriu. Desceu o primeiro segurança, vestindo sobretudo preto e sapatos italianos de qualidade. Ele ajeitou algo na cintura que preferi só deduzir e sinalizou. Da porta detrás saíram outros dois seguranças, um pouco mais baixos que o primeiro, mas ainda assim ameaçadores. Também estavam de preto. Por um momento entraram na linha de luz dos faróis e saíram do meu campo de visão.

Ouvi o motor se acalmar. Os seguranças se alinharam num cordão de proteção. O Homem se levantou. O chapéu branco de mafioso se iluminou com as lâmpadas neons, ficando azulado. O reflexo dava à cena um aspecto sombrio. Ele virou ligeiramente o pescoço enquanto andava e entrou. Acho que, nesse dia, notou minha discreta apreciação. O segurança maior o seguiu. Os outros dois ficaram na porta, despachando os leões de chácara. Raul e Jamelão subiram de imediato, sem pestanejar.



Não consegui ficar acordado para vê-lo sair. Me perguntei se alguém mais tinha visto a sua chegada, mas a resposta estava lá, nos comentários impressionados dos seguranças. Se estivesse no bar, diria que colocaram psicotrópicos na bebida. Mas na calçada, debaixo da marquise, sinto que espalharam algo no ar. Um vapor alucinógeno que só afeta os solitários como eu. O bagunceiro do Minotauro dormiu como um cãozinho de madame até as dez da manhã, e você deve saber como os cães acordam cedo para bagunçar sua vida.

Foi isso o que vi, um relance de rosto, terno e chapéu por detrás da luz alta do farol. Parece pouco? Seu coração não tentaria escapar do peito? Defenda-se como quiser. Foi o suficiente para aquecer o sentimento de vingança, a motivação de voltar para casa e arrancar esposa e filhos de lá, levá-los direto para a cadeia.

O gosto do uísque. O frio do pegador de gelo minando a ponta dos dedos. A maciez da poltrona. A ranhura no detalhe de um dos cascos do sátiro esculpido em mármore nacional. O som das chaves de casa balançando. Sensações.

Como chorei. O cheiro de couro italiano daqueles sapatos entranhou em meu nariz, desceu cáustico pela garganta e tomou conta dos pulmões, me sufocando. Como podia? A vibração dos jatos da banheira de hidromassagem nas costas, no lugar onde havia nascido um caroço com casca de ferida, parecia real novamente. A pele áspera de se esfregar em papelões tinha se esquecido de como era bom se deitar em lençóis limpos, com perfume de amêndoas.

O dono do boteco me trouxe um copo de água filtrada. Estava fechando as portas para ir embora. Estava atrasado. Expulsar o último bêbado é sempre mais difícil. Precisei de coragem para permanecer parado naquela calçada. Muita coragem. A vontade era a de correr louco pelas ruas e me atirar na frente de um ônibus lotado, me transportar para a portaria do edifício de luxo, voar pelas escadas, atravessar os elevadores. Entrar em casa sem tocar a campainha.

No dia seguinte, morto de cansaço, finquei as unhas grandes na trouxa de roupas velhas e me levantei. Tinha que ir para o abrigo,

se não perderia o almoço.

De forma acidentalmente complementar, nas demais vezes só vi o carro partindo. Armando aparecia na porta, dava dois socos em Raul e Jamelão e subia de volta. Camaradagens entre o gerente e os seguranças. Um golpe de alívio, de deu tudo certo.

– Tem certeza de que não quer entrar? – falava alegremente a cada convite.

– Obrigado, mas o meu lugar é aqui – foi preciso um esforço imensurável para respondê-lo desta forma. Meu lugar era junto do que eu havia conquistado. Algo que não existia mais.

– Nosso lugar é onde queremos estar – ele respondeu, sem evitar a tortura a qual me submetia.

A reunião com o diretor de finanças da Petrokiller transcorreu de forma indolor. Às vezes, eu me desligava do que estava ouvindo. Dois homens de terno, trancafiados em uma sala com vista panorâmica, agradecendo pelo ar condicionado que os livrava do calor do lado de fora. O calor desejado por milhares de veranistas do país e turistas do exterior. Uma situação patética. Senti saudades da família, a família que ignorava minha existência.

Decidi voltar mais cedo para casa.

Abdiquei de três dos dez dias a que tinha direito em Salvador. A economia feita me estimulou a comprar um pequeno luxo: uma estátua africana para acrescentar à minha coleção. Estava esculpida em uma peça inteira de tronco, e se a virássemos de ponta-cabeça podíamos identificar nos raios da madeira a idade da árvore e a espécie utilizada. Ela chegou dois meses após o retorno para o Rio de Janeiro, e um dia antes da minha fuga de casa.

O voo foi tranquilo, apenas uma turbulência no começo para fazer borbulhar meu estômago, nada demais. Ganhei de lanche um sanduíche de pão com queijo e um suco de laranja. Atendimento do mais alto nível.

Tentei ler *A Casa dos Budas Ditosos*, mas adormeci. Sonhei que fazia parte da história. Ainda bem que não falo dormindo. Acordei na descida para o aeroporto. Atravessamos a imensidão de nuvens sem problemas. Na janela, vi a pista ir aumentando, aumentando

até o primeiro contato. Segurei o braço da poltrona, disputando o espaço com a menina ao meu lado. Odeio os trancos da aterrissagem. Sempre me pegam distraído com a paisagem.

O motorista não estava me esperando. Eu não tinha avisado ninguém, queria fazer uma surpresa. Para minha esposa comprei flores no caminho, pelos meus filhos estendi a parada no *free shop*. Peguei um táxi. Conte para ele o plano, do mesmo jeito que faço com você agora. Era um sentimento incomum o de estar ansioso pelo retorno e não pela partida.

Abri com cuidado a fechadura para evitar barulho. Meus filhos não estavam em casa. Se estivessem eu os perceberia de longe. Inicialmente não vi minha esposa. Andei pela sala e pela cozinha. Ninguém presente. Onde estariam os empregados?

Fui para o quarto e a encontrei com um homem. Falar de uma vez tira um pouco do suspense e da graça, mas não teve graça. Pelo que pude ver pela porta entreaberta, eles estavam ali fazia um bom tempo. O sorriso pós-coito dela me despertou um imenso ódio e o olhar vazio dele uma profunda tristeza. Saí como entrei. Cheguei a vê-los afundarem a cabeça nos travesseiros. Ela esticando as mãos enquanto ganhava cafuné. Ele se virando de lado.

Dei de cara com a governanta. Percebi que se apiedava de mim. Com um gesto pedi silêncio e fui embora. Ela moveu os lábios lentamente pronunciando a palavra *cuidado*, e então acenou, se despedindo.

Me hospedei em um hotel em Ipanema durante os três dias que me restavam da viagem. Passei todos eles na piscina bebendo vodca, e então, na data marcada, voltei para o apartamento. Encontrei a indiferença dos meus descendentes e o menosprezo de minha esposa, só atenuado pela culpa que sentia. Se é que uma casca oca é capaz de sentir.

- Como foi?
- Bem. Não foi dessa vez que o avião caiu.
- Que pensamento horrível! Comprou alguma coisa?
- Flores, mas dei para a faxineira.
- Para jogar no lixo?

E alguns acham perversão o que acontece no Neon Azul. Quem pensa assim não conhece essa família.

Estar na rua é um constante aprendizado. Descobri que posso fazer sopa de papelão para aproveitar a cola. Cola dá a sensação de barriga cheia e dura mais do que uma refeição. Aprendi que quem dorme demais acorda com chute nas costelas e que sapato foi feito para ficar no pé, ou então já era. Delinquentes não assaltam somente madames, mas também mendigos.

Em uma época correu o boato de que uma gangue estava atacando todos os transeuntes da região. Um garoto havia tido o rosto queimado por um colega do grupo, altamente drogado. Era um informante da polícia. Apareceu com um maço de notas no bolso e não dividiu. Teve queimaduras graves e morreu.

Armando me obrigou a seguir para o abrigo naquela semana. Queria evitar problemas na porta do bar. Não que os clientes fossem deixar de frequentar a casa. Isso não aconteceria por nada, mas confusões atraíam a polícia, que agora vinha em comboio, e a porta do Neon Azul não era lugar para espécie alguma de grupamento policial. Ou ficavam dentro ou ficavam distantes.

Passei uma única noite nele. O suficiente para me pôr apresentável e pular para um hotel barato. Fingiria que estava viajando se gostasse de pensamentos fantasiosos. O hotel da Lapa não parecia Salvador. Minha janela dava para um puteiro de quinta categoria.

Voltei para debaixo da marquise. Armando não ficou feliz, mas argumentei que não podia abandonar Minotauro, e que se ficasse muito tempo fora, corria o risco de perder o lugar para outro morador, ou dar chance à prefeitura de instalar uma iluminação que me incomodasse quando a noite chegasse.

No dia do retorno, conheci Jonas. O conhecia de vista, de suas idas e vindas para a faculdade, de ver a tatuagem de dragão se mover na panturrilha. Neste dia o conheci de verdade, o Jonas que sempre tivera vontade de encarar a luz sedutora do Neon Azul e subir as escadas do paraíso.

Quando ele saiu, dei os parabéns. Ele me encarou sem entender e seguiu para casa. Mais à frente se virou e sorriu. Corajoso o rapaz.

- A porra do garoto ganhou o coração da Gabriela – falou Raul.
- Até esse aí ganha – disse Jamelão, apontando para mim.
- Mas ele não tem o principal: dinheiro.
- E o garoto tem? Qual é mesmo o nome dele?
- Jonas. Deve ser filho de alguém, cheio da grana. Eu farejo essas coisas.
- Está farejando é a bosta que o Minotaiuro deixou na porta.
- Vê se ensina esse cachorro, Oscar! Fala para ele sujar a porta do árabe.

Acenei de longe, meio sem graça. Um sorriso perdido na barba por fazer. Barba de um mês e meio. Jonas lembrava meu filho na altura e na cor de cabelo. O filho que tentou me matar.

Me encontrava em São Paulo, capital. Uma reunião chatíssima de última hora havia me obrigado a pegar o voo segunda-feira à noite. Ida e volta, bate-pronto. Menti para a minha esposa dizendo que passaria a semana. Pedi à governanta que me avisasse o dia exato dos encontros dela com o desgraçado. Liguei para meu filho e avisei que chegaria mais cedo, para fazer uma surpresinha. Um momento a sós para resgatar nosso relacionamento, falei, sem transparecer ironia. Fiquei tentado a contar tudo, perguntar se ele sabia do amante, mas o único jeito de ter certeza era vê-lo abrir a porta com os dois dentro do quarto.

- Por isso mandou que eu me afastasse.
- Não diga a ela ou estragará a surpresa.
- Não direi, pai. De manhã chego lá para um abraço.

Confirmei com minha esposa que gastaria sete dias em São Paulo. Quando o telefone tocou eu já estava pronto, esperando. A governanta me avisava. O amante e a vadia estavam na cama. Meu filho havia saído do banho e se aprontava no quarto. Minha filha não estava em casa. Não quis saber da surpresa.

Encarei o porteiro. Ele me disse boa noite e eu disse que se ele tocasse no maldito interfone, jamais arrumaria outro emprego. “Sim, senhor”, e subi com as malas. O celular vibrou no bolso. Era o sinal.

Empurrei a porta encostada sem fechá-la e deixei a bagagem no corredor. Vi meu filho dobrar a sala em direção ao meu quarto. Emendei os passos e o segui a uma distância segura. Conhecia o rapaz, sabia do seu temperamento agressivo e tempestuoso. Se não compactuava com os chifres, certamente surraria o amante da mãe até jogá-lo na rua.

A porta da alcova se abriu. As mãos de meu filho seguiram até as costas e alcançaram o elástico da bermuda. Vi aparecer uma arma, uma pistola semiautomática cor de prata com silenciador. Oito tiros. Nenhum pio.

– Menos um para me encher o saco – falou ele, friamente.

– Seu estúpido! O que fez? Você o matou? – gritou a vadia, saindo do banheiro.

O garoto entrou no quarto e puxou o lençol que cobria o corpo. Viu que não era eu. A decepção foi enorme. Corri. Fugi. Fiz barulho. Ele se virou, não me viu. Seguiu os passos. Com ligeireza, adentrou a sala, dando de cara com a governanta, estrategicamente posicionada. Derrubou com um empurrão a estátua africana aos pés dela. A mulher nem sequer tremeu. Não sabia reconhecer o valor de uma obra de arte.

– Ele ligou de manhã e disse que voltaria hoje para fazer uma surpresa para você.

– Ele me ligou de tarde. Vai ficar até a semana que vem.

– Droga. O que fazemos com o corpo?

Nunca mais voltei para casa. A mala permaneceu abandonada no corredor. Com ela devem ter percebido a mentira que o porteiro confirmaria por duas notas de vinte. Talvez tenham descoberto o envolvimento da governanta. Eu nunca entendi suas verdadeiras motivações.

Eram três e meia da manhã quando me acordaram.

– Levanta – falou Jamelão.

– Que papo é esse?

– Levanta que o Homem está te esperando e ele não gosta nada de esperar – falou Raul, me puxando pelo braço.

Saí de baixo do cobertor puído, esfregando os olhos colados. A vista ainda estava muito embaçada de sono. Havia perdido os óculos no ano anterior e a iluminação noturna era quase inexistente.

A rua estava deserta, o que era de se esperar numa quarta-feira. Os dois seguranças me carregaram para a porta da boate. Encarei a luz quase divina e me dei conta do que estava acontecendo. A respiração ficou ofegante e precisei me controlar para manter as calças limpas.

O carro preto estava parado mais para trás. Tinha feito um caminho diferente.

– O homem que está me esperando é o Homem?

– Para que tanta pergunta?

No fim das contas, subir as escadas do Neon Azul não dava a sensação de chegar ao paraíso que eu tanto havia imaginado. Não havia mulheres nuas com asas de anjo, ou serafins de tanga de crochê. Na minha mente medrosa, pensei num bar vazio, um ambiente enfumaçado, apenas duas cadeiras no chão. Em uma delas Ele me esperava. Pura bobagem. A casa estava cheia, com gente para todo lado.

Raul e Jamelão me largaram no último degrau e desceram. Foi a única vez que me trataram mal. Armando veio ao meu encontro cheio de sorrisos. Me cumprimentou como se estivesse recebendo um amigo que não via há muito tempo. Disse que era uma honra receber um convidado do Homem. Que eu era o primeiro, o que explicava seu exagero. Olhei para o mezanino. Vi os sapatos brancos de couro com ponteira dourada. Eram Dele e de mais ninguém.

– Sem querer abusar, leve essa bebida. Tome uma para você também – disse Armando. As bebidas exalavam um aroma agradável e tinham um tom amarelo-avermelhado. Não combinavam com um maltrapilho que nem eu.

– Isso não está certo. Não estou com roupas para estar aqui. Não posso subir e falar com ele.

– A dor no peito é grande, não é?

– Incontrolável. Perfura como uma parasita louca para estourar o casulo e sair. Se ao menos eu...

As palavras me faltaram. Outra vez aquela sensação de derrota. O peso da covardia esmagando a cabeça a marteladas

– Eu também já me senti assim. Meu conselho é: relaxe. Agora vai.

Tropecei. As pernas estavam bambas. As bebidas respingaram em meu rosto. Que vontade de chorar um marmanjo pode sentir.

Armando pegou as taças e as largou na mesa. Viu que meus braços tremiam sem controle. Eu queria entender o que estava se passando. Não sabia como reagir. Queria que me esquecessem. Eu era um mendigo. Ninguém sabia do meu passado. Pensavam que as histórias eram coisas de louco. Qualquer um que escolhe as ruas só pode sê-lo.

– Ande logo, homem. Não tenho a noite inteira.

A voz Dele. O Homem me chamou, pessoalmente.

O ambiente emudeceu para que a voz ecoasse onipotente em meus ouvidos. Era intimidadora e grave, varrendo quaisquer pensamentos que não se relacionassem a sua presença.

Reuni forças e me levantei. Sem que Armando pedisse, peguei as taças na mesa e me encaminhei para a escada. Ele continuava no mesmo lugar. Quanto mais eu me aproximava, mais tremia.

– Firmeza! – falou Armando atrás de mim.

A saleta estava cheia de fumaça. O sopro gelado do ar condicionado espalhava uma parte do que era liberado pelo charuto e pelas baforadas. Não consigo me lembrar da imagem Dele. Apenas das roupas. As malditas roupas que eu costumava usar quando queria ser mais do que os outros. O sapato italiano, o chapéu, o terno impecável. Eu, um mendigo, vestido como a sorte permitia, com as roupas mais limpas que eu podia ter. Ele, com os cabelos lisos brilhando, eu com o emaranhado rente à testa. Apesar do banho tomado, eu me sentia um verdadeiro lixo.

Entreguei a bebida. Ele agradeceu, simpático. Pediu que eu me sentasse e obedeci. Atrás de mim apareceu um homem alto, o chefe da segurança dele. Passou o detector de metais ao meu redor, voltou para o lado de fora e trancou a porta da saleta. Dela



podia-se ver todo o primeiro andar do Neon Azul e parte do segundo.

Achei prudente ficar calado. Depois pensei em ser agradável.

– Me sinto muito honrado pelo convite.

Ele riu. Um riso de canto de boca.

– Posso resolver o seu problema – falou, apontando para o segurança parado na porta– Basta dizer que sim.

– Que problema? – perguntei, incerto.

Dessa vez a risada não foi contida. Me senti humilhado, mas não consegui me aborrecer. Além do mais, bastava sentir o cheiro dos legítimos charutos que Ele fumava para me acalmar. Cheiravam ao mais doce incenso dos endinheirados.

– Me fale sobre Minotauro.

– Minotauro?

– Está abobado, homem? O cachorro!

Contei. Ele apareceu nos primeiros dias em que dormi em frente ao Neon. Não estava acostumado com animais. Pensei que quisesse me morder, que estivesse com raiva. São muitas as notícias sobre casos desse tipo. Animais de rua não são previsíveis. Parecem se vender por um prato de comida, mas na primeira oportunidade mordem sua mão se você não sustentar o hábito.

Animais de rua não têm respeito, nem donos com pás de plástico e jornais para recolher seus cocôs. Eles levantam a pata e urinam em todos os cantos, marcando um território que só eles entendem, supostamente para afastar outros vira-latas. Tratam as cadelas e os cães de forma igual. Mordem se o latido não bastar e passam a raiva deles adiante. Se uma cadela no cio surge, perde-se o território. Eles somem, esquecem a comida e vão atrás. Se a cadela resolve ficar, outros cães invadem o território e o dono não tenta defendê-lo, ocupado demais em farejar o rastro de hormônio deixado no chão.

Minotauro era um vira-lata comportado, cruzamento de dálmata com vira-latas. Havia sido criado em casa por muito tempo, palpitava sempre o dono do bar. Tinha hábitos incomuns para cães de rua. Educação demais para quem tinha fome. Poderia ter fugido

sem achar o caminho de volta ou ter sido abandonado. Nunca soubemos.

Quando me deitei, senti o cheiro de urina. Achei que fosse de outro morador de rua. Talvez fosse do cachorro. Ele me encarou por um tempo, de longe. Eu estendi a comida que havia conseguido. Joguei-a na rua, perto de mim e ele veio comer. Passei a alimentá-lo. Ele dormia por perto. Às vezes sumia, mas sempre voltava. Não parecia um cachorro que perde o rumo de casa. Era livre, como eu. Se quisesse ir, iria, sem dizer adeus.

– Agora me diga se quer que eu resolva seu problema.

– Eu quero.

– Pois bem – respondeu, enquanto se levantava.

O segurança abriu a porta. O Homem apagou o charuto no cinzeiro, limpou o terno com as mãos e se despediu. Se poupou de me olhar, caminhando sem se virar para trás.

– Qual o preço?

– Eu mando a conta. Não é como se te faltasse dinheiro.

– Diga agora.

– Cuide do cachorro, despeça a governanta e ponha a estátua africana em um leilão para que eu possa comprá-la sem suspeitas. Ela ainda está lá. A lasca que o teu moleque arrancou irá depreciar o valor. Nada de abusos no preço inicial.

Esta foi a última vez que o vi cara a cara. Gostaria de ter acordado na calçada com Minotauro lambendo meu rosto, um encontro que não passou de um sonho, porém, não foi isso o que aconteceu.

Dois dias depois, ainda sob o manto da madrugada, enquanto entregadores de jornal desciam as pilhas de papel das Kombis para pôr os cadernos em ordem, reconheci a foto de minha esposa. Primeira página. Embaixo, fotos menores do corpo estendido, a perna torta para trás, na beirada da piscina. A perícia dizia que ela havia escorregado e batido com a cabeça. Morte instantânea. Havia muito álcool ao redor, e uma garrafa espatifada. Indícios de que bebia muito. Morte acidental. Salto alto e piso molhado. Combinação fatal.

Outros dois dias se passaram. No bar só se comentava a morte de um rico herdeiro, meu filho, em uma estação de esqui. Coisa de maldição de família, só podia ser. Uma entrevista da irmã dizendo que ele havia insistido em esqui na trilha interdita passou no jornal da televisão. Lágrimas rolavam do rosto, varrendo a maquiagem que simulava olheiras.

Foram vinte e quatro horas. Estava em frente à loja de conveniência, vendo a bela na tevê. Contou a história do pai desaparecido. A mais jovem herdeira da cidade era doce e a polícia descartava o seu envolvimento. A equipe de jornal ofereceu organizar uma busca e ela aceitou chorando. Até eu me emocionei.

Após a gravação, mandou que esquecessem aquela baboseira. Se alguém iria encontrar o pai, era ela, mais ninguém. Não moveu um dedo.

Seu último dia de vida foi na unidade de tratamento intensivo do Hospital do Leblon. Não deu notícias em nenhum jornal. No quarto ao lado estava a mulher de um político. Morreu do coração. Minha filha, envenenada. Caiu em um tanque repleto de cobras peçonhentas na gravação de um programa sensacionalista vespertino. O responsável pelos répteis havia se esquecido de retirar o veneno. Alegou ter trocado os lotes. Seu ajudante tinha errado na marcação das caixas e pronto, cobra errada. Refeição certa.

Fui visitá-la, mas parei dois quarteirões antes do cemitério vertical. Antes que desse meia-volta, um flash de luz me flagrou. Era uma equipe de tevê. Pediam uma reportagem exclusiva. Continuei em silêncio, surpreso. Do que eles estavam falando?

Fui levado para um hotel, deixado em condições mais apresentáveis para o mundo televisivo. Negociamos um cachê razoável e mais duas aparições em programas da emissora. Encontrei um antigo sócio, o real responsável pela busca. Havia ficado chocado com as declarações da minha filha. Contou, com a emoção fazendo tremer a voz, que minha ex-esposa dissera que eu morreria em um acidente de ultraleve e que a cerimônia de cremação seria apenas para a família.

Psicólogos explicaram o caso dias e dias. Querem lançar um documentário junto com o livro que estou terminando de escrever. Alegaram amnésia pelo trauma de ver o próprio filho atirando em um suposto "eu". A gente tenta criar uma nova identidade para fugir dos próprios medos, bloqueia as memórias mais difíceis de lidar.

Recuperei a posição no trabalho e meu sócio foi promovido. A empresa ganhou uma cara mais humana com o golpe de marketing e conseguiu arquivar o processo pelo terceiro vazamento de petróleo consecutivo no mar de Rio das Ostras.

Não precisei demitir a governanta. Ela está desaparecida e indícios me levam a crer que jamais será encontrada inteira.

A estátua foi arrematada no quinto lance. O valor não pode ser revelado.

Volto ao Neon Azul todo fim de ano com amigos de trabalho e peço a bebida daquele dia.

Minotauro mora comigo no apartamento, mas nunca mais se deixou acariciar da mesma maneira depois que encontrei com o Homem. À noite, ouço risadas baixinhas vindo do canto onde ele dorme. Por enquanto, prefiro fingir que é a minha imaginação.

Noites de insônia



O fato é que não dormia e isso lhe havia rendido uma imensurável quantia de dinheiro. Sua última noite de sono havia sido aos quinze anos e por não saber que seria a última, Armando foi se deitar tarde, lendo um livro de vampiros, e não a aproveitou como poderia, com a mão direita enterrada entre os travesseiros e a esquerda enfiada na cueca listrada. Trinta anos se passaram sem que pregasse os olhos um momento sequer. Nem um cochilo ele conseguia tirar.

Aos dezesseis, ganhou os jornais. Passou meses sendo nota de rodapé até conquistar os programas de televisão. Um importante canal filmou Armando por duas semanas, acompanhou o seu dia a dia em casa e nas idas ao hospital. Foi a uma unidade de tratamento improvisada no estúdio, onde uma roda de médicos opinou sobre o seu caso e uma apresentadora fez perguntas descabidas. Tornou-se "O Garoto Que Não Dorme" e esse garoto se tornou um homem, sócio e administrador do Neon Azul.

– Ganhei uma fortuna graças à mídia. O dinheiro está mesmo na televisão. Mas também lucrei com os laboratórios – explicou para Gabriela.

– Achei que cobaias fossem voluntárias.

– Oh, não. Existem dois tipos distintos: as desesperadas que oferecem os corpos para estudo em busca de cura e as que são requisitadas por possuírem um dom especial. O meu foi poder ler livros e ver os filmes que eu baixava no computador.

– Conheci uma mulher que mexia os olhos em direções diferentes. Eles iam e vinham sem sincronia enquanto trepávamos no sofá do terceiro andar. Até hoje não sei como terminei aquela porra sem vomitar. Era um dom e tanto, mas não sei se gostariam de estudá-lo.

Armando já havia repetido a história centenas de vezes. Vivia falando do passado para pessoas que não se interessavam pelo seu presente. Tratava tudo com uma falsa naturalidade que usava para fingir a superação de uma época sem testemunhas, apenas registros em imagens cheias de rabiscos, como a dos filmes antigos que se acostumara a assistir. Às vezes, quando forçava a memória,

cejas de seus clássicos prediletos preenchiam os espaços em branco. Brigava com um irmão chamado Rocco, perambulava de bicicleta na Itália do pós-Guerra, dava seu melhor gancho de direita nos ringues de Jake LaMotta, nadava na piscina da mansão mais famosa de Sunset Boulevard.

Os cabelos negros de Armando escondiam marcas de pequenas incisões. Estavam lá para lembrá-lo de que havia algo mais nas meias verdades que ouvira de seus pais. Diziam que fazia os testes para o bem dele e da ciência, entretanto, cada vez que Armando deslizava os dedos pelas cicatrizes, era o tilintar das moedas que ressoava em seus ouvidos.

Além da grana recebida, Armando percebeu as outras vantagens de ser especial. A principal foi o tempo. Era como se vivesse cento e cinquenta anos, tinha um bônus de hora útil para gastar. Enquanto os homens comuns dormiam enroscados em lençóis e travesseiros, sonhando coisas sem sentido, Armando colocava corpo e mente para trabalhar.

Estava sentado na primeira mesa de frente para o tablado de *strip* e bebia um chope. Eram dezesseis horas de mais uma tarde chuvosa como todas daquele verão de dilúvios de hora marcada. Sorte os clientes não terem medo de água. No Neon Azul era assim: houvesse pingos, poças ou alagamentos, as pessoas estavam lá.

O bar tinha um público cativo. Rostos conhecidos que desfilavam nas noites azuladas. O mérito era de Armando. Ele escolhia as atrações, paparicava os clientes, presenteava-os com pequenos dengos e mimos. Sabia fazer com que cada um se sentisse único e especial.

– Aquele ali não é o Lucas Moginie? – perguntou Gabriela, interrompendo a conversa. Tinha acendido uma cigarrilha. O encanto pela história de Armando deu lugar a um ataque de tietagem. Armando não se incomodava. Gabriela ouvia a mesma história todas as noites.

– É o próprio. Por onde andam as garçonetes deste bar? – murmurou para a dançarina – Vá servi-lo, Gabriela. Distraia ele até alguém aparecer. Elas devem estar lá para cima. Diachos.

– Será que ele me colocaria em um dos livros dele?

– Por que não pergunta pessoalmente? Ande. Ande, mulher.  
– E você?  
– Depois. Tenho que subir para falar com o Homem.  
– Ele está aí?  
– Na sala. Você não viu ele passando.  
– Queria tanto conhecê-lo.  
– Por que ainda está aqui falando comigo? Mova esse corpo coberto de paetês e chame o barman. Felipe! Onde se enfiou todo mundo? Quanta demora. Diga que o primeiro drinque será por conta da casa. E se continuar me olhando vou descontar do seu salário.

– Lucas Moginie e o Homem no Neon Azul na mesma noite!

Gabriela quase derrubou a cadeira. Armando ajeitou-a com discrição e subiu para o mezanino, deixando a responsabilidade nas mãos da dançarina, que se movia de maneira elétrica ao olhar para Lucas. O escritor era a invasão de privacidade em pessoa, transformava gente real em personagem de livro, uma chance ambulante de autopromoção dos que o rodeavam. Tinha como marca relatar a vida noturna da cidade, frequentando bares e inferninhos para colecionar histórias de alto teor alcoólico.

Lucas estava terminando um de seus trabalhos e se deparou com o milésimo bloqueio criativo. Acontecia sempre que comprimidos e drinques deixavam de habitar os mesmos copos. Sabia que teria dificuldade no futuro, mas o futuro era uma data distante na fila de seus problemas.

– Posso me sentar? – perguntou Gabriela, se antecipando à resposta.

– Um cavalheiro não recusa a companhia de uma dama. Mas você pode se sentar também.

– Trouxe para você. Armando disse que é por nossa conta.

– Ele é muito gentil. Quem vê até acredita. Cadê o rapazinho do bar?

– Deve estar ajudando a arrumar as coisas lá em cima.

– Chefe na área.

– Você viu o Homem chegar? – perguntou Gabriela, interessada. A presença dele a excitava de modo inexplicável. Não entendia por



que nunca via um sujeito que diziam ser tão chamativo.

– Estava perdido nos meus pensamentos. Só o percebi quando bateu a porta do mezanino. Gostaria de saber qual a relação dele com Armando.

– São sócios. Só isso. Eu acho. Você acha que eles têm um caso?

– Um caso? – os dois riram descontraídos. – Claro que não. O Armando não faz o tipo dele. Nem o dele nem o de ninguém.

– Não seja tão implicante! Que mania vocês dois têm de se alfinetarem.

– Eu só retribuo o tratamento personalizado.

– Queria te ajudar.

– Acha que ele me autorizaria a escrever sobre o Neon? – assuntou Lucas, vendo os olhos de Gabriela se acenderem. – Se eu soubesse um pouco mais sobre a história do lugar e como Armando conheceu o Homem, poderia criar uma ótima trama.

– O que posso fazer?

– Esquecer – Lucas baixou os olhos, ciente de que havia plantado a ideia na cabeça da dançarina. – Dar atenção a bêbados insistentes como eu é perda de tempo. Há regras que são imutáveis, e infelizmente essa é uma delas.

Gabriela concordou com a cabeça, desapontada. Já imaginava um livro contando seus movimentos no palco. Sabia até que roupa usaria durante a cena.

– O garoto chegou – Lucas apontou para o bar. – Peça outra para mim e uma para você. Eu pago.

– Aceito uma água tônica. Não costumo beber no trabalho.

Armando aumentou o ar condicionado e se sentou à mesa. O Homem estava no sofá. Apesar de dono do Neon Azul, dispensava a cadeira do gerente e sócio. Seria uma piada falar que era discreto ou que não gostava do poder, mas eram tais contradições que faziam dele quem era.

Não é que fosse calado, só não desperdiçava palavras. Tratou dos assuntos com brevidade e foi sucinto nas explicações. Armando iria sofrer um atentado. Contatos haviam descoberto que um grupo religioso considerava o gerente a reencarnação do Anti-Cristo, uma

espécie de demônio da terra. Nas escrituras sagradas que moviam seus encontros, um profeta dizia que o filho de satã seria descoberto por percorrer as noites e dias sem se recolher ao mundo dos mortos. A seita acreditava que os homens de bem vagavam por este mundo ao dormir, reencontrando parentes e enfrentando perigos imateriais.

Armando quis saber por que somente agora o grupo havia resolvido agir. O seu caso de insônia crônica não era nenhuma novidade.

– Cultos religiosos são anacrônicos, atemporais e sem sentido. Fique atento.

O outro assunto se referia a Ricardo. O Homem pediu que Armando fosse mais gentil com o cliente. Não era por uma recusa de convite que deveria ser tratado mal.

Armando reagiu. Ninguém deveria se recusar a conhecê-lo, falou. Havia gente – pensou em Gabriela – que morreria para isso. O Homem nada respondeu. Levantou-se, espanou o terno com as mãos e saiu. Seus seguranças vieram atrás.

Felipe já estava de volta ao bar. Tinha um metro e oitenta de altura, o corpo maltratado por anabolizantes e articulações doídas pelos anos de academia. Era calvo e um barman muito eficiente. Ninguém sabia preparar drinques como ele. Ao seu lado estava Diego, o aprendiz. Tinha um mês de casa e se saía bem com as misturas. Armando já pensava em colocá-lo no quadro de efetivos. O garoto parecia levar jeito.

Gabriela seguia se entretendo com Lucas Moginie. Armando se juntou a eles ainda assimilando a informação do atentado. De longe, reparou a quantidade de copos na mesa e pediu que Felipe trouxesse os drinques especiais. Em dez minutos, três enormes cálices que mais lembravam taças de sorvete chegaram à mesa. Tinham uma bebida azul borbulhante e gelada que suava o cristal. O aroma lembrava vagamente anis. Felipe se recusava a contar a receita.

Lucas balançou vagarosamente o copo, apreciando o cheiro da bebida. As feições de monge em meditação fizeram Gabriela achar

que ele estava entrando em coma alcoólico.

– Absinto?

– Passou longe.

– Se cada vez que vier aqui vocês me trouxerem um copo destes, eu vou me tornar dependente químico do Neon. O vício psicológico já se estabeleceu.

– Alguém que anda por tantas casas! Meros elogios.

– É um escritor, sabe usar as palavras – emendou Gabriela.

– É uma pena que não possa escrever sobre o Neon.

– Regras são regras.

– É. Regras são regras – repetiu Lucas, provando mais do drinque.

Armando abriu os olhos no mezanino. Gabriela fitava-o da porta. Será que o homem que nunca dorme havia adormecido?

– Quando fecho os olhos vejo uma tela preta. Em segundos, começo a repassar filmes inteiros, páginas de livros. Tenho a impressão de que minha mente, imaginação, poder criativo, ou seja lá como queira chamar, se desativa com um movimento de pálpebras. Só meus neurônios *nerds* têm algo a declarar.

– E o que queria ver?

– O dia da minha morte. Você acha que eu tenho alma? Acha que eu vou viver para sempre? – perguntou Armando, se ajeitando e convidando Gabriela para se aproximar.

– Que bobagem. Todo mundo tem alma. Todo mundo morre.

– E todo mundo dorme.

Gabriela emudeceu. Não era muito inteligente. Tecer comentários podia ser arriscado e não queria ofender ninguém. As únicas palavras que escolhia com precisão eram “vamos para a cama” e “foi maravilhoso”.

– Vou sofrer um atentado. Achava que tinha o corpo fechado. Por alguma razão sempre supus que nada de mal pudesse me acontecer. Até que ontem me vem o Homem contar de uma seita que me odeia. Estou com medo de morrer. Posso redobrar a quantidade de seguranças, reativar o detector de metais na porta. Instalar mais uma ou duas câmeras, mas mesmo assim o medo permanecerá.

– É natural. – O que podia dizer? – Comece pelo que acabou de me falar. A morte bate à porta sem avisos. Agradeça por ter recebido um e não desperdice a chance de escapar. Além do mais, segurança é um puta fetiche. Vai esquentar o clima.

Armando pediu que Gabriela se retirasse e então realizou alguns telefonemas. Eram quatro da madrugada, mas quem se importava? Ele não, certamente. Assim que soubessem quem falava desse lado da linha, levantariam e começariam a trabalhar.

Sua casa era uma pequena fortaleza, disfarçada por arremates de gesso e alvenaria. Apesar de não dormir, o quarto era um dos cômodos principais. Dele podia-se chegar à parte do terraço transformada em sala de cinema, com som estéreo, tela led de cinquenta e cinco polegadas e assentos acolchoados. O forro era amarelo, para diferenciar das tradicionais.

O dvd já estava no lugar. Havia escolhido Cidadão Kane. Estava desenvolvendo uma obsessão pelo filme, queria esbarrar com o personagem a qualquer instante, perguntar o que era Rosebud, afinal. A sensação aumentava quando descia as escadas de volta ao quarto. Acreditava que Kane estaria lá, sentado na cadeira de balanço, deixando o copo de bebida cair no chão.

Dessa vez, não conseguiu se interessar. Foi até a estante e pegou suas fitas antigas. Nelas, gravações dos dias que passara em clínicas, sendo estudado. Eram seu tesouro particular. Tinha gastado muito dinheiro e sangue alheio para consegui-las.

Quarto 414, fita número cinco.

Antes da gravação no quarto, o alguém por trás da câmera filmou o número da porta, o corredor quase vazio e a enfermeira que passava. Armando havia utilizado aparelhos especiais para ampliar a imagem, identificar o rosto dela e o nome no crachá sem obter sucesso. Mocinha de sorte. Hoje devia ser mãe de família.

De repente a câmera andava para trás e acontecia um corte. Aparecia um médico que se identificava como doutor Victor Caligari. Por trinta minutos ele falava olhando para a câmera, revelando detalhes do estudo. Pela maneira como movia os olhos, devia estar lendo um papel. Dados sobre o experimento.

As informações confidenciais se transformaram no norte de Armando. Seu ponto de referência. Vendo as fitas, se curava das crises de identidade, afogava os instantes de solidão. Era como ler um desses livretos de signos que dizem a pedra da sorte e a cor predileta. Nenhum ser humano, homem ou mulher, conhecia-o melhor do que o doutor de bigode e cabelos grisalhos. Ele era sua consciência, a expressão verdadeira do seu ego. Um sádico atrás da tela de projeção.

A imagem balançou. O vulto branco atravessou na frente da lente, ajeitou a cadeira e se mirou. Analisava sua imagem. A camisa social quadriculada sumiu debaixo do jaleco. A íris azul brilhou em destaque sob o canhão de luz. Era um registro profissional, apesar da aparência de vídeo caseiro.

O doutor chamou seus assistentes. Dois gordinhos puxaram um equipamento com tela plana para perto de Victor. Gráficos de ondas cerebrais iam e vinham, intercalando-se com chuviscos. A imagem se estabilizou. Os ajudantes foram embora. No máximo do volume era possível ouvir uma porta batendo.

A tela foi partida em duas. Victor controlava tudo agora. Em uma metade ele e seu gráfico, na outra, testes que enchiam um jovem Armando de tédio. Quantos anos tinha? Vinte e um. O dado vivo em sua memória.

Nessa época, um laboratório farmacêutico pediu que fizesse uma batelada de testes e exames, internado, sem contato com o mundo exterior. Já era dono do próprio nariz e precisava de dinheiro. Seus pais haviam roubado o que tinha e perdido a maior parte no processo de separação, bancando advogados caríssimos, inclusive a que se tornaria sua madrasta. Ficou com um terço do que sobrou e nunca mais viu os dois. Agora tinha que se virar.

Doutor Victor veio junto com a segunda chance e as novas mordomias. Tornou-se um confidente. Armando se espantava com as coisas que havia dito para ele. Rancor dos pais, um senso de desprezo diante do mundo. Sentia-se não privilegiado, mas superior, dizia que estava ficando rico e que só por isso aturava as maluquices do médico. Como de costume, Victor respondia com calma, apaziguando ânimos. Falava do quanto devia ser doído para

uma mãe se separar do filho, lembrava a importância de prosseguir com os estudos. Mostrava-se um verdadeiro profissional da massagem de ego.

– Soldados que não dormem, pode imaginar? Pílulas para estudantes no pré-vestibular. As aplicações são muitas. Você ficará cada vez mais rico sem mover um dedo. Seus pais só estão cuidando do seu futuro. Pense nisso como uma poupança de aplicação diária. Quando sair daqui poderá fazer o que quiser, conhecer os quatro cantos do mundo.

E como prova de sua amizade sincera, Victor pediu que a enfermeira fizesse companhia ao seu amigo, para amenizar a solidão. Foi a melhor noite de Armando como rato de laboratório, uma doação de seus genes para a posteridade. Um presente devidamente filmado.

Fita número seis.

Armando foi transferido para um novo cômodo que mais parecia um quarto de hotel, exceto pela ausência de janelas. Do lado direito havia um banheiro de espelho amplo e uma ducha muito melhor que a de sua casa. Tomou um banho demorado como não fazia há tempos. Victor justificou dizendo que o laboratório estava contente com os resultados, entrariam em uma nova etapa dos experimentos. A última fase dos estudos.

Armando passou dias trancafiado, sem ter o que comer. Bebia água da torneira e chorava a fome que sentia. Na pequena televisão, apenas programação pornô. Viu todas as combinações possíveis de um ato sexual, descobriu em si sensações que desconhecia. Desistiu de gritar quando a garganta arranhou. Encolheu-se na cama com o travesseiro no rosto, disposto a dormir para o tempo passar mais rápido. Apagou a luz mesmo sabendo que seria impossível e zerou seus pensamentos. Logo a tela preta encheu-se com o colorido dos corpos e seu vaivém constante, exagerado. Decidiu ligar a televisão outra vez e mergulhar nos gemidos. Queria o som. Tentou se masturbar sem muito sucesso. Nem desse jeito conseguiria fugir.

Assim que ouviu o tilintar das chaves e o clique da maçaneta girando, avançou sobre Victor Caligari. O médico parecia tenso, com

olheiras profundas.

– Não sei como aguenta tanto tempo sem dormir, rapaz. Estou me sentindo um zumbi.

Sem dar muitas explicações, Victor abriu uma enorme bolsa e deixou o jovem se fartar com a comida que trouxera. Armando engolia a sobremesa quando sentiu uma picada no pescoço. Levou a mão até o ardido e tombou no chão, vendo o médico guardar a pistola de injeção. Fez o que pôde para se colocar de pé, mas estava cada vez mais zozzo. Paredes, chão e teto rodopiavam, insistindo em mudar de lugar.

Victor fez questão de arrumar a cama, trocar os lençóis. Largou a bolsa em um canto, tirou de dentro dela uma nova fronha. Carregou Armando para cima com algum esforço, ajeitou-o sobre o travesseiro. Puxou o corpo para frente para tirar sua camisa. Fez um rápido malabarismo para puxar a bermuda e por fim a cueca do jovem. Tirou a própria roupa como quem tem a eternidade pela frente e sumiu pela porta do banheiro. Voltou com os cabelos molhados, se acomodou na outra ponta da cama e se ajoelhou. Ajeitou as pernas de seu paciente de modo a encaixarem na curva de seu braço. Armando, o jovem, não conseguia reagir. Estava dopado, de olhos abertos, mole como um boneco. Armando, o adulto, acomodado em sua sala de cinema, desligou o vídeo momentos antes da penetração. Fechou os olhos com raiva, estavam secos, sem lágrimas para chorar. Na tela preta de sua mente, cenas da mansão de O Anjo Exterminador. Nenhum sinal de memória. Se não fosse pelas fitas, juraria que aquele na tela era outro homem. De certa maneira, não deixava de ter razão.

A fita número seis era o último registro de Victor Caligari. A polícia encontrou Armando na rua, em péssimo estado de saúde. O laboratório farmacêutico responsável pelos testes pagou uma indenização gorda, com direito a bônus para contrato de sigilo. Disse que o médico enlouquecera, uma mentira aceitável diante de tanta grana.

Depois de passar um ano fora, Armando se mudou para a Zona Sul. Um pesquisador universitário o procurou com um novo projeto. Foi dele a ideia de usar o tempo extra de Armando para testar

diferenças na capacidade de aprendizado durante o dia e a noite. Armando devia muito a ele. Foi o gosto pela cultura despertado nessa época que o tornou uma figura interessante para o Homem.

Após o reflexo paradoxal de um bocejo, Armando devolveu as duas fitas à estante. Desenhou um sorriso na poeira acumulada e depois o apagou. Era hora de pegar um chá e ler um livro.

Gorilas uniformizados haviam sido distribuídos pelos andares do Neon. As câmeras de vigilância estavam com angulação mais aberta e as escadas também eram vigiadas. O mezanino recebera um minitevisor no qual Armando podia ver a mesma imagem transmitida para o centro de segurança improvisado no *dark room*.

O calendário marcava sexta-feira. Um dj internacional tocava uma bossa-nova eletrônica, agitando o primeiro andar. Sem cadeiras nem mesas, tinha se transformado em uma imensa pista de dança. A acústica bem planejada não permitia que o som se misturasse com a música ambiente do andar de cima. Gabriela estava encerrando uma apresentação. Tinha adorado a ideia de ceder o palco para o dj convidado e usar uma única mesa para seu número.

Na plateia, mil rostos conhecidos. Ricardo acenou de longe. Estava com uma bela mulher. Jonas mandou um beijo. Havia feito uma tatuagem nova no pulso. Quem era o velho de barba passando?

Armando estava trancado em sua sala. Alternava os canais por diversão. O medo de morrer havia diminuído. O minitevisor era um exagero em sua opinião. E a câmera na escada para o banheiro? Mandaria tirar assim que possível.

O telefone tocou dando um fim à sua ansiedade. A voz familiar do comandante da polícia avisou que o fanático religioso que pretendia matá-lo tinha sido preso. Era uma seita de um homem só. Tinha fotos de Armando recheando um caderno, pastas que falavam sobre sua infância conturbada. Ignorando o tom apreensivo do policial, Armando respirou aliviado, quase deixando escapar o rosto que o encarava pela tela.

Não podia ser.

Sem tempo de se despedir sem ser rude, soltou o telefone sobre a mesa e desceu a escada velozmente. Como ousava enfrentá-lo desse jeito? A correria fez com que os seguranças se agitassem. Na



central, analisavam todos os canais em busca de algum perigo iminente.

Armando atravessou a pista de *drum'n'bossa* e voou para o segundo andar. Gabriela apontou a direção. Ela também conhecia a fita, identificara o rosto. Estava suando frio, muito branca. Esforçou-se para disfarçar, errou um passo, retomou a concentração.

Ricardo percebeu a aflição na troca de olhares entre os dois. Armando sinalizou com a mão para que ficasse no lugar e correu para o andar de cima, procurando o vulto. As portas de vidros negros da *peeping room* balançaram. Nenhuma dançarina se apresentava, nenhum *voyeur* estava nas janelinhas. Entrou fingindo calma e mandou que os seguranças impedissem a passagem dos clientes até que ele saísse.

Estava no quarto. Nenhuma luz. Escuridão absoluta. Lembrou-se das experiências, das incisões na cabeça. Tinham testado o seu medo, deixado-o em um quarto escuro, sozinho, imerso em sons angustiantes, gemidos de dor e sofrimento. Tateava as paredes em busca do fantasma do passado materializado na tela. Julgaria ter enlouquecido, não fosse Gabriela. Ele o tinha encontrado. Ele estava vivo.

Uma mão fraca e ossuda tocou em seu ombro, e Armando deu de cara com seu algoz, Doutor Victor Caligari. O bafo de formalina fez a sua vista arder. Quis arrastá-lo para a luz, para fora do quarto escuro, queria ver o rosto do desgraçado. Tentou segurar o frágil esqueleto, mas não o encontrou. Uma risada desagradável ecoou em sua mente. Uma risada igual a das fitas. Armando não sabia mais onde ele estava. Girava buscando um sinal de sua presença. Se escutasse uma respiração mais forte pularia de susto.

Sentiu tocarem em seu corpo novamente, uma mão macia que o acariciou na nuca com delicadeza. Armando abriu os olhos, viu o minitelevisor, o sofá, uma réplica de Chagall, o telefone em suas mãos, as paredes de vidro do mezanino.

– Você está bem?

– Estou. Acho... eu acho que adormeci.

Confuso entre sonho e realidade, bastou uma visita do Homem para Armando se certificar de que o maluco do culto tinha sido preso. Ao contrário do que acontecera em seu sonho, mais um punhado de gente havia ido para a prisão junto com ele. Malucos nunca andam sozinhos. Sabia que buscar explicações com o chefe seria inútil. Sua tentativa resultou em um sorriso consolador de quem diz sem dizer que está tudo bem, pode relaxar. O resto, deixasse com eles.

Armando rompeu o contrato com a equipe de segurança. Raul e Jamelão voltaram a ser os reis da entrada. O minitelevisor foi mantido, a câmera na escada do banheiro também. No começo, Armando ficava mais tempo no mezanino do que no restante do bar, espiando, mas perdeu o interesse com o passar das noites.

Era uma quinta-feira. Estava aplicando uma nova sessão de bebedeira em Lucas Moginie quando Raul veio comunicar a visita. Oscar estava parado na porta, dentro de seu carrão de milionário. Não pretendia entrar. Armando foi para fora. Ver o ex-morador de rua dentro de um carro que custava o preço do seu apartamento passava-lhe a noção real do mundo que dá voltas.

– E aí, velho amigo.

– Vai entrar?

– Outra hora.

Oscar perguntou se estava tudo bem. Armando respondeu que sim. Sempre estava. O milionário tirou um cartão do bolso e lhe entregou entre dedos.

– Não faz ideia de quantos espelhos tive que atravessar para encontrá-lo – disse, sumindo atrás da janela automática. No cartão, o endereço de Victor Caligari.

“Não tenha pressa. Ele foi bem amarrado”.

O velho era esperto, tão ambicioso quanto louco. Havia engordado a conta bancária com o dinheiro desviado das pesquisas. Oscar precisou ativar antigos contatos para encontrá-lo e fazê-lo sumir sem deixar vestígios.

O plano inicial de Armando foi arrastar Victor para um lugar onde pudesse torturá-lo sem intromissões. Estava pensando em armar um telão e exibir vídeos pornôns para o infeliz, até que ele caísse seco ou morresse de inanição. Os choques ele improvisaria com fios desencapados. Se desse muito trabalho, um par de socos resolveria a questão. Poderia transferir o seu cinema particular para o local em uma única viagem. Como se divertiria ao lado do doutor.

As cenas se repetiam em sua cabeça. *Play. Pause. Rewind.* Sorria se deliciando com as possibilidades quando encarou as portas do bar. Seu rosto foi banhado pelo tom azul. Lembrou-se de que era especial, de que não tinha medo da morte. Sentiu-se invadido pela luz que irradiava das lâmpadas de neon posicionadas sob o toldo transparente. Encarou as escadas, os degraus delineados com tubos luminosos. Tinha projetado uma iluminação perfeita. Começou a subir.

Que o velho apodrecesse sozinho, pensou. Não merecia sua companhia.

Na mesa, chamou por Felipe e o ajudante dele. Traga um Neon Azul, pediu com urgência. Queria fazer um brinde.

Lucas precisou de Gabriela para conseguir se manter de pé. Armando rasgou o cartão e o colocou no cinzeiro. Pediu emprestado o isqueiro de Lucas, jogou um pouco da bebida por cima dos pedaços e ateou fogo.

– Sabe, Armando, o Ricardo veio cheio de elogios para a Dita, acho que finalmente ele conseguiu levar a mulher para a cama. Ela é boazinha. Tem uma voz de ouro – falou Gabriela.

– Nada como saber consolar alguém. Num dia ela estava cabisbaixa, no outro era só sorrisos. O que importa é que ele me conseguiu uma boa cantora e o bar está enchendo. O que eles fazem fora daqui é problema deles.

– Ele está no segundo andar como de costume?

– Hoje ele não veio. Passou mal. Deve ter sido o novo remédio.

– Pobre rapaz – Lucas balançou a cabeça. – Vamos beber em homenagem a ele e a Dita. Que façam muito sexo!

Enquanto Lucas virava o copo, Armando se retirou. Parecia preocupado. Gabriela o seguiu até o bar. Queria ir com ele para

casa. Visitar aquele quarto, fazer sexo nas poltronas amarelas do cinema particular.

– Acha que alguma coisa mudou?

Gabriela se referia ao cochilo. Cinco minutos dormindo em uma eternidade de dias e noites acordado. Armando imaginava que iria acontecer a qualquer momento. Um processo reverso da sua síndrome. Iria se apoiar nas paredes e acordar estirado no chão, sem entender o que havia se passado. Estava errado. Percebeu dias depois. Percebeu a razão do breve mergulho na inconsciência.

Adivinhando pensamentos, levou Gabriela para casa. Transaram na sala de jantar, depois repetiram no quarto. Ela rolou para o lado na cama e adormeceu. Ele passou a madrugada observando seus traços, passando filmes de Chaplin enquanto pensava nas fitas. Armando não sabia qual seria sua reação ao se aproximar delas agora que decidira o destino do doutor carrasco. Se seguisse em frente na decisão, uma parte de sua vida sumiria de vez de suas memórias.

Com a ajuda de Raul e Jamelão, levou as fitas para um terreno baldio, todas elas, as dos momentos bons e as dos ruins, e as queimou. O cheiro forte de plástico derretido foi insuportável. Gabriela também estava presente. Vestira-se com sua melhor roupa, como se fosse a um enterro.

Quando as fitas terminaram de queimar, Armando arremessou as pastas com reportagens e folhas de jornal, pouco a pouco, vendo as chamas consumirem o passado. Foram fotografias, notícias, cantos de colunas de quinta categoria. Tudo queimado.

Pensou em se atirar ao fogo. Testar sua imortalidade. Desistiu.

Contrariando o dito popular, não importava o caminho percorrido, mas onde havia chegado. Finalmente podia olhar para frente e traçar novos objetivos.

Começaria revendo Cidadão Kane. Dessa vez, iria até o final.

O boneco na garrafa



Acho que todos contam uma história dessas um dia, seja para o filho numa conversa mais franca ou para um amigo em noite de bebedeira. Somos assim, egoístas e ciumentos com nossas memórias, mas com anseios fervorosos de compartilhá-las antes que os detalhes se esmaçam e achemos que foi só mais um sonho pré-ressaca.

Saí do escritório de advocacia pensando em minha mulher. Afrouxar o nó da gravata e jogar o paletó sobre o ombro procurando meu Chrysler na garagem era rotina dos fins de tarde, parte da transição do ar condicionado da sala para o bafo quente das ruas do Rio. Dessa vez, dei de cara com um motor que não pegava, estragando a curtição. Liguei para a companhia de seguros e me disseram que apenas no dia seguinte resolveriam o problema. Sabia que não devia ter dito que ele estava estacionado em uma garagem protegida. Quando argumentaram que eu tinha direito a um táxi, simplesmente dispensei. Voltaria para o escritório para tomar uns tragos e mais tarde decidiria o que fazer.

O dia tinha começado mesmo diferente. Pela janela cinzenta, eu tinha a visão do centro da cidade, um organismo vivo com homocélula correndo em suas veias. Por motivo de limpeza da tubulação, o ar condicionado fora desligado de manhã, então abri as janelas e esperei o vento quente do verão me atordoar, levando embora sentidos e sentidos. Um desmaio faria o tempo voar. Queria fumar um cigarro, uma marca que não existia mais.

Me levantei para pegar um documento na gaveta da estante. Em cima dela, havia um boneco de pano dentro de uma garrafa. Era feito de uma linha marrom bem grossa, similar a de sacas de arroz. Possuía olhos de botões verdes, unhas feitas de agulhas de costura e se mantinha de pé, invariavelmente, apesar de sua aparência molenga. Tinha sido um presente de Armando, futuro gerente de um inferninho que eu havia ajudado a manter aberto, livrando-o de um processo. No dia que me entregou o boneco, disse que era um amuleto de boa sorte diferente e que eu deveria mantê-lo por perto quando estivesse trabalhando. Meu chefe abriu um sorriso de orelha a orelha quando viu o boneco na sala, ainda largado sobre a mesa.

Nem pense em levá-lo para casa, disse ele, quero vê-lo sempre que passar por seu escritório.

Encarei o boneco com um sorriso de solidão e me pus a procurar o documento. De vez em quando espichava um olho para quebrar a impressão de que ele me observava e, num gesto automático, sorria outra vez acompanhando seus lábios de linha.

Voltei para a mesa espiando o documento e lustrando o ego ao relembrar o bom trabalho. Vi de relance um movimento, uma sombra repentina, e encontrei um pássaro resfolegante sobre minha caixa de cigarros, um canário de topete. Se meu pai ainda estivesse vivo me passaria um sermão dizendo que criadores de respeito chamam os pássaros pelos nomes certos e que Gloster era para se pronunciar enchendo a boca, mas canário de topete sempre me parecera mais simpático.

Fechei as janelas na mesma hora e decidi por nós dois que ele seria meu. Se o chefe entrasse na sala e o visse, diria que nem tinha reparado. Mais tarde daria um jeito de levá-lo para casa e reativaria uma gaiola velha.

Cansado e assustado, ele voou para a estante, ficou indeciso entre um livro de direito e um busto de Mozart, e acabou pousando ao lado da garrafa. Pela primeira vez, vi o boneco de pano se mexer. Uma leve entortada de pescoço na direção do canário, mantendo imóvel o restante do corpo. Seus olhos de botão o miravam, inexpressivos. Se não fosse assustar o pássaro, teria me aproximado da garrafa para ter certeza do que via.

Passamos o dia nos espiando. O ar condicionado voltou a funcionar e eu me entretive com a papelada. Ele, lá parado, resfolegava sem saber o que fazer. No seu lugar, daria uma volta pelo escritório e pediria um cigarro. Cheguei a chamá-lo educadamente, fazendo a voz ridícula de quem fala com animais, sem me espantar com seu desprezo. Nem cantar ele cantou. De onde teria fugido?

De tanto silêncio, me esqueci dele. Só voltei a olhar na sua direção quando o telefone tocou, mas só avistei um amontoado de penas. Espiei em volta tentando entender o que tinha acontecido, até que a ficha caiu. Encerrei a ligação o mais rápido possível e fui

direto para a estante. Sem grande surpresa, percebi que o boneco de pano voltara a olhar para frente. Podia ser só impressão, mas achei sua barriga ligeiramente estufada.

Droga. Meu acesso de egoísmo havia matado o pássaro. Maldito boneco. Ou seria loucura da minha cabeça? Me recusava a ficar na dúvida, mas não era louco de quebrar a garrafa e rasgar sua barriga trançada. No fim das contas, era um presente de Armando, e todo advogado sabe bem para quem ele trabalha. Definitivamente quebrar a garrafa seria mau agouro. A única opção era comprar um novo canário.

O mais baixo que cheguei foi arrancar dinheiro de uma velha que lutava pelos bens do marido falecido. Caso complicado. Ela tinha cinco filhos, cinco pequenos abutres carniceiros loucos para vê-la em decomposição junto ao marido. Não podiam conceber que a mãe pudesse administrar a dinheirama herdada. No final tudo acabou bem. Passados três anos a mulher morreu de parada cardíaca. O gato preto pulou em cima do sofá quando a pobre azarada assistia a uma reportagem sobre a crise da bolsa. Ataque fulminante. Tanto trabalho. Foram dezenas de reuniões para convencer os carcarás de que era direito da mãe fazer o que bem entendesse com o dinheiro e ela me morre assim, de susto. Como era de se esperar, depois da morte, os filhos procuraram outro advogado. Perdi cinco clientes potenciais e o dinheiro da disputa entre eles, mas ganhei o suficiente para terminar a obra do terraço, madeira de lei para as colunas.

O celular tocou e quase sou eu quem bate as botas. Estava analisando meu boneco de pano, procurando restos de penas em seus dentes inexistentes. Nenhuma piscada, nenhum movimento que acusasse um sopro de vida. Conteí todo o drama existencial para a esposa aflita do outro lado. Do que adianta ter dinheiro se ficamos a pé na volta do trabalho? Não podia conceber tamanho sofrimento, pobrezinha. Consolei-a como pude. Apesar das doses de uísque, eu também não estava gostando da situação. Sei lá por que não peguei um táxi! Tive um dia cheio. Muitas reuniões. Muitas



queixas e reclamações do chefe. Um canário de topete e um boneco faminto.

Sapatos apertados. Funcionavam bem reluzindo debaixo da imensa mesa do escritório. Combinavam com as calças de bainha sob medida para aparecerem as meias caras que ninguém se importava. Tinham o calcanhar projetado para dinamizar o conforto do dono. Um papo furado desses na embalagem. Não havia me convencido da veracidade, mas me estimulava a experimentar. É uma teoria que nos move em certas ocasiões da vida. A maioria cai em golpes financeiros por ter esse comportamento. É a natureza humana. Não precisa ser verossímil, basta ser interessante. Interessante o suficiente para que o público-alvo queira repetir a dose. Mais um copo de uísque. Hora de voltar para casa. Decidi tirar o boneco de pano da estante e trancá-lo na gaveta. Não comeria nada até a minha volta.

Ela era muito bonita quando a conheci na faculdade. Na época pintava os cabelos de loiro platinado. A pele clara de sardas realçava os olhos verdes puxados para o castanho. Uma preciosidade. Usava salto alto, vestidinho da moda e desfilava uma coleção de frescuras e hábitos saudáveis. Atrás dela andava uma fila de clones e patricinhas. Quem as visse de relance pensaria estar vendo dobrado. Uma alucinação. Por um mês usaram a mesma bolsa. Um marco sem precedentes na história da breguice. Mas ela era linda e eu achava sua voz deveras sedutora.

Eu a chamei para jantar no terceiro período. Restaurante de comida escandinava. Adorava ver a inveja nos olhos dos homens e mulheres a nossa volta. Tínhamos rostos típicos de quem vence na vida. Nossas auras indicavam um futuro brilhante. Tive o prazer de me casar com ela.

Atravessei a rua para tentar escapar da fumaça que saía de uma pastelaria chinesa. Se reproduziam mais do que coelhos nas esquinas da cidade, com seu cheiro de fritura e balcões de azulejo branco. Dei mais uns passos driblando as mesas de um *happy hour* armadas na calçada e parei para admirar a luz azul. Não havia nome na porta, só o número. Peguei o celular para espiar as horas

e o devolvi ao bolso. Junto com ele deixei a aliança, que deslizou suave pelo dedo. Minha esposa tinha razão, eu precisava me alimentar melhor.

O táxi ficaria para depois.

– A que horas abre? – perguntei ao segurança. Ele me analisou da cabeça aos pés. Suspeitou da minha esposa, olhou a marca no meu dedo. Podia ver através de suas pupilas. Engomadinho de terno e gravata, porra nenhuma. Se não fosse eu essa espelunca não estaria aberta.

– Já estamos funcionando, senhor.

– Muita gente?

– É o horário que mais enche. O povo emenda do trabalho direto para cá. Mas não se preocupe com a sua privacidade.

– Tem preço para entrar? Consumo?

– Você paga o que consumir para quem consumir – disse, com a ironia de quem já havia repetido a frase inúmeras vezes. Odiava me passar por iniciante. – A entrada é liberada até meia-noite.

– Posso entrar para dar uma espiada sem pagar nada?

– Por mim. Mas aviso que não vai querer descer.

E pela primeira vez, entrei no Neon Azul.

A famosa escada ainda não tinha tubos luminosos nos degraus e as paredes eram pretas, um pano aveludado, nada de espelhos. A marquise que abrigaria Oscar estava em obras. O segurança insuportável tinha os dias no emprego contados. Mas eu não sabia de nada disso.

Escorado em uma pilastra enquanto analisava o ambiente, contemplei uma mulher que abandonava a juventude dançar de maneira exótica. Usava um salto plataforma dourado e a parte debaixo de um biquíni da mesma cor. A pele era um registro orgânico da exposição prolongada ao sol. Ostentava um tom bronzeado que não escondia as rugas de ressecamento.

Havia um garoto no bar que esfregava de forma compulsiva um pano velho e sujo sobre o balcão. Era magrelo apesar de forte. Ficava sem camisa e usava bermudas daquelas floridas de moda de verão. Se no lugar do tênis usasse um par de sandálias de dedo,

diria que trabalhava como ambulante na praia vendendo espetinhos de camarão. Além de atender aos clientes – que só se dirigiam a ele – dava piscadelas para as garotas da casa e desfiava uma ou duas cantadas de mau gosto. Surtia efeito. Já devia ter comido metade das funcionárias. Uma delas tinha o corpo tão forte que por um segundo pensei se tratar de um travesti. É fácil se enganar hoje em dia, naquele tempo então.

Encontrei Armando em uma mesa no centro bebendo chope escuro e me acerquei. Tinha uma expressão de tristeza bem diferente da que conheci em meu escritório. Olhou demoradamente para o meu rosto, parecia estar em outro planeta. Quando por fim me reconheceu, pediu que me sentasse.

– Você deve estar se perguntando por que paguei caro para salvar essa espelunca – disse antes de beber um longo gole do chope suado. Em dúvida de se esperava uma resposta ou só divagava, resolvi usar uma das minhas frases prontas:

– Eu jamais questiono as razões de meus clientes.

– O Homem tem faro. Só de saberem que ele comprou a casa andam ligando, perguntando o que faremos no lugar. Até uma construtora telefonou. Disse que arruma a papelada necessária para por tudo embaixo.

– Ele vai mudar o tipo de negócio?

– Pergunta interessante. Sabe, Guilherme... posso dispensar o doutor, não? Detesto essa palavra.

– Claro que sim, do jeito que preferir. Estou aqui fora do horário de trabalho.

– Pois eu não. O Homem me pediu para ver se poderia salvar algum deles, um funcionário que fosse, mas eu não vejo solução. Por mim vão todos para a rua. Talvez você pudesse me ajudar com as meninas. Escolher alguma que atraia a sua atenção e depois me dizer se vale a pena.

– Bem, pode parecer mentira, mas eu sou novo nesse negócio. Como eu faço?

Esperei por uma risada que não veio. Nem um meio sorriso.

– Me diga uma.

Dei uma espiada em volta e indiquei a morena, aquela que me parecia um travesti. Bastaram dois estalos de dedos de Armando e ela veio ao nosso encontro.

Karina com K. Os cabelos negros desciam em cachos pelas costas, tocando a cintura. Volumosos, descobri se tratarem de peruca. Mantinha os de verdade curtos, maquina três, tingidos de cores variadas. Facilitava para as apresentações. Seu bíceps era maior do que o meu. Depois do segundo copo de uísque, perguntei em qual academia ela malhava. Ela levantou a camisa e me mostrou os peitos.

– Por quê? Quer ficar com os seus iguais?

Os marmanjos da mesa ao lado riram chamando atenção do povo em volta. A dançarina dourada parou sua performance e veio até nossa mesa. Enfiou o dedo que só Zeus sabe por onde havia andado na bebida de Armando e pôs na boca. Repetiu o feito, passando-o no umbigo. As pessoas em volta se agitaram. Notei uma mesa de estudantes. Todos me observavam com curiosidade, uma mão na boca e outra nas calças. Sem saber como agir, dei uma risadinha sem graça. A decepção foi geral, mas a velha não se deu por vencida. Virou-se de costas, fingindo ir embora e voltou. Os peitos balançando sem firmeza, quase se enroscando. A falsa morena ria antecipando os fatos.

Meus olhos se recusaram a acreditar. A dançarina pegou o chope de Armando e entornou um pouquinho na barriga. Enquanto ele escorria pelo umbigo, ela puxava o biquíni para liberar o caminho.

Previendo a reclamação, o garoto do bar trouxe um novo copo. Armando aproveitou para perguntar o que eu queria beber. Percebi que as pessoas estavam divididas entre observar o surrealismo que nos envolvia e encarar os peitos das duas malucas.

– Entende o que eu quero dizer? – disse Armando. Percebi então que a cara não era de tristeza, mas de tédio profundo.

Duas horas se passaram e lá estava eu, de papo com meu cliente no meio do purgatório. Um senhor nos seus sessenta anos desceu as escadas que ficavam atrás de mim. Só então atentei que a casa possuía outro andar em funcionamento. A expressão de

engraçadinho que mantinha ao falar com os funcionários se desmanchou assim que dois homens de terno preto e cara de poucos amigos apareceram no bar. Logo atrás, um homem de aparência impecável, com terno branco e chapéu Panamá, fez sua entrada. Ignorava o calor infernal do lado de fora, sem uma gota de suor.

Testas franziram, bocas entortaram. O clima havia mudado. Quando vi brotar um sorriso no rosto de Armando, entendi quem ele era. O Homem e o senhor de cabelos brancos desapareceram escada acima, seguidos dos seguranças. Onde estávamos, só restou o silêncio. O show tinha chegado ao fim. Em uma semana estariam fora dali, vagando em puteiros concorrentes para pedir emprego.

Terminava de fechar a conta quando a falsa morena apoiou-se no balcão, parando ao meu lado. Estava sem a peruca, os cabelos curtos aloirados arrepiados em cima e batidos do lado. Parecia ainda mais forte no vestido de malha que usava. Contrariando clichês, não usava brincos gigantes nem batom vermelho. Seu perfume era horrível, sua aparência barata, mas eu a queria para mim.

– Desculpe pelo deboche, bonitão. O mau humor anda reinando desde que o velhote faliu com a porra toda. Sabia que essa história de pedir dinheiro para pagar as contas era conversinha mole. Agora, quem se fode é a gente. Só quero ver se ele vai pagar tudo que deve. Nessas horas, a corda sempre arrebenta do lado mais fraco – disse ela, num desabafo que eu dispensava ouvir.

– Tenho certeza de que você e seus talentos arrumarão o que fazer. Até lá, se quiser fazer um bico, a gente pode negociar.

– Se tiver um canto, faço preço de tabela para você. Com desconto para passar uma borracha na má impressão que eu deixei. É que é muita pressão, sabe?

– Eu sei, eu sei. Teu chefe pisou na bola, veio alguém mais esperto do que ele e se aproveitou, tirou vantagem. A vida é assim com qualquer um – respondi, antes que ela recomeçasse a ladainha. – Escuta, eu tenho um escritório aqui perto, está a fim?

– O que você chama de perto?

- Presidente Vargas com Rio Branco.
- Aquele prédio todo espelhado?
- Sou dono de cinco andares, bem lá no alto. Uma vista maravilhosa.

Não era verossímil, mas era interessante.

Chegamos lá numa caminhada tranquila, lado a lado, sem me importar com possíveis observadores. Passei uma conversa no segurança noturno, deixei um trocado em seu bolso e tomamos o elevador. Para meu azar, Karina não parava de falar. Contava das vezes que ajudara o ex-dono do Neon e que até lavar chão de graça ela tinha feito sem pensar duas vezes. Quando ameaçou entrar nos detalhes anatômicos do velhote, eu pedi que calasse a boca e me desse um minuto de silêncio.

Acendi apenas a luminária em minha mesa e servi um uísque para nós dois. Karina se encantou com a vista que eu tinha e reclamou do tempo que ameaçava virar. Contornava o rosto com as mãos para poder ver melhor através dos vidros escuros. Disse que eu devia ser mesmo cheio da grana, só para manter o papo. Definitivamente, não era do tipo que calava a boca.

Antes que se acomodasse demais, mandei que tirasse a roupa, simulando um *strip*. Achei que ela fosse reclamar da falta de música, mas nem se importou. Só pediu um instante para tirar o salto alto e largar a bolsa numa cadeira. Aproveitei o momento para tirar o boneco de pano da gaveta e recolocá-lo sobre a mesa. Queria que fosse testemunha ocular dos meus atos, alguém para atestar a veracidade de minhas lembranças. Karina estreitou os olhos tentando entender o que havia dentro da garrafa. Que bicho feio, falou, e começou a dançar. Já tinha visto coisa pior na vida.

Fazia um tantantan intercalado com estalos de língua, para não perder o ritmo. Levantou o vestido, mostrando a calcinha, e logo depois deslizou as alças sobre os ombros, deixando-o cair no chão. Não havia mais nada de ameaçador em sua nudez, nenhum deboche implícito em sua pele. Agachou-se de costas para evidenciar os músculos rígidos e se livrou da calcinha, de uma vez. Prosseguiu com a dança até chegar onde eu estava. Apoiou a mão direita na mesa e esticou a outra para trás, para alcançar o pé que

subia quase na altura da cabeça. Quando desfez a posição atlética, seu braço acertou em cheio a garrafa, derrubando-a no chão.

A onda de perfume barato e os pedidos de desculpa de Karina me fizeram acordar para a realidade. Eu podia conseguir coisa muito melhor. Abaixei desesperado para apanhar a garrafa e agradei aos céus a existência do tapete sob meus pés. Estava inteira, nenhum arranhão ou rachadura. O boneco permanecia imóvel como se não houvesse sacolejo capaz de tirá-lo do lugar. Encarei de perto seu sorriso, esperei que me dissesse alguma coisa. Tinha bebido demais por uma noite.

Catei dinheiro na carteira e pedi que Karina se vestisse, era hora de ir embora. Seu silêncio valia mais do que seu sexo. Por um breve instante, me perguntei se o boneco só tinha uma queda por canários ou se gostaria de experimentar outros sabores. Deixei escapar uma risada, dessas que não se controla. Só a língua, meu caro, só a língua e você já fará um favor para a humanidade.

Abri a porta do escritório e disse que tudo bem, essas coisas acontecem até com as profissionais. Logo logo você arruma um novo emprego, quem sabe de telefonista. Karina entrou no elevador e acenou simpática, meio que agradecida e sem graça pelo ocorrido. Quando se foi, fechei a tranca, acendi a luz e coloquei a garrafa de volta na estante, em sua posição original. Em seguida, peguei o celular e liguei para casa.

– Você não vai acreditar quem apareceu aqui no escritório de última hora...

Mesmo de costas, sabia que o boneco sorria para mim com seus lábios de linha, testemunha de que a mentira que eu contava era a mais bela declaração de amor.

Os dois lados





Despido das roupas do trabalho, Murilo se atirou na cama e lá permaneceu por meia hora, embaixo do ruidoso ventilador de teto. Era a sua meditação diária. Período em que se livrava da energia acumulada durante o trabalho antes de se entregar ao lazer. Só uns minutinhos, dizia sozinho no quarto, só uns minutinhos para esfriar meu HD e estarei novo em folha.

Deitado, mantinha os olhos abertos mirando o teto cor de palha, numa tentativa de zerar os pensamentos. Deixava os braços afastados do dorso e as pernas uma da outra, confortável em sua posição vitruviana, enquanto o vento limpava seu corpo dos problemas e levava embora os gritos do chefe.

Não havia música clássica. Murilo odiava fitas de relaxação. Nada de montanhas verdejantes e som de riacho. Sempre se irritava com essas baboseiras. Ficava sentado no alto da pedra olhando frustrado para a paisagem cinza, e o canto dos pássaros não chegava jamais. Saía-se muito bem com o silêncio e era nele que investia.

Havia sido difícil manter a concentração nas primeiras tentativas, porém os anos levam à prática e esta à espontaneidade. Hoje, eliminar pensamentos era manobra rápida, acionada por um movimento de olhos, pura neurolinguística. Murilo só terminava a meditação quando o despertador, previamente programado, tocava sua música preferida. Estava ficando tão bom que, segundos antes, esticava a mão para desligá-lo, ouvindo apenas os primeiros acordes. Murilo odiava ouvir sua música no despertador.

Já de pé, abriu as cortinas e a janela. Estava dentro do seu apartamento e quem não gostasse de vê-lo nu que fechasse as suas. O prédio em frente era tão colado ao seu que se sentia íntimo de pessoas que não conhecia, principalmente dos curiosos que o espiavam no escuro. Mal sabiam que ele podia soprar a escuridão como se ela fosse uma fina camada de poeira.

A toalha estava pendurada na porta do armário onde batia sol pela manhã. Isso evitava uma proliferação descontrolada de ácaros e o início das crises alérgicas. Murilo colocou-a no ombro e entrou no banheiro, deixando abertos dois dedos de porta. A ducha era a

segunda etapa do processo. Água quente esfumaçando todo o banheiro. Uma neblina improvisada onde pudesse se perder.

Murilo gostava de se ver no espelho ao sair, e um espelho embaçado diminuía o encanto do momento. O que contemplava não era seu corpo, mas sua personalidade. Queria apenas ter certeza de que estava purificado, de outra forma, retornava ao banho. Queria se livrar da sujeira.

Com a toalha nas costas para não gripar, Murilo parou encharcado diante de sua imagem. Olhou pela fresta na porta, indeciso do que fazer. Não queria chegar atrasado, mas ao mesmo tempo, não conseguia resistir a uma espiada. Passou a toalha no espelho para sumir com resquícios de umidade e apagou a luz. Encheu os pulmões o máximo possível e deixou o ar escapar, vagarosamente, dividindo a escuridão ao meio. Tal qual Moisés à beira do mar, Murilo abriu caminho até o espelho, encarando o reflexo que o convidava a se aproximar. Apoiou de leve as mãos nas mãos de sua imagem invertida, jogando o peso do corpo sobre elas. Curvou-se com cuidado sobre a pia, puxou o joelho para cima do mármore e atravessou o rosto até o outro lado. Seu prisioneiro continuava lá, amordaçado no canto do banheiro invertido, os cabelos brancos sujos de sangue seco. Os olhos vermelhos cansados de chorar. Murilo sentia-se dono de si ao perceber o que havia se tornado. Sem ajuda de ninguém, ressaltava nas conversas que tinha no Neon Azul.

Voltou para o lado de cá e acendeu a luz. Queria verificar o maldito corte que estragava sua simetria. No meio do dorso, embaixo da última costela do lado esquerdo, um talho que não esqueceria nunca. Como poderia imaginar que o filho da puta ia lhe acertar um chute depois de ter a barriga perfurada por uma faca de caça? E olha que Murilo sabia fazer as coisas. Tinha um talento nato. A força e a destreza no golpe não davam chances de revidar. E a precisão! Se formos pensar na precisão, era quase um milagre o que o garoto havia feito.

A faca entrava pouco acima do umbigo. Ele interrompia o golpe faltando dois dedos para terminar a lâmina, medida de colarinho do

chope, gostava de pensar. Feito isso não tinha erro. Contava até três e o primeiro filete de sangue escorria pela boca, era aí que dava mais um empurrãozinho. Depois, era só torcer o cabo e puxar.

A pessoa caía de joelhos diante de Murilo. Calça jeans azul e uma camisa de botão, sem manga comprida. Tênis esportivos eram os prediletos. Aumentavam a propulsão e absorviam o impacto.

Naquela noite havia sido diferente.

Murilo parou o garoto no meio da rua e perguntou as horas. Ele olhou para o relógio e a faca voou direto na barriga lisinha. Murilo contou até três e o filete não escorreu. Murilo empurrou a faca e o garoto permaneceu de pé, olhando-o nos olhos. Era a primeira vez que alguém fazia isso. Murilo vacilou. Soltou a arma. O chute o desequilibrou. Caiu sobre ferragens de uma barraca de camelô desmontada. O ferro pegou de raspão, mas o fez sangrar. Seu sangue.

Quando levantou, o garoto estava caído em cima de um saco de lixo. Murilo achou tão clichê que quase vomitou. Como havia ousado estragar sua obra de arte caindo no lixo?

Seguindo um ritual prático, retirou a faca, limpou-a na roupa da vítima e seguiu para o Neon Azul para tomar seu chope do dia. Chegou às onze horas da noite. Era uma quinta-feira. Cumprimentou Raul e Jamelão, fez as brincadeiras de costume e subiu. Dessa vez, não deixou a contribuição de praxe para Oscar. Era cliente antigo, frequentador assíduo, compensaria outro dia.

Murilo subia devagar. O corredor espelhado e os degraus iluminados tinham um efeito especial sobre ele. Sentia-se rumo ao paraíso. Era essa a escada que imaginaria quando morresse. Nada de corredores de luz e anjos esticando mãos iluminadas com sorrisos abestalhados. Iria deixar o corpo e subir as escadas do Neon Azul, talvez com a diferença no número de degraus. Chegaria lá sozinho, com os próprios pés, como havia feito a vida inteira.

Jamelão notou Murilo capengar. Nunca havia reparado que ele puxava a perna.

- Pode reparar, Raul.
- Mas se o homem chega andando normalmente pela rua.
- A escada exige mais – respondeu Jamelão.

E exigia ainda mais quando as manobras forçavam o corte recente e ele se abria por baixo das gazes e bandagens.

– Eu acho que ele bebeu demais e não se aguentou. – E os dois caíram na risada.

Murilo amarrou os cadarços, espanou as calças com as mãos, consertou a camisa amarrotada pelo cinto, encaixou a faca de caça no suporte e saiu. A gola! Quase esquecerá. Oh, sim. Estava perfeita. Deu uma última olhada no espelho da sala. Sentia que o destino lhe reservava uma surpresa especial essa noite. Um prêmio pelo grau de pureza que havia alcançado.

Trancou a porta. Duas voltas embaixo e duas em cima. O chaveiro entrou no bolso direito, preso à calça por uma corrente prateada. A faca pendia do lado esquerdo. O terceiro botão da camisa era falso, e a casa permanecia aberta para a arma ser retirada com rapidez. Murilo analisara a melhor posição por uma quinzena. Dera pontos para conforto, discrição e praticidade. Descobriu que facas nas costas presas à cintura funcionam bem em filmes e só.

O elevador percorreu os poucos andares restantes. A luz vermelha mudando de número, em ordem decrescente. O porteiro estava dormindo na cadeira, tão enfiado em seus braços que nem parecia respirar. Murilo caprichou na boa noite. A voz grave retumbou nos sonhos do empregado, fazendo-o despertar no susto. Murilo não se virou. Abriu o portão e foi embora.

Tomou o caminho do Centro Cultural. Queria ver qual exposição visitaria no sábado. Depois, seguiu pela Uruguaiana, atravessou a Rio Branco e se perdeu nas ruelas do quarteirão. Eram bem iluminadas e pouco movimentadas. Um rato ou outro dava as caras, retornando ligeiro ao esgoto.

Trabalhadores e estudantes adolescentes dos últimos turnos voltavam para casa neste horário. Murilo não possuía preconceitos de idade, sexo, cor ou religião. Para ele, qualquer um era uma vítima em potencial. Bastava que batesse o sentimento, o aviso em forma de aperto no peito, para ele saber que chegara a hora. Se escolhesse as vítimas, iria se tornar mais um entre estatísticas. Seria só um assassino. Imagine! Ser chamado de assassino.

Categoria vulgar. De jeito nenhum! Era o universo que fazia as escolhas. Seu eu do outro lado do espelho.

Batidas secas ecoaram mais à frente. O ritmo foi seguido pelo coração de Murilo. Pelo andar, antecipou sua magreza. Usava salto, tinha pressa de chegar em casa, conhecia o território.

As parcas luzes moldaram sua silhueta. Distante, a jovem manteve o ritmo dos passos após avistar o homem alto que caminhava em sua direção. Morava nesse esquecido recanto da cidade desde pequena. Fazia o percurso todos os dias, por causa dos estudos. Pensava em sair dali no futuro. Tinha conseguido um estágio promissor no começo do ano, com bolsa. Achava que seria efetivada. Sua chefe estava sondando com os superiores na empresa. Gostava muito dela e se davam bem. Se não fosse por ela, teria perdido a oportunidade de subir na carreira.

– Desculpe, pode me informar as horas?

Murilo limpou a faca com cuidado. Aproveitou uma beirada da camisa dela para fazê-lo. Que noite quente, não? A boca estava ressecada. O chopinho noturno caíria bem. Fingiu manter a tranquilidade, mas o fato é que estava excitado com o ataque. Tinha sido perfeito, limpo, um quadro de sala de espera de dentista. Distâncias se encurtaram. Havia tanta energia correndo em seu corpo que se achava capaz de voar até as portas do Neon.

Parou para falar com Oscar e dar sua contribuição. Estava contente. Tirara o peso do mundo das costas. Recuperara a autoestima.

– Oi, Oscar, ainda acordado? – o mendigo parecia não dormir a dias.

– Boa noite, doutor. Ando com insônia. Muitos pesadelos.

– Eu entendo você como ninguém, meu caro. É preciso um pouco de ação para afastar os fantasmas. Passei por uma fase terrível anos atrás, mas hoje em dia, graças ao bom Deus, está tudo bem.

– O que fez para melhorar?

– Isso eu te conto qualquer dia. Só não fique aí parado vendo a vida passar.

– Vou seguir seu conselho.

- Hoje eu estou sem trocado.
- Tem nada não. O doutor já me deu mais do que todo mundo junto.
- Fica com essa nota de cinco. Se um dia eu precisar, volto aqui e te peço emprestado.

Murilo se abaixou junto às caixas de papelão que formavam a cama do cão de estimação de Oscar. Afagou a cabeça do bicho, que respondeu com as lambidas habituais.

- O Minotauro agradece – falou Oscar, com uma ponta de ciúmes.

Minotauro reconhecia o barulho dos tênis de Murilo de longe. Se estivesse deitado, balançava o rabo e levantava as orelhas. Se estivesse desperto, sumia nas esquinas e voltava acompanhado do doutor, pulando ao seu redor. Oscar havia aprendido a respeitar o homem. O apelidara de doutor para não ter que perguntar. Às vezes, a melhor forma de se relacionar com alguém é saber o mínimo possível sobre a pessoa. Não tinha um bom instinto para situações de perigo, a sua história pessoal estava aí para provar, mas achava estranho que todas as notas dadas por Murilo viessem com o nome de uma pessoa escrito nelas.

- Esse cachorro está ficando gordo. Mais saudável que muito cão de raça.

– Dou o meu melhor. Tem uma madame trazendo arroz. A dona Dita me ajuda com as vacinas.

- Sabe se ela veio hoje?

Oscar acenou positivamente com a cabeça. Também estava vindo as quartas e quintas, acompanhada de Ricardo, cliente tradicional do Neon, mas Oscar ocultou esse detalhe. Não queria receber uma nota com o nome dele no futuro.

- Que bom. Estou precisando me distrair. Não sei o que seria da minha vida sem esse lugar.

- Nem eu.

- Até logo, Oscar. Tchau, Minotauro.

- Até.

Murilo brincou com Raul e Jamelão, cheio de energia e comentários divertidos. Matar a garota havia revigorado seu espírito.

Assim que chegou ao primeiro andar avistou Armando. Estava ocupado, cercado de prostitutas e empresários. Parecia um tipo de entrevista, mas era uma encomenda. Continuou subindo e seguiu para o ambiente *lounge*. O andar estava à meia-luz, um novo experimento do gerente, aumentando a sensação de privacidade. Murilo pediu um chopinho no bar e se sentou, próximo à escada. Adorava as cadeiras acolchoadas. Faziam parte da sua ideia preconcebida de paraíso.

O dj acabara de chegar. Os altos falantes embutidos nas paredes tocavam "I was hoping" da Alanis Morissette. A versão original havia sido acrescida de batidas sutis, viajantes, tornado-a ainda mais melodramática.

*"You said, 'Wouldn't it be a shame if I knew how great I was five minutes before I died? I'd be filled with such regret before I took my last breath.' And I said, 'You're willing to tell me this now, and you're not going to die anytime soon.' And I said I haven't been eating chicken, or meat, or anything."*

Uma imagem nítida criou-se na mente de Murilo, bloqueando a realidade por um instante. De pé em uma pedra na beira de um rio, recebia ordens de alguém com o triplo da sua altura. Uma versão gigante de si mesmo. Sentia-se insignificante. Ele mandava o assassino terminar de uma vez o serviço. Não podia guardar o refém como um brinquedo de luxo no banheiro invertido.

Murilo abriu os olhos ao ouvir o arrastar da cadeira. Avistou o chope gelado sobre a mesa. Diego acenou-lhe de dentro do bar e Murilo agradeceu. Viu Dita se aproximar, encarando-o com um sorriso encantador. Ricardo, outro velho conhecido, apareceu logo depois, descendo as escadas.

- Que bom encontrá-lo aqui.
- É meu vício, não tem jeito.

Sem dizer uma palavra, Murilo se levantou e puxou uma cadeira para Dita, que aceitou o convite. Esperou que Ricardo chegasse, cumprimentou-o com a educação e superficialidade habitual e voltou ao seu lugar.

– A sua você puxa – disse para o conhecido. Todos sorriram simpáticos, num duelo não declarado. Sentiu uma ponta de ciúmes arranhar a perfeição de sua noite, mas ver os olhos escuros de Dita brilhando tinha o efeito de uma intensa sessão de acupuntura. Queria convidá-la para a sua casa. Um dia, talvez, mostrasse a coleção de facões de caça. Poderia ensiná-la a manusear as armas. Espalhariam as lâminas pelo chão formando um círculo e se deitariam no centro, nus. Ela, sobre o seu corpo, daria o derradeiro golpe e encerraria sua obra de arte.

– Tenho uma boa notícia para dar. Vou voltar a cantar.

– Cantar? Nem sabia que era cantora.

– Uma cantora excelente – falou Ricardo. – Vai lotar a casa.

– Estamos esperando Armando se desvencilhar dos empresários para assinar o contrato. Acho que a proposta vai ser boa.

– Mas isso é maravilhoso – respondeu Murilo, sentindo inveja de Ricardo. Por que sabia mais sobre ela do que ele? Passavam tanto tempo conversando e bebendo, trocando confidências, e ela nunca mencionara o canto. De fato, Murilo falava pouco sobre sua vida. Era um homem reservado, coisa que as mulheres respeitam e admiram, já dizia sua mãe. Não gostava de falar sobre o seu trabalho, aquela chatice. Vivia estressado com ele durante a semana, não o levaria para a mesa do bar no seu momento de lazer. Seria como falar das broncas do chefe com as vítimas que derrubava. Simplesmente não fazia sentido. Falar de antigos relacionamentos? Havia comentado sobre um ou outro, sem entrar em detalhes. Dita preferia fazer o mesmo. Era muito discreta nesse aspecto.

– As propostas aqui serão sempre tentadoras. Mais importante é a realização do sonho, o retorno ao rumo certo da vida. Você não nasceu para ficar trancada em escritórios, fazendo serviços que qualquer um poderia. Não concorda, Murilo?

– Concordo. Pena ainda não ter te escutado cantar. Qual o repertório?

– É longo – disse Ricardo no lugar de Dita. – Vou descer para ajudar Armando e quem sabe ele não se livra logo dos empresários?



E assim ele fez, sem saber se o cutucão que levara por debaixo da mesa tinha vindo de Murilo ou da cantora.

Diego veio pessoalmente oferecer mais um chope, esse batido com licor de tamarindo. Dita pediu um para si. Seria bom para aquecer a voz e fazer uma demonstração.

– Eu ainda não sei o que vou poder cantar. Vai depender do pianista.

– Vai ter pianista? Que – Murilo não soube o que falar – sofisticado. É o que toca nas apresentações da Gabriela e das outras?

– Dionísio? Pode ser. Vai depender do horário dele e dos acertos com o chefe. Se não me engano, ele tem outro emprego nas quartas. Ouvi dizer que ele toca em um restaurante chique e tem uma bandeja com porta-gelo, uísque e vinho à disposição durante a noite toda. Me ajude a escolher o que cantar agora para Armando. As opções são...

A conversa prosseguiu por mais uma hora. A sensação de desconforto em Murilo desapareceu. Sentia-se novamente ligado a Dita. Tinha renovado as esperanças de que ela fosse a mulher de sua vida. Ficou indeciso sobre Ricardo. Não sabia se o considerava uma ameaça ou mais uma figura da noite. Quis perguntar para Dita qual sua relação com o sujeito. A alegria de Ricardo o incomodava. Aquele ar de quem encarou todas as vicissitudes da vida de cabeça erguida era, por que não?, indigesto. Alguém assim devia ser perigoso.

Ricardo apareceu na beirada da escada e chamou a cantora. Armando os esperava no mezanino. Murilo desejou boa sorte. Era só o que podia fazer. Preferiu não ir. Voltou a ficar sozinho na mesa. Diego veio puxar conversa, aproveitando o intervalo entre os pedidos. Murilo falou algumas bobagens para distraí-lo, perguntou como estava se sentindo efetivo como barman. Era mestre em tratar de assuntos cotidianos mantendo distância segura de sua vida pessoal. Chegou a ficar agradecido pelo bom tato do rapaz. Armando instruíam bem seus contratados. Agiam como se conhecessem as íntimas vontades de seus clientes e soubessem a hora certa de serem atenciosos ou se afastarem.

A teoria foi comprovada quando Diego retornou ao bar. Murilo pediu mais um chope com licor e depois outro. A descoberta da noite. O dj puxou um novo vinil de sua caixa. Veio "Special Cases" do Massive Attack.

*"The deadliest of sin is pride. Make you feel like you're always right, but there are always two sides.  
It takes two to make love, two to make a life".*

Murilo se levantou para ir embora. Estava distraído se despedindo do barman quando Dita reapareceu. Ela o abraçou feliz, dizendo que conseguira o emprego. Murilo sentiu o punho da arma pressionado contra as costelas. A felicidade de Dita cedeu ao ar de estranheza, mas hábil, ela se afastou de Murilo antes que ele percebesse sua descoberta.

– Vou começar na semana que vem. Queria poder dizer o valor, mas o contrato me proíbe. Se der certo vou poder deixar o escritório ainda esse ano. Prometa que virá na minha estreia.

– Mas claro – Murilo respondeu com uma alegria sincera. – Será mesmo nas quartas?

– Sim, mas a primeira noite será uma sexta-feira, para aproveitar Dionísio e me dar maior visibilidade. – Dita fez uma pausa, como quem toma fôlego para falar algo importante e então prosseguiu. – Sei que você gosta de chegar aqui entre onze e meia da noite, mas queria que você viesse as dez, para pegar a apresentação desde o começo.

Murilo levou a mão à altura das costelas sem deixar de fitar os olhos de Dita. Ela acompanhou o movimento com os olhos, caindo no seu teste. Então ela sabia. Murilo se perguntou desde quando. Não estava pedindo para chegar mais cedo por causa do show. Estava pedindo que não matasse ninguém naquela noite. Ele podia ouvir claramente: "Murilo, quero que desta vez não mate ninguém. Faça isso por mim". Ela conseguia ler sua alma. Lembrou-se do círculo de facas. Os dois nus. Não teve mais dúvidas sobre sua escolhida.

– Vou tentar – respondeu, sucinto. Inclinou-se para dar-lhe um beijo no rosto, mas foi recebido pelos lábios que desejava desde a primeira ida ao Neon Azul.

O estresse do cotidiano, ora vil e danoso, transformou-se em um delicioso dope, afastando da cabeça de Murilo o dilema que o aguardava. O ambiente de trabalho o protegia. As ruas movimentadas o faziam esquecer. Mas bastava a noite cair e seu edifício se aproximar para que soluções diversas lhe saltassem à mente, agora dividida em duas. Uma defendia o direito ao instinto, a outra se lembrava da promessa das entrelinhas.

Foi o reflexo que resolveu a disputa entre os dois lados, respondendo sem mexer os lábios às indagações que Murilo fazia diante do espelho. Decidiu que sairia na quinta, como de hábito, e mataria duas pessoas, contando pela sexta. Seu lado racional concordou com a matemática simples.

Murilo atravessou o espelho e espancou o refém de olhos azuis, imaginando que era Ricardo de Joelhos. A sensação foi inebriante.

– Você não vai ficar com a Dita! – gritou, recebendo gemidos em resposta. – Ela é minha, está entendendo? – perguntou, arrancando a mordaca.

– Até quando vai agir contra a sua própria natureza só para agradá-lo, Murilo? Eu posso te ajudar. Já te ajudei antes. É só retomar o tratamento e os pensamentos voltarão para o lugar. Nada mais de ordens daquele monstro. Você vai ter uma vida normal.

– Ele me prometeu a Dita.

– Ele me prometeu uma vida abastada se eu estudasse o moleque que não dorme e olhe aonde eu vim parar?

Murilo se virou para o espelho e esperou a resposta que não veio. Teria que tomar a decisão sozinho. O que o refém falava tinha certo sentido. Estava irritado. Ninguém mandava nele assim. Foi até o armário invertido na parede e voltou com o jaleco e o crachá de doutor Victor Caligari na mão. Abriu a presilha do crachá e prendeu no mamilo do médico, enquanto afrouxava as cordas e desfazia o

nó da mordação. Antes de voltar para o seu apartamento, abriu a porta do banheiro invertido e disse para o médico se mandar.

– Quem é o gigante agora, ãhn? – perguntou para o vazio. Estava atrasado. Seu banho seria mais curto dessa vez.

Pegou as roupas previamente separadas em cima da cama e se vestiu para o duplo desafio. Escolheu a faca mais leve, a que usava em ocasiões especiais. Apesar de perder para as demais em relação ao impacto perfurante, tinha a lâmina serrilhada, um capricho sádico para alegrar sua noite.

Se desse sorte, encontraria um casal. Podiam ser namorados, pai e filho, não importava. Precisaria agir com extrema agilidade para retirar a faca de dentro da primeira vítima antes que a segunda pudesse sair correndo ou revidar. Estava passando por uma provação importante, podia sentir.

Iludir-se com falsas promessas estava fora de cogitação. Pular a morte semanal era impossível. Não havia nascido para se controlar ou ser controlado. Seguia seus instintos, nada mais. O Homem ia ter uma bela surpresa quando descobrisse que o doutor tinha fugido. Se criasse problemas, escolheria uma faca para ele também. Sabia que não podia comandar os impulsos, mas arriscava pensar, entre um laço e outro do cadarço, que se fosse bem-sucedido tiraria umas férias e viajaria com sua amada. Seria bom caçar em outras searas. A rotina da cidade grande era muito cansativa.

Duas voltas na tranca de cima e duas na de baixo. Tênis confortáveis, calça jeans azul, camisa social e cabelos levemente despenteados. Dispensara o cinturão devido às dimensões da faca. Estava usando uma calça com bolsos adaptados, com o fundo maior, forrado por dentro, para que guardasse a arma sem riscos de se machucar.

Murilo tomou o caminho preferencial. Como não ia para o Neon Azul esta noite, poderia aproveitar melhor o seu passeio, seguir pelas ruelas vazias onde deixara sua marca no início. Sentiu-se tentado a experimentar novos trajetos, mas desistiu, bastando a emoção de fazer duas vítimas de uma vez.

Andou por meia hora sem que ninguém aparecesse. Resolveu esperar quieto em um beco usado como depósito de lixo. Não tinha medo de ser assaltado. Pelo contrário, torcia por uma abordagem.

Finalmente ouviu passos. Adiantou-se um pouco para medir a distância entre si e a vítima. Seu rosto empalideceu com a surpresa do destino. Viu Ricardo virando a esquina. Não soube o que fazer, qual decisão tomar. Inclinou-se um pouco mais e viu que Ricardo estava acompanhado de Dita.

Murilo se encolheu entre caixotes. Acompanhou-os enquanto atravessavam a ruela. Vigiou-os esperando a traição, mas nada viu. Ricardo e Dita mostravam ter a intimidade de amigos e só. Nem as mãos se tocavam. A imagem se reteve na mente de Murilo, enquanto o casal se afastava, desaparecendo na escuridão da rua.

Ainda distraído, mal percebeu a viatura parar na rua principal. Os guardas desceram armados até os dentes. Murilo pensou em correr, mas era tarde, seria visto. Com a destreza de quem observa leões na savana, esgueirou-se dali, sujando a barra da calça no esgoto que corria rente à calçada. Ouviu um jovem gritando, dois tiros. Os guardas voltaram para o carro. Não riam nem debochavam. A porta do carro bateu com força. O motor do carro rangeu. Foram embora.

O beco perdeu o tom azulado. Não era uma noite comum. Sinais por todos os lados. Era melhor sair dali e encontrar outro lugar.

Uma janela se abriu no alto de um edifício. Alguém curioso com os tiros aproveitava para fumar seu cigarro. Os olhos varreram o beco em busca de explicação. Murilo apertou o passo na direção do ocorrido. Queria vê-lo antes de todo mundo. Antes que viessem recolher o corpo junto com o lixo.

O assassino pôs a mão no bolso para se certificar de que não havia perdido a arma. Medindo os passos, sorrateiro, caminhou até a esquina onde os tiros e sombras haviam estado. De longe viu o corpo estendido no chão. Não parecia bandido. Abaixou-se. Os olhos ainda estavam abertos. Eram azuis. Viu os furos no corpo. Formavam figuras geométricas perfeitas.

Murilo assustou-se com o barulho. A freada foi brusca. Os guardas saltaram do carro batendo as botas no asfalto. Murilo tropeçou no braço do morto, mas não chegou a cair. Nunca correria tão rápido

em sua vida. Ouviu um dos guardas gritando. Tinham se esquecido de sumir com a carteira da vítima.

De volta em casa, largou a faca em cima da cômoda, despiu-se por completo e entrou no chuveiro para um banho gelado. Os músculos se retesaram. Socou a parede até a mão sangrar. Desligou a água. Tentou sem sucesso atravessar a mão pelo espelho. Tinha estragado tudo. Sentou-se no chão com a maleta de primeiros-socorros e enrolou uma gaze no ferimento.

O dia seguinte foi o mais angustiante de sua vida inteira.

Murilo largou a pasta em cima da mesa da sala. O dia de trabalho tinha demorado uma eternidade. Retirou o sapato com os pés, tirou a camisa sem desabotoá-la e a jogou no chão. Abriu o cinto, afrouxou a calça e deixou-a cair na altura dos joelhos. A roupa se embolou em seus pés.

Deitou-se no colchão. Com um movimento rápido fez a cueca alcançar a calça embolada e se livrou de ambas. Precisou sentar-se para ligar o ventilador. Quanto esforço. A única visão era o teto cor de palha. O vento varria os aborrecimentos sem a força de outrora.

Passar a noite acordado tinha deixado-o exaurido. Custava a acreditar que uma noite de sinais tão promissores tivesse terminado no sufoco e sem nenhuma vítima. Precisava de um cochilo para se recuperar. Precisava ver Dita. Não queria se atrasar.

A cor de palha cedeu à escuridão. Ao invés de dissipá-la, Murilo a puxou para si, como se abraçasse um fofo travesseiro. Seus olhos se fecharam, sucumbia à exaustão. Navegou por memórias esquecidas. Seus pais sulistas tinham comprado uma casa nova longe da cidade para que ele se afastasse de problemas. Mas ele era um especialista em procurá-los. Duas ruas abaixo, um casal acionava a polícia para procurar o filho desaparecido. Murilo jurava aos pais que não tinha visto o garoto, mas eles sabiam. Os pais sempre sabem.

Murilo caminhou pela beira do rio até encontrar a pedra onde gostava de passar suas tardes. Naquele rio tinha pescado o seu primeiro peixe. Os pais adoraram quando chegou com o bicho se debatendo no balde. Deixaram que tirasse a cabeça e o limpasse

para o jantar. Tinham o mesmo sorriso no rosto quando o entregaram para doutor Victor. É para o seu bem, diziam.

Seus olhos se abriram lentamente. A toalha estava preparada. Fechou a cortina escondendo dos vizinhos sua nudez. O banho foi o mais longo e quente desde que se mudara para o apartamento. Murilo refez o curativo da mão e se vestiu. Escolheu uma faca que não usava há muito tempo. Sua faca para caça submarina. O vendedor havia dito de olhos arregalados que se salvara de um tubarão graças a uma daquelas. Ela era maior do que qualquer outra. Perfurava e cortava com igual presteza.

Escolheu o percurso mais rápido para o Neon Azul. Seria ligeiro. Sentia que a sorte estava do seu lado e a vítima não demoraria a aparecer. Mais um pouco e apareceria outra. Terminaria a semana sem débitos. É preciso ter metas para subir na vida, dizia seu chefe em cada bronca que lhe dava.

A rua estava mais iluminada. A moradora de um sobrado havia colocado uma lâmpada para afastar os gatos. Murilo nem teve tempo de praguejar contra ela. O som de tênis batendo contra o asfalto veio quase inaudível aos seus ouvidos, uma melodia delicada. Logo a musicista entrou em seu campo de visão. Usava uma longa saia jeans e uma camisa branca que lembrava roupas masculinas. Vinha com pressa, agarrada à sua bolsa. Não usava relógio.

Murilo baixou a cabeça e calculou a distância. Contou até dez.

– Senhora, acho que deixou cair sua carteira.

– Aonde?

O assassino desferiu seu golpe na lateral, a carne macia se abriu como manteiga. Teria acertado o fígado? Aumentou a pressão. Os olhos da mulher se reviraram. A boca se encheu de uma gosma esbranquiçada que rapidamente se avermelhou.

Murilo puxou a faca de dentro do corpo. Sentiu uma forte dor de cabeça. A pancada veio seguida de um empurrão que o arremessou na parede. Seus lábios se cortaram contra os dentes. A gola da camisa se encharcou com o ferimento na nuca. Recompôs-se antes que fosse atingido de novo. Encarou o oponente. Parecia um pastor. Havia tirado seu sangue com uma bíblia.

A longa faca de caça atravessou o pastor rente ao peito. Não foi um golpe perfeito. Murilo sentiu a lâmina cravar em um osso. Ficou presa. Havia sido projetada para danificar cartilagens. Puxou-a com força e se desequilibrou. Tinha voltado a ser um aprendiz. Nada daquilo era digno do seu talento.

O som seco de pólvora trouxe a dor e a visão turva. Murilo tentou entender por onde o tiro havia entrado. Quando encontrou o furo, caiu sobre o corpo do pastor. A força que empregou para puxar a faca fez com que o ferimento sangrasse como um rio. A respiração estava ficando pesada. Ia se afogar no próprio sangue. Tinha sido atingido no pulmão.

Com esforço, o caçador se virou para trás. Seu sangue se misturou com o do pastor, enriquecendo sua paleta de cores. A mulher que acertara estava de joelhos, com a arma na mão. Murilo acompanhou seus esforços em se levantar. Estava solidário. Passaria pelo mesmo antes de ir para casa tomar seu banho e relaxar. A mulher conseguiu ficar de pé, mas tombou. Murilo aproveitou para avançar em sua direção. Os músculos falharam no caminho. Não seria má ideia pegar um táxi. Um novo tiro ecoou na ruela. Murilo sentiu o impacto no ombro e mordeu os lábios para não gritar. A mulher caiu sobre a arma e começou a rezar. Iria sair dali, sobreviver.

Reunindo as forças que lhe restavam, o assassino se levantou. Apoiou-se na parede e andou em direção ao Neon Azul. As lâmpadas brilhavam mais fortes do que de costume. A luz azul podia ser vista por quarteirões inteiros, banhando todo o centro da cidade.

Raul e Jamelão não estavam na porta. Murilo procurou por Oscar, mas também não o avistou. Jogou uma nota de dez para o alto, essa com seu verdadeiro nome escrito. A escadaria espelhada refletiu o rosto de Murilo em todas as suas faces. Os reflexos o parabenizavam pela beleza de sua obra final. A luz branca do primeiro andar quase o cegou. Murilo fechou os olhos e seguiu a voz de Dita. Que bela música ela cantava. O pianista era bom também. Vieram aplausos. A escada era longa, parecia não terminar nunca. Estava fraco. Mais uma música terminava. Aplausos. Sentaria só um



pouquinho para recobrar as energias. Dita entenderia o seu atraso. O importante é que estava lá.

A polícia encontrou os três corpos estirados na rua ainda de madrugada, graças a uma ligação anônima. A reportagem chegou a ser preparada, mas não saiu no jornal.

A quarta parede



## Terceiro ato

Tinham armado a redoma no centro do palco, último andar. A ilusão fazia as pessoas acreditarem que Dita e Lucas estavam confinados em uma prisão de vidro. Toda mágica que se preze conta com artifícios de distração para ocultar os truques, e lá estava Dita, nua em sua pele alva, sentada em uma cadeira negra, pronta para ser entrevistada pelo escritor.

A casa estava lotada. Hoje a peça seria transmitida para o andar de baixo nos televisores colocados perto do bar. A estranheza da situação havia atraído um time de *voyeurs*. Havia também um crítico de teatro, convidado especial, mexendo em seus óculos de aro vermelho entre risos e bocejos.

– Comece com... – Lucas deu a deixa ensaiada.

– ...o episódio do sangue – emendou Dita. – Não a morte, nem a guerra. Apenas o sangue, este testemunho indubitável da mulher. Foi logo nas primeiras vezes que cantei. Eu havia ensaiado oito músicas, iria me apresentar no intervalo de um show. A convidada principal, Sarah B., fazia uma pausa para descansar a voz e dar um pulo no bar, e eu assumia o seu lugar.

“Eu estava de saia longa e a sorte me sorria. Nunca fui à Índia e não acredito no poder purificador de um rio poluído por substâncias cancerígenas, mas trazia no peito um pingente na forma do dente quebrado de Ganesha. Acreditava que ele me protegia de alguma maneira.

“Cantei bem as três músicas iniciais. Vi Sarah me olhar do bar com uma ponta de inveja. As atenções não me cabiam. Eu existia para ocupar o espaço de escada e evidenciar o talento dela diante do meu desalento. Era esse o meu papel. Fui aplaudida ao final da quarta canção e ela sumiu do meu campo de visão. Admirava demais os sorrisos e as caras de repúdio que o público me destinava para percebê-la sair. Na sexta música, quando um dos holofotes girou, seu rosto se iluminou na plateia. Vi sangue escorrendo de seu nariz antes que ela o percebesse. Senti o sangue molhar minhas pernas também, um jato rápido e desolador. Com a

ponta do salto, puxei o fio preto aos meus pés, desligando a iluminação. O coro de decepção se seguiu de algumas vaias, mas a distração serviu ao seu propósito.

“Alcansei o banheiro sem que muitos me notassem. Lamentei ver a saia manchada e pensei no chuveirinho dentro da cabine para amenizar o problema. Ia entrando quando a ouvi me chamar.

– Espere.

Era Sarah B. A cantora. Escondia-se como eu, tentando estancar o sangramento. As bordas das narinas ainda estavam avermelhadas. A profundidade das olheiras comportaria camadas e mais camadas de maquiagem. Um pó para disfarçar o outro.

– Posso ajudar? – perguntei, educada, sem saber bem como reagir.

– Tenho uma calça sobrando no camarim. Deverá servir. Foi esperteza puxar o fio, obrigada.

“Estabeleci ali uma cumplicidade que não me cabia. O sentimento de culpa que me tomou amargou meus lábios pelo resto da noite. Ela me perguntou se o nariz ainda estava sujo e eu respondi que não. Ninguém ia perceber. Sugeri que ela voltasse para o palco. As cantoras amadoras são vítimas de problemas no equipamento o tempo todo, as profissionais não devem se curvar. Um ou dois tecos de cocaína, ninguém nota hoje em dia.

“Desisti de cantar naquela noite. Vesti a calça emprestada e fui embora. Serviu bem, apesar de realçar meu quadril. Deixei um bilhete avisando que devolveria na semana seguinte e ela entendeu que jamais a teria de volta. Até me ligou para saber se eu estava bem, marcou de sairmos para conversar. Aquela falsa gratidão me sufocava, e a covardia me impedia de explicitar a real motivação ao puxar o fio.

“Ela sabia quando me ofereceu a calça. Entretanto, seu egocentrismo jamais aceitaria. Foi por ela, somente por ela a escuridão”.

Lucas, que fingia anotar trechos em seus rascunhos, virou a página do bloco e pediu uma pausa. Dita permaneceu imóvel. As mãos se aqueciam entre as coxas, mas os bicos dos seios

delatavam o frio. O ar condicionado havia sido posto no máximo para amenizar o calor humano.

Atravessando a multidão desde o primeiro andar, Ricardo se aproximou da redoma e contemplou a nudez da cantora. Tinha sido apresentado a ela por Lucas, na primeira visita que fizera ao Neon Azul para sondar o ambiente e conversar com Armando. Chegou a pensar que perderia a disputa para Murilo, um cara estranho que pintava toda a semana no bar e parecia atraí-la de modo inexplicável, mas o sujeito desapareceu sem avisar ninguém, justo no dia da estreia de Dita como cantora, e deixou o caminho livre. Ricardo a achava linda e dona de uma voz maravilhosa. Vê-la despida e entregue aos lobos deixava-o no limite entre a irritação e a excitação. Por mais que reprovasse as decisões de Dita, não conseguia deixar de assistir ao espetáculo.

Ele observou os clientes com pesar. Eles acreditavam naquela pausa, não se davam conta de que só existia para aumentar a tensão antes do orgasmo. Teve vontade de gritar que fossem embora, que arrumassem DVDs pornôs em casa para se masturbar, mas sua voz falhou ainda quando era um mero pensamento. A garganta fechada mal permitia que respirasse. O que haviam feito com sua musa?

O teclado de Dionísio anunciou a retomada do número. Ouviu-se um burburinho na plateia. Lucas ergueu os olhos, antes vidrados nas páginas de seu bloco, e mirou Dita sem piscar. Era o sinal, mais um minuciosamente ensaiado pelos dois atores. Ela não sorria. Não demonstrava nenhum sentimento, mas por dentro se regozijava com o sucesso.

– Agora a crítica – falou Lucas, olhando para o homem de óculos vermelhos.

– Um jornal de segunda publicou. Eu não trabalhava mais naquele bar e não me apresentava em intervalos alheios. A cantora do banheiro havia me ajudado a alçar voos maiores, antes de sucumbir a um acidente. Tinha despencado do palco, machucado a perna e se tornado passado no avançar de uma infecção. Já eu tinha uma casa noturna para sustentar durante duas horas e meia, fazia

sucesso, garrafas de água à parte. Mas os aplausos que recebia não bastavam para aquietar o dono do lugar. Ele queria mais.

“Assim, ele me chamou em sua sala ao final de um *show*. Havia entrado nela apenas para assinar o contrato e mal lembrava a cor do sofá. Eu a tinha como um lugar de sorte. Tinha criado uma relação especial com aquele templo em breve profanado.

“Ele pediu que eu me sentasse. Puxou a cadeira em frente à mesa e disse que precisávamos discutir sutilezas burocráticas. Foi neste instante, o da sutileza, que ele levantou, parou do meu lado e, enquanto acariciava o meu cabelo, abriu o botão e o zíper das calças, deixando-a cair até os joelhos.

“Passei a recolher os aplausos como se fossem óbolos. A alegria da plateia me dopava e me auxiliava no esquecimento das humilhações sofridas em intervalos regulares. Ele tinha nome no mercado e jamais me chantageou, mas eu sabia que se o contrariasse minha carreira estaria arruinada. Desculpas inventadas para nós mesmos.

“Nossos encontros casuais evoluíram devido à falta de espaço e após três ou quatro paradas no motel, fui conhecer o imenso apartamento onde ele morava. Nos móveis que cercavam a cama, havia mil espécies de óleos aromatizados. Tentei me despir mas ele não deixou. Rasgou minha roupa e me jogou na cama com violência. Era o que queria. Comecei a imaginar que gostava dele. Fui além, acreditei que se interessava por mim. Deixei que me desse um tapa. Quase o sufoquei entre minhas coxas. Na semana que se seguiu, fui despedida”.

Dita saiu envolta em um roupão, assim que a redoma se abriu. A reação do público havia sido registrada pela câmera e pelos olhos atentos do Homem, Dita já previa alguns ajustes para o próximo número. Logo poderia liberar Lucas do papel de apoiador e colocá-lo do lado de fora da redoma, onde preferia ficar. Atuaria melhor dialogando com uma cadeira vazia.

Segundo Ato

– Por favor, fique à vontade. Pode escolher o sofá, a cadeira. O que preferir – disse Armando, de modo gentil.

Sem pensar duas vezes, Dita escolheu o sofá e se sentou, apoiando o violão sobre as pernas. Procurou o rosto amigo de Ricardo, que tinha subido com ela, e depois se perdeu na visão privilegiada que o mezanino lhe proporcionava.

– Por que não vamos direto aos negócios? – perguntou Ricardo.

– Não é dessa vez que o Homem vai poder falar com você, mas fiz questão de manter a data do nosso encontro. Ele é extremamente favorável à descoberta de novos talentos pela casa. Alguns não tão novos assim, é verdade. O nosso Dionísio, por exemplo, está há anos na profissão, mas o tratamos como se fosse cria nossa.

– Espero não estar parecendo nervosa. O frio do ar condicionado está me deixando com as palmas suadas. Não sei o que me deu.

– Eu diminuo o ajuste, até para não prejudicar sua voz – falou, pegando o controle remoto. – De qualquer modo, evito os pré-julgamentos. Dificilmente alguém entra aqui sem ficar nervoso, acredite em mim. Considerando os que voltaram antes de atravessar a porta, você está um passo à frente – disse Armando, encarando Ricardo. Jamais perdoaria o fato de ele ter recusado um convite para conversar a sós com o Homem.

– Não vamos exagerar. Nem que eu tivesse que vir com dois casacos – respondeu Dita, sem perceber a tensão entre os dois.

– Ricardo já deve ter te contado que é cliente antigo aqui da casa. Tão antigo que soa estranho chamá-lo de cliente. É quase um sócio que não entra com o dinheiro, só com o serviço. Ele tem contribuído muito para a evolução do Neon Azul, mesmo sem saber. Foi com muita satisfação que o Homem recebeu essa indicação, Dita. Dita de quê?

– Dita Aguirre. É espanhol. Ninguém consegue ler. Herança por parte de mãe.

– Já foi registrada com nome artístico – comentou Ricardo.

– Sabe, Dita, é a primeira vez que Ricardo vem aqui em cima. Você acredita? Não foi por falta de oportunidades, isso eu posso garantir, mas o que interessa é que, para ele abrir uma exceção, você deve ser mesmo especial.

– Obrigada pelas gentilezas.

Ricardo se sentou ao lado de Dita, no sofá. Havia imaginado essa cena tantas vezes quanto ela e se pudessem ler os pensamentos um do outro, veriam que havia vários pontos em comum, como a mão passada na cintura.

– Será que podia cantar um trecho de uma música? Só um pedacinho para eu testar a acústica da sala. Pode ser nacional ou internacional. Se souber cantar “Só tinha de ser com você”, faria um gerente muito feliz.

Deixando o possível nervosismo de lado, Dita atendeu ao pedido. Envolta pelas melodias, perguntava-se se a escolha de sua música predileta havia sido mera coincidência. Desde a visita inaugural ao Neon Azul, havia sentido algo especial. A casa levava as pessoas a exporem o melhor e o pior de si. Tinha um efeito tão alcoólico quanto os drinques luminosos que servia. Ricardo dividia a mesma opinião, pôde perceber nas poucas semanas de convivência.

– Muito bom! O que um leigo como eu poderia dizer? – falou entre aplausos discretos. – O contrato é padrão, igual ao que circula em qualquer casa noturna – continuou, antes que o calor de seus elogios se dissipasse. – Tome uma cópia. Pegue uma também, Ricardo. Leiam sem pressa. Vocês vão perceber que é muito simples. Sem pegadinhas e com claros e exclusivos benefícios. Será um prazer tê-la como parte da casa.

## Primeiro Ato

– Nossa, que lindo esse lugar.

– Venho aqui de vez em quando para espairecer. Como está indo no emprego?

– Terrível. A chefe não para de pegar no meu pé. Tudo que eu faço de bom ela diz que foi ela. Tudo que ela faz de errado ela diz que fui eu. O dinheiro está curto, cortaram o meu bônus. Resumindo, um inferno. Estou ansiosa para ouvir a sua proposta.

– Não vamos colocar a carroça na frente dos bois. Seria descortês obrigá-la a me ouvir de barriga vazia. Uma tortura dupla.



Lucas Moginie examinou o cardápio como um perito. No lugar do álcool, grãos selecionados na França, Itália, Alemanha e Brasil. O café podia ser servido quente ou gelado, com variações de creme, torrões de açúcar, raspas de caramelo, misturado com chocolate e outras combinações que ganhavam os cafés da cidade. A decoração do século XIX deixava Dita um tanto deslocada, mas nada que atrapalhasse a conversa com o escritor.

Estava passando por uma fase complicada da vida. O namorado que ajudava nas despesas tinha ido embora e o emprego de recepcionista cobria as contas sem deixar sobrar muito no banco. Mas o pior de tudo – ela enfatizava com aspereza na voz– era não estar cantando.

Lucas tinha uma vontade sincera de recolocar Dita no caminho de seus sonhos. Ele sabia como era dilacerante batalhar por espaço e dividir a vida entre um emprego que sustente a casa e outro que alimente a alma. Dita era uma mulher bonita, educada e também inteligente, por isso entendia que Lucas tinha lá seus interesses particulares.

Ela e o escritor tinham se conhecido em um bar na Lapa em tempos imemoriais. Lucas colhia material para um livro novo e Dita havia perdido um guitarrista, sendo obrigada a tocar só com o violão. Uma coisa não completava a outra, mas resultou em uma conversa amigável, Lucas armado com bloco e caneta, Dita com bom humor e histórias interessantes.

Ela ficou surpresa quando recebeu o convite para ir à Confeitaria Colombo, não por falta de confiança em seus dotes sociais, mas pela extenuante mudança de perspectiva que vinha sofrendo nos últimos meses.

– O que acha de pedirmos esse *milkshake* batido com creme suíço, hum?

– Prefiro um café expresso se você não se incomodar.

– Café expresso será – respondeu Lucas, virando-se para o garçom. – Traz um desse para mim e um café expresso para a minha amiga. Ela é uma grande cantora, sabia? Aposto um *croissant* que você ainda vai ouvir falar dela.

A que ponto tinha chegado, ficar ruborizada porque valia um *croissant*. Dita se deu conta do quanto sentia falta dos elogios e dos aplausos de fim de noite, mesmo que viessem de uma das dezenas de bares da noite carioca. Memórias de um passado que parecia longínquo e que ela guardava a sete chaves em seu coração. Lucas precisava trazê-la de volta. Não importava qual seria o preço, estava disposta a aceitar.

– Você está me matando de curiosidade.

– Calma que eu ainda nem comi. Aquela crente parou de te incomodar?

– Você ainda se lembra dessa história?

– Mas claro!

Dita morava em um edifício de quinze andares, doze apartamentos por andar, o que significava um condomínio mais baixo no fim do mês e um monte de vizinhos para tomar conta de sua vida. Sua postura era evitar confusão, faltar às reuniões de condomínio. Devia incontáveis favores para os mais chegados. Não sabia dizer quantos convites para almoço recebera entre um emprego e outro, nem quantos bolos de chocolate havia preparado para retribuí-los. Também perdera a conta das cantadas e mãos bobas dos maridos de suas amigas. Por sorte, a crente estava fora da lista. Não tinha marido nem eram amigas.

Todo dia pela manhã, quando saía para comprar o pão do café, Dita a encontrava no elevador. A longa descida dera à crente a chance de desenvolver um olhar metódico de desaprovação que ela usava sem cansar. Foi longo o processo até alcançar o requinte do insulto não verbalizado.

Depois do “bom dia” de dentes arreganhados, seguia-se o silêncio absoluto. Passados um andar ou dois, ela inclinava o pescoço suavemente e se fixava nas pernas torneadas de Dita. Parecia meio tímida, meio com nojo, fingindo fitar o chão. Se houvesse uma parada em um andar, ela se ajeitava com ligeireza e recolhia o olhar, se não, ia recuando e subindo a cabeça, balançando-a de um lado para o outro com muita discrição, até encarar a cantora e sorrir novamente.

Além de ser mais alta, Dita usava salto alto, mas sentia-se minúscula após o contato desagradável com a vizinha. Tinha vontade de dar um murro na mulher e quebrar-lhe todos os dentes. A cena só acontecia na sua cabeça. No elevador, ela se continha e retribuía o sorriso enfadonho.

– O pior era quando ela não se contentava e fazia aquele *nti nti nti* de reprovação. Eu me mordida por dentro. Precisava de muita concentração para não tacar uma boa de uma bofetada naquela cara de sonsa.

– Vizinhos! Se não tê-los como sabê-los? É importante para um artista aprender a lidar com a opinião das pessoas. Principalmente as que nos desagradam.

– E eu não sei? É incrível como alguém que se expõe ao público possa acabar se enfurecendo por uma besteira dessas. Mas aquela mulher me tirava do sério!

– Dia desses conheci uma casa no centro da cidade muito interessante. O toldo com lâmpadas azuis me chamou a atenção de longe. Uma preciosidade, uma caixinha de joias. Os clientes são meio irônicos, meio sarcásticos. Acho que você se daria muito bem lá dentro. Quer encarar?

– Tem música ao vivo?

– Não sei se podemos chamar assim. Tem um pianista foda de bom e números musicais de *strip* que rolam até com *jazz*. Não tenho como explicar, só conhecendo para entender. A minha impressão é que o Neon Azul é diferente para cada um que pisa lá dentro. Mas acho que há o espaço para uma apresentação e é uma estupidez da gerência ainda não ter explorado a possibilidade. Estou disposto a investir na ideia, se você se interessar.

– Você conhece alguém lá dentro?

– Se conheço alguém que pode nos ajudar? Sim e não. Ricardo, o meu editor, é cliente antigo do lugar. Pelo que percebi é uma atração à parte, tamanha a popularidade. – Lucas fez uma pausa e esperou que o garçom entregasse o *milkshake* e o café. Fez uma piadinha sobre a demora e voltou sua atenção à Dita. A ansiedade era visível no rosto da cantora. Prolongou o silêncio puxando o

*milkshake* pelo canudinho. Ela aproveitou para tomar um gole do café.

- E ele tem influência?
- Influência que eu gostaria que usasse por nós dois.
- Nem sei o que dizer.
- Não diga nada.

A última nota



Foi com felicidade que Dionísio recebeu o convite para tocar no Neon Azul. Não seria um contrato de exclusividade, mas ajudaria no orçamento e possibilitaria a realização de projetos que há muito estavam engavetados.

Dionísio foi conhecer a casa a convite de Armado. O gerente do Neon tinha visto sua apresentação em uma exposição multi-sensorial no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Foram três meses gravando as composições que acompanhavam cada obra. Iam de Grande Hotel a Samba do Avião, de Equalize a Lágrimas na Voz, passando por bossas que são figurinhas carimbadas nesse tipo de evento. Para comemorar uma temporada de sucesso, Dionísio estava executando as canções ao vivo, permitindo que os visitantes as relacionassem com as peças que preferissem, fossem quadros, esculturas ou obras indefiníveis.

Armando deixou um cartão com seu telefone preso na partitura. Viver para a música implicava em sobreviver da música e isso significava lidar com constantes incertezas de orçamento. Havia temporadas paradas e movimentadas em igual proporção. Logo no primeiro contato, Armando foi direto, sem meias palavras. Queria que Dionísio tocasse em todos os dias que não estivesse em outro emprego.

Entrou no Neon Azul ainda não dera meio-dia, as lâmpadas da entrada encontravam-se apagadas. A cara amassada de quem havia acabado de acordar depois de uma noite longa contrastava com a de Armando. Conhecia as pessoas que viviam da noite e ainda não tinha encontrado nenhuma que não possuísse olheiras profundas.

– Como consegue trabalhar até o amanhecer e manter a disposição? Gerenciar o Neon deve esgotar suas forças.

– Eu não durmo. Questões de genética. Se eu fosse você não perdia tempo pensando no assunto. Vão-se anos e até hoje ninguém conseguiu entender.

– Se eu não dormisse acho que seria capaz de trabalhar vinte e quatro horas por dia.

– E a diversão, onde é que fica?

– Quem precisa dela?

– Isso é papo de quem trabalha com o que gosta. Bom sinal. Venha por aqui. Quero te mostrar uma coisa. – Armando o chamou, levando-o para a isca.

Dionísio não precisou de muito para se apaixonar. Bastou se deparar com um Steinway, um belíssimo piano de salão feito em ébano, para abrir as negociações. O pianista tinha consciência da perspicácia de Armando, mas não podia lutar contra o encanto. Aquele era o piano mais bonito que já tinha visto. Foi amor à primeira vista.

– Posso abri-lo?

– Deve. Do que adianta ser um bom pianista se o piano não gostar de você? É ele quem dá a palavra final e não eu. Nessa contratação eu sou um mero intermediário.

– É sempre uma prova de fogo – retrucou, tateando suavemente a belezinha que tinha à sua frente.

Dionísio ergueu a tampa e a prendeu na trava de sustentação, encantado com o interior dourado do piano de cauda. Seus dedos grossos tocaram suavemente as teclas de madrepérola. O pianista tinha por volta de trinta anos, era branco como as teclas e tinha olhos e cabelos negros como a superfície polida do Steinway. Os ossos protuberantes da face realçavam suas reações e lhe davam um ar ligeiramente cômico. Mas foi com seu olhar doce de quem caminha sem rumo na vida que Dionísio seduziu o piano e conquistou sua vaga no Neon Azul.

– Como conseguiram... – a frase incompleta fundiu-se ao som das primeiras notas. Para o primeiro contato, escolheu uma canção que costumava ouvir quando criança, bem longe do seu gosto por *jazz*. Sua avó dizia que os gregos a cantavam para agradecer a chegada de coisas muito boas. Dionísio não sabia dizer como uma pessoa que não tivera chance de passar do primeiro grau podia ser tão culta. Adorava passar a tarde ouvindo as histórias da avó. A imagem dela tornava-se viva cada vez que tocava um de seus instrumentos.

A música veio sem pressa, tomou o ambiente aos poucos. Dionísio a usava para verificar a afinação dos pianos antes das

apresentações. Armando demonstrava estar feliz com o resultado, mas era com a recepção do piano que Dionísio estava preocupado. Ouvir a melodia suave produzida por martelos e cordas era uma recompensa maior do que qualquer pagamento que viesse a receber.

– Incrível a ligação da Alemanha com a música clássica, não?

– Sem dúvida. Mas essa belezinha aqui é americana, apesar da fábrica ter sido fundada por uma família alemã.

– Se você diz, quem sou eu para discordar? Dizem que Ingrid Caven cantou “Noite Feliz” para Hitler acompanhada de um piano desses.

– É magnífico, de qualquer modo.

De olhos fechados, Dionísio começou a experimentar uma composição de Tchaikovsky. Há muito não tocava música clássica.

– Boa escolha – falou Armando, sucinto para deixar a música fluir.

– Sinto-me como se estivesse lá.

Quando terminou, sentia um frio incalculável, como se tivesse perdido seu calor para o piano. A realidade demorou a recuperar os contornos, deixando teto e paredes com momentânea fluidez. Armando havia se afastado. Estava sentado em um banco na ponta do bar e bebia um coquetel de frutas. O barman devia ter chegado enquanto tocava e nem notara sua presença, deduziu Dionísio. Ele tinha um sorriso genuíno, trazendo uma ponta de felicidade ao coração do músico, mas sua satisfação não era capaz de esconder o brilho estranho de seu olhar. Dionísio quase abandonou a ideia de tocar na boate. Não fosse a belezinha na sua frente...

– E então? Fui aprovado pelo piano?

– Por ele, por Tchaikovsky, pelo Neon e até pelo rapaz aqui. – Armando apontou para o barman – A alegria que vejo estampada em seu rosto parece ser a resposta que procuro. Quando prefere começar?

– Qual o dia de menor movimento na casa?

– Timidez?

– Ambientação.



O apartamento em que morava era modesto. A decoração se resumia a fotos de telas famosas pelas paredes e livros nas estantes da sala. De manhã, cedia-o para um amigo escritor poder trabalhar, conseguindo mais algum dinheiro para manter o aluguel em dia.

Dionísio não tinha animais, mas curtia espalhar plantas próximo às janelas. Seus horários inconstantes impediam que criasse um cachorro, seu sonho de consumo. Além do mais, o tempo passado em casa era dedicado ao treino. O piano ficava no quarto, seu lugar predileto na casa. Apesar dos anos de uso e dos sacolejos no dia da mudança, seu verniz brilhava como novo.

Sobre sexo, Dionísio não podia se queixar. A cama vivia quente e era bem frequentada. Infelizmente, não poderia apresentá-la para o seu novo amor. Ainda não podia acreditar no que vira no Neon, no que sentira ao entrar em simbiose com aquele instrumento maravilhoso. Sentia-se tentado a ceder todos os dias da semana para o novo trabalho, mas não podia. Tinha o compromisso no museu por mais duas semanas e precisava saber se Armando pagaria em dia e manteria a palavra sobre os benefícios. O bar era grande e contava com instalações rebuscadas, e até um leigo em assuntos administrativos como ele sabia que apenas com muito dinheiro circulando se mantinha um lugar assim.

Decidiu então sondar seus velhos amigos. Tinha esperanças de que alguém tivesse trabalhado com Armando ou soubesse um pouco mais sobre o Neon Azul. Dionísio aprendera a ser precavido quanto a casas noturnas. Após passar quase um mês trabalhando em Teresópolis viu a boate onde tocava ser fechada por falta de licença e ficou sem receber um centavo. Chegou lá numa noite e deu de cara na porta. O processo ainda corre na justiça e só ele sabe a falta que o dinheiro fez.

Na época saía com Mariana, esposa de um advogado do qual estava se separando. Começaram o que era meio um caso meio um relacionamento sério, pois ela não se preocupava mais com a opinião do marido. Vivia dizendo que Guilherme tinha enlouquecido, que só queria saber de putas e do maldito boneco que guardava na garrafa. Dionísio não conseguia entender como alguém em sã

consciência podia largar uma mulher como ela para viver uma aventura ou cuidar de um boneco. Deu o apoio necessário, enturmou-se com o filho de Mariana, e levou a relação enquanto foi possível.

O músico encerrou o dia com uma ducha e o resto de macarrão guardado na geladeira após o almoço. Demorou a pegar no sono, pois só conseguia pensar em voltar para o Neon Azul e tocar o Steinway. Cogitou levantar e ir para o seu próprio piano ensaiar, mas desistiu. Como poderia achar graça depois de ver uma belezinha daquelas? Além do mais, estava muito cansado e precisava se forçar a dormir.

Assim que acordou, pegou o telefone e discou para Dadinho. A última vez que conversara com o amigo tinha sido na apresentação de Natal no Teatro Municipal. Tinha passado o ano tocando para uma companhia de teatro e a prefeitura acabou organizando uma festa aproveitando a equipe.

Quando mais jovens os dois viviam conversando sobre montar um grupo de *jazz*, mas o projeto nunca foi para frente. Dadinho tinha a fama merecida de ser um exímio saxofonista e geralmente saía de um emprego já tendo outro em vista. Gostava de brincar com Dionísio dizendo que ele podia levar o sax para a saída da estação de metrô, o que seria complicado de fazer com um piano.

- Se a fome apertar, estou melhor na fita que você.

A conversa ocupou boa parte da manhã. Correu agradável como Dionísio imaginava, mas foi pouco produtiva. Dadinho prometeu ajudar o amigo tão logo se estabelecesse no novo emprego e se lembrou de Paulo, o violeiro mais rápido do Rio de Janeiro, ter falado de um inferninho de luzes azuis. Foi depois de muita cerveja, explicou, então não podia afirmar.

- A maioria tem luzes vermelhas. A chance é boa.

- Eu vou ligar.

- Deixa eu te passar o número novo. Quer dizer, se ainda for este. Faz um bom par de anos que eu não ouço falar no Paulo. Vai ver conseguiu ir para o exterior como queria e ficou por lá.

- Eu vou tentar mesmo assim.

O máximo que aconteceria seria passar mais uma hora falando com um velho amigo, recordando histórias deveras agradáveis.

Quem atendeu foi Sofia. Dionísio demorou a reconhecer sua voz. Lembrava de Sofia como uma pessoa extrovertida e com voz potente, distante da pessoa entristecida que lhe disse “alô”. Só depois de dizer que era o cara do piano, Dionísio conseguiu resultados. Talvez ela estivesse dopada, pensou mais tarde.

Sofia e Paulo namoraram desde a faculdade de música. Haviam preferido apenas se juntar e dispensar os papéis. Como especulara Dadinho, tinham ido para o exterior convidados por um produtor de *jazz* e só retornaram porque Paulo não conseguiu renovar o visto no consulado.

– E será que eu posso falar com ele?

– Só em uma sessão espírita, Dionísio. Paulo morreu tem um ano.

– Desculpe pela mancada, Sofia, eu não fiquei sabendo. E você? Está bem?

– Péssima. Minha voz sumiu, tive que largar o trio de mpb e estou fazendo tratamento para a depressão.

– E como está conseguindo se manter? – perguntou Dionísio, preocupado. A cantora não tinha família por perto que pudesse ajudá-la.

– É uma história doida, mas só tenho que agradecer aos anjos. O gerente do último lugar onde Paulo trabalhou me paga uma pensão. E eu que não dava nada pelo tal do Neon Azul.

– O nome desse gerente é Armando?

– Isso. Você o conhece? Na noite em que Paulo morreu havia tocado em uma sessão fechada para ele e para o dono do lugar. Um show inteiro com repertório novo. Eu não cheguei a conhecer o dono, apesar de insistir. Armando me disse que ele ficou sensibilizado com a situação. Depois de uma apresentação tão bonita, não merecia morrer assim.

– Nossa, nem sei o que dizer. Foi algum problema grave?

– Ele chegou esgotado em casa. Parecia estar com um forte resfriado, só que alguém que toca saxofone duas horas seguidas não pode estar resfriado, você tem que concordar. Ele tomou um banho, deitou no sofá e simplesmente se foi.

Sofia começou a chorar. Dionísio se arrependeu de ter feito a pergunta. Não tivera muito tato, precisava admitir, mas não sabia o que falar depois da história. Sentiu-se culpado por perder o contato com Sofia, Dadinho, Paulo e os demais amigos que conseguiu pensar no momento. Se estivesse por perto talvez pudesse ter ajudado.

A mulher se desculpou. Sua voz tremulava sem controle, porém o choro havia cessado. Dionísio anotou o endereço e prometeu uma visita. Contou que iria trabalhar no Neon Azul e que assim que conhecesse o dono do lugar agendaria uma visita para Sofia poder agradecê-lo pessoalmente. Tinha a nítida impressão de que a amiga cantora se esqueceria da conversa no próximo comprimido de midazolam, mas isso não importava, manteria contato dessa vez.

– E a Mariana?

A pergunta surpreendeu Dionísio. Não imaginava que Sofia pudesse se lembrar de ninguém no estado em que se encontrava, muito menos de Mariana.

– Deve estar bem. Não estamos mais juntos.

– Uma pena. Paulo dizia que vocês dois combinavam.

– E ele tinha razão. Mas não deu certo – falou, um tanto melancólico.

Mais uma quarta-feira chegava e o pianista sentia como se tivesse esperado um ano para estar de volta ao Neon. Dionísio decidiu ir mais cedo e se espantou com o movimento. Não esperava encontrar tanta gente no meio da semana, às três horas da tarde.

Como de costume, logo que subiu Armando veio ao seu encontro. Recebeu-o como a um amigo de longa data, deixando-o o mais a vontade possível. Mal terminou as saudações, perguntou se Dionísio não queria um drinque. Armando chamou o barman e seu assistente e formalizou as apresentações. Mostrou-se descontraído e disse que todo piano de boate precisa ter um copo de bebida em cima. Dionísio recusou sumariamente apoiar qualquer coisa úmida naquela relíquia negra.

– Tenho certeza de que mudará de opinião – disse Armando, passando a mão sobre o seu ombro e levando-o para o bar – Faça o drinque da casa para o nosso amigo aqui e leve lá em cima. Vou carregá-lo para assinar uns papéis.

Dionísio não pôde deixar de se surpreender com a visão panorâmica da sala do gerente. Tinha controle absoluto de tudo. Aonde os olhos não iam, câmeras tratavam de enxergar.

Armando percebeu que o pianista, já acomodado no sofá, mantinha a atenção no piano bar. Conhecia a sensação, guardada a fundo em memórias do passado, de que aquela casa podia levá-lo a qualquer lugar. As escadas e portas pareciam infinitas devido ao jogo de espelhos.

– Você já teve algum problema com segurança aqui?

– Se refere a brigas e assaltos? Para ser sincero, não. Uma vez um jornal noticiou que um grupo religioso estava planejando me matar, por isso as câmeras. – Armando fez uma pausa, recordando o acontecido. – Mas eu não chamei você aqui para falar do meu passado.

– Pensei que já tivesse assinado todos os papéis.

– E assinou. Aquilo foi só uma desculpa para tirá-lo lá de baixo. Queria falar sobre Sofia.

O coração de Dionísio gelou. Se não fosse impossível, diria ter parado por um segundo. A batida na porta o fez saltar do sofá. Estavam trazendo o seu drinque. O aroma adocicado da bebida azul alcançou suas narinas mesmo antes de segurar a taça. Os riscos coloridos faziam mesmo o desenho da letra D? A porta bateu novamente, mas foi um toque de Armando que fez com que voltasse a realidade.

– O que tem Sofia? – perguntou, ainda sem conseguir esboçar reação.

– Soube que você ligou para ela ontem à noite. Não fique espantado. Nós monitoramos a casa dela desde o incidente com o Paulo, nosso antigo músico. Foi uma coincidência e tanto você ser amigo dos dois, mas os sincronismos da vida às vezes pregam peças. Não precisa me contar sobre a conversa. Ela me foi passada hoje de manhã. Queriam que eu avaliasse os riscos. Então vou te

dar um conselho e espero que ele seja seguido. Fique longe de Sofia. Ela tem sido mantida sedada desde que matou o marido. Alguém do passado pode levá-la a uma recaída.

Dionísio arregalou os olhos, estupefato com o que ouvia. A voz, perdida em algum ponto na garganta, saiu falha, mais parecendo um pigarro de rouquidão.

– Sofia matou Paulo?

– Sofia vinha desenvolvendo um sério caso de psicose. Seu ciúme estava saindo do controle. Paulo vivia comentando sobre as discussões. Claro que nós não o levávamos muito a sério. Toda vez que Sofia vinha prestigiar uma das apresentações dele o que víamos em seus olhos era amor. Pareciam o casal mais perfeito do planeta.

– Ela me disse... – Dionísio se interrompeu, lembrando que Armando sabia de toda a conversa – Como aconteceu?

– Eles haviam brigado pela manhã. Paulo tinha proposto um novo show. Já havia me mostrado parte do novo repertório. Eu sugeri que marcássemos uma apresentação particular com o meu chefe. Ele contou que Sofia havia tacado os cinzeiros na janela, quebrado os vidros, batido nele. Tinha as marcas de cortes no braço para confirmar a história. Precisou de uma dose generosa de uísque para se acalmar. Foi a última vez que o vimos com vida. Quando chegou em casa, Sofia o recebeu com um jantar pomposo. Paulo achou que fosse um pedido de desculpas e morreu envenenado.

– Não parece a Sofia que eu conheci.

– Foi a frase mais dita naquela semana. Sofia ligou para cá no dia seguinte e disse que Paulo não estava se mexendo. Mandei médicos até a casa deles e, uma hora depois, o corpo estava no hospital para realização de autópsia. Ela usou um veneno de rato, inodoro e insípido. Não se lembrava de nada. Consegui ocultar os fatos e o laudo saiu como infarto fulminante. Desde então estamos ajudando Sofia a se recuperar. Passou meses na clínica e ainda não fica sozinha em casa. Mantemos uma enfermeira vinte e quatro horas.

– Assustador – falou Dionísio. Por que haveria cinzeiros na casa de uma cantora e um saxofonista?, pensou, apegando-se a detalhes.

Talvez sua mente estivesse criando mecanismos para se defender. Talvez fosse a bebida azul. Seu copo estava vazio. Tinha esvaziado a taça sem perceber. Queria mais.

- Desculpe recebê-lo assim.
- Estou um pouco confuso.
- É normal. Eu não esperava outra coisa. Mas achei que seria o modo mais limpo de tratar do assunto com você. Tudo o que Sofia precisa agora é de paz.

Dionísio bebeu o último gole e devolveu o copo ao bar. Sentou-se ao piano e sentiu seu corpo vibrar. Iria tocar o corpo de madeira de lei novamente. Tinha o coração palpitante e vivenciava um inexplicável turbilhão de sentimentos.

As meninas da casa haviam se aglomerado ao seu redor. Era fácil perceber que não entendiam quase nada de *jazz*. Com exceção de Dita, que fazia comentários com certo conteúdo, elas pareciam um bando de pombos catando os grãos de milho jogados pela velha da praça.

Os clientes também estavam curiosos com a presença do pianista. Parte deles havia conhecido Paulo, pessoal da antiga, outra não fazia ideia de que o Neon pudesse abrigar esse tipo de espetáculo. A vontade inicial de reclamar e pedir pelas *strippers* desfez-se com as primeiras notas. Dentro do Neon Azul não havia como resistir.

Dionísio sentiu que as pessoas ao redor estavam se divertindo para valer. Mais tranquilo, fechou os olhos enquanto passeava com os dedos pelas teclas, num deslizar suave. Foi transportado para épocas remotas, viajava por pubs londrinos, guetos americanos, lugares conectados por um portal musical. Podia dar-se ao luxo de ser egoísta naquele instante e que se danassem os outros. Ele estava se divertindo. Descobria o caminho do êxtase tocando aquela relíquia e o resto parecia pequeno demais diante da sua experiência.

No intervalo de uma música para outra, naquele espaço preenchido por aplausos e cochichos, Dionísio sentiu uma melodia se formando no ar. Podia cheirá-la, tocá-la com as mãos, ela envolvia seu corpo e seu espírito, deixando seus pelos arrepiados.

Mesmo sem reconhecê-la, resolveu arriscar-se a tocá-la. Era forte a imagem das notas saltando em uma pauta imaginária bem diante dos seus olhos.

Enquanto a executava com destreza, o palco ao seu lado direito se acendeu. Gabriela começou seu número de dança e arrancou uivos e assovios da plateia. Dionísio não sabia dizer se estava louco ou se a coreografia da dançarina realmente se encaixava com precisão na música que intuía. Pareciam ter ensaiado juntos por dias a fio. A loucura se repetiu com a música seguinte e a seguinte e a seguinte. Seu corpo não passava de um canal. Após tantos anos de trabalho, finalmente descobrira o real significado da inspiração.

Quando a casa começou a esvaziar – o que também significava que muitos copos de uísque tinham sido bebidos – Armando chamou Gabriela. Ele e Dionísio conversavam sobre o sucesso do primeiro dia do músico na casa e ambos concordavam que a dançarina tinha sido peça fundamental. Dionísio aproveitou para pedir um refrigerante. Queria levar um pouco de glicose ao sangue.

– Vamos. Sente-se um instante conosco.

– Você foi incrível – disse Dionísio, empolgado. – Parecia adivinhar o que se passava pela minha cabeça. Cada nota se transformava em um movimento seu. Se eu não fosse cético de natureza diria que entrei em hipnose e uma espécie de mágica aconteceu.

– Ora, não seja bobo. O único truque que vii foram anos de experiência com um monte de músicos diferentes. Até gaita de fole já me serviu de fundo, querido. E duvido que você consiga imaginar qual era a coreografia.

– Ai, o cara da gaita – Armando sorriu. – Divertido ele. Um bom rapaz.

– Fico pensando quanta gente já deve ter passado por aqui.

– Um bocado, meu caro – disse Armando ao se levantar. Ele pegou o terno pendurado na parede, sacudiu de leve e se despediu – Vou dar uma verificada no segundo andar. Uns clientes reclamaram do calor. Espero que não tenha sido o ar condicionado.

Dionísio e Gabriela ficaram se olhando enquanto o gerente se distanciava. O pianista achou que fosse um daqueles silêncios por falta de assunto, quando duas pessoas sem intimidade se



encontram, mas a dançarina apenas esperava que o gerente sumisse do recinto.

– É assim com todo mundo – disse ela. Dionísio pensou não ter entendido, pois a frase não havia feito sentido. O murmúrio se repetiu. Dionísio abaixou-se sobre a mesa aproximando o ouvido para tentar escutá-la.

– A sensação. A integração. A viagem, se preferir dar esse nome. Com o passar do tempo, o vínculo vai aumentando. Foi só a sua primeira noite. Ainda tem muito chão pela frente.

– Senti como se uma energia me invadisse.

– Você é músico, gracinha. Você é um canal e tanto. É natural. Mas vê se vai com calma para não terminar como o coitado do Paulo.

– O que teve esse Paulo? – perguntou como se não o conhecesse.

– O êxtase foi tão grande que bateu as botas – ela falou, com uma expressão tão casual que desarmou qualquer desconfiança de Dionísio. Parecia somente uma fofoca de bar, nada mais.

– Eu vou me segurar. Se eu exagerar você me avisa.

– Ah, você vai saber quando estiver exagerando, eu garanto. – Gabriela pegou um cigarro dentro da bolsa e encaixou-o na piteira. Dionísio pegou o vaso com a vela de cera no centro e acendeu o cigarro – Quer ensaiar um número nosso? Um que seja nosso de verdade e não uma circunstância miraculosa.

– Seria um prazer.

– Em quais outros dias você vem?

– Por enquanto só trabalho às quartas.

– Um dia só? Isso não dá para nada. Por que não pegou a semana inteira? A vaga é sua! Aproveite antes que alguém tome o seu lugar.

– E o papo de ir com calma?

– Não foi o que eu quis dizer. Está com medo de quê?

– Para ser sincero? De não me pagarem.

– Se duvidar, hoje mesmo recebe um adiantamento. Está sendo covarde.

Dionísio sentiu-se ofendido. Seu orgulho havia sido ferido mortalmente e a bebida fez com que o sangue subisse mais rápido

à cabeça. Covarde? Podia ser chamado de tudo na vida, menos de covarde. Gabriela notou o erro, mas manteve o olhar firme e a cabeça balançando, meio debochada, para ver no que ia dar. Ou ele levantava dali e lhe dava um tapa na cara, o que não seria nenhuma novidade no currículo, ou caía na armadilha e aceitava pegar um dia extra para ensaio. Gabriela sentia que grandes oportunidades surgiriam com o pianista por perto. Iria lutar pela ideia.

– Estou sendo cauteloso, garota. Veja lá como fala comigo. Só porque sou novo aqui não vou aguentar desaforo calado.

Gabriela inclinou-se para frente, tocando a ponta do nariz de Dionísio com o seu. Olhou-o fundo nos olhos, vendo o próprio reflexo. Passou a mão no rosto de barba cerrada do músico e lhe beijou os lábios de modo delicado.

– Não deixe uma chance passar por medo do passado. Eu sei o que estou dizendo. Trabalho aqui há tanto tempo que nem me lembro como era a minha vida antes de entrar. Longe de mim te fazer acreditar que esse será o emprego dos seus sonhos, mas será um passo importante, aonde quer que esteja indo.

Quartas. Quartas e quintas. É, quinta seria um bom dia. Mais um dia para pegar o metrô e ir ao encontro do Steinway. Com a exposição encerrada, tinha ganhado mais tempo para refletir. A mente ainda precisava decodificar a experiência maravilhosa que tivera na primeira noite. E na segunda. E na terceira. O que tinha acontecido?

Dionísio foi libertado dos pensamentos pelo telefone. O toque parou antes que pudesse achá-lo debaixo das almofadas. No caminho até a base do aparelho – iria ver o número da ligação – ele tocou novamente. Atendeu depressa dessa vez e sentiu um agradável calor varrê-lo por dentro.

– Mariana? Que saudades!

Sim, tinha saudades. Sentia remorsos por não ter investido mais na relação. Sentia uma pontada de ciúmes por ela estar bem sem ele. No último encontro a vira com um desses sujeitos com

aparência de bem-sucedidos e que além de ganhar rios de dinheiro ainda arrumam horário para a academia.

O incômodo inicial passou rápido e logo falavam como velhos amigos. Cada um contou um pouco de sua vida e ao falar do Neon Azul, Dionísio descobriu o motivo da ligação. Mariana havia descoberto que ele estava trabalhando lá. O filho dela – Jonas? – o tinha visto tocando.

– O garoto já está com idade para entrar lá? E nem falou comigo!

Dionísio se deu conta de como a vida passava rápido. Então se seguiu um longo silêncio. Mariana chamou seu nome repetidas vezes para que respondesse. O pianista jogou a culpa no aparelho, conversou sobre casos engraçados que presenciara na boate e desligou. Postou-se no sofá e retornou ao silêncio, sem saber por onde começar.

Um vento gelado soprou pela janela. Melhor levantar e fechar a cortina, pensou. Aproveitou que estava de pé, foi até a cozinha, pegou uma garrafa de vinho e levou para a sala. Nunca bebia sozinho, estava sempre na companhia dos amigos, mas dessa vez abriria uma exceção. Precisava pensar. Precisava pensar neste retorno avassalador do passado que acontecia graças ao Neon. E não se referia aos músicos: Paulo, Sofia e Dadinho. Nem à antiga namorada, Mariana. Mas à avó e suas cantigas. Aos rostos dos soldados que vira na sua frente. Ao negro de lábios grossos que acompanhara no estalo dos dedos e de olhos fechados. A garotinha de quatro anos e laçarote na cabeça. Ao líder militar, sentado na beira do banco como se fosse um sujeito comum, mais um entre a multidão, deliciando-se com as cantorias de fantasmas atemporais materializados na força da canção.

Teve medo. Um medo idiota, fantasmagórico demais para alguém que nem mesmo acreditava em divindades. Lembrou-se da conversa com Gabriela. Covarde. A palavra reverberou em seus tímpanos. O que estava fazendo?

Depois de largar a garrafa em um canto seguro, Dionísio se acomodou no banco de seu piano e começou a tocar. Sentia-se feliz. Também conseguia se divertir em sua casa. Nada havia mudado. Tocou tudo o que sabia e mais um pouco, tudo o que vinha em

mente sem que precisasse pensar demais. O piano americano do Neon era fabuloso, mas Dionísio ainda conseguia soprar vida do seu. Que belo som extraía daquelas teclas. Esse era um dom que lhe pertencia e a mais ninguém. Um dom solitário, sem fantasmas para atestar seu sucesso. Decidiu não mais beber antes de se apresentar. Estava começando a imaginar coisas.

Sem mais pensar, pegou as chaves de casa e seguiu para o Neon Azul. Gostava de viver de música. Queria tocar, não queria? Cederia à pressão de Gabriela. Encheria sua semana de apresentações.

Encontrou um dos seguranças no alto da escada. Armando estava trancado no mezanino de vidro. Havia um homem com ele, de costas. Não precisou que ninguém dissesse uma palavra a respeito para saber que aquele era o Homem, o dono do lugar. Podia sentir.

– Se está querendo falar com ele pode sentar aí e puxar um trago que a espera vai ser longa.

– É ele, não é?

– Tá falando do cara? Em carne e osso. Veio sem os seguranças.

– E isso é bom ou ruim?

– Sei lá. Nunca tinha acontecido.

– Posso dar uma volta por aí?

– Claro, a casa é sua.

Dionísio se dirigiu silencioso à escada de acesso ao segundo andar sem tirar os olhos do mezanino. Ao perceber o movimento, Armando acenou. Dionísio percebeu que o Homem virava ligeiramente o pescoço em sua direção e tentou em vão andar mais rápido. Estava paralisado. Armando retomou a conversa e voltou a ser o centro das atenções. O Homem não chegou a vê-lo. O pianista aproveitou para subir correndo.

Esforçava-se para decidir se havia dado sorte ou azar. Justo no dia que decidira pedir para trabalhar durante a semana inteira, o dono do Neon Azul aparecia. Ele não tinha visto nenhuma das três apresentações. Talvez Armando tivesse gravado uma parte com as câmeras de vigilância, mas a hipótese não soava convincente. Sua última referência musical era Paulo, o saxofonista, e Dionísio sabia o quanto ele tocava bem.

No segundo andar, cochichavam as meninas da casa, trocando implicâncias e piadinhas com o barman Diego. O pianista acenou de longe e um pedido em coro o fez se aproximar. Cumprimentou uma a uma, deu um tapa no boné do jovem no meio delas e subiu.

Faíscas de luz se lançavam no meio do salão. Dois marceneiros forçavam ripas de madeira no chão, tentando formar um hexágono. Dionísio não entendia muito do assunto, mas até um leigo perceberia que eles estavam armando a base de alguma coisa. De uma distância segura, o pianista deu a volta por trás das cadeiras e chegou à mesa contendo o desenho da construção. Ela lembrava um imenso aquário.

Escondido pelo papel, Dionísio não viu chegarem outros dois homens, com malotes de ferramentas nas mãos. Logo atrás, subiu Gabriela. Seu rosto era diferente sem a maquiagem. As bochechas mais cheias e os olhos discretos. Já ia dar uma bronca no funcionário sentado quando percebeu que era o seu amigo pianista.

– Diego! – ela gritou, na beirada da escada. – Deixa essas peruas e me traz uma garrafa de água.

O grito surtiu efeito. Dionísio desviou a atenção do desenho, levantando da cadeira assim que a viu.

– Seus cabelos?

– Sim, ao menos eles são naturais.

Os dois riram.

– Já viu quem está aí? – ele perguntou.

– E por que acha que estou zanzando de um lado para o outro? Fico tão nervosa quando ele aparece. É só piscar que ele vai para o mezanino. Parece que se teletransporta, sei lá.

– O que estão construindo aqui?

– Por enquanto nada. Será um tipo de redoma para um número que Dita quer trazer mais para o fim do ano. Estão tirando medidas para o Armando encomendar o vidro e armar uma réplica miniatura na sala dele. Ele quer tirar umas fotos e ver se faz um cartaz.

– Vai ser um número de dança?

– Não faço a menor ideia. Sorte dela se conseguir um parceiro para tocar.

– Não precisa mandar indireta, viu? Foi por isso que vim aqui hoje. Quero pegar os outros dias disponíveis. Talvez tire o sábado e o domingo para mim ou peça uma folga durante a semana. O importante é que teremos oportunidade de ensaiar.

– Já falou com Armando?

– Ainda não. – Dionísio baixou a cabeça.

– Então eu vou chamá-lo agora. Só uma batida na porta.

– Não faz isso.

Gabriela desceu correndo, quase derrubando o barman que subia com a água. Dionísio não se fez de rogado e pegou a garrafa para ele. Diego, sorridente como de costume, ofereceu o copo com gelo, deu duas palavrinhas com os marceneiros e sumiu escada abaixo.

Não demorou e Gabriela veio chamar o músico. Reunião com o chefe.

Nervoso nada. Estava tremendo. Um grande emprego. A dançarina havia se enganado ao falar que receberia um adiantamento. Havia recebido um adicional pelo sucesso das apresentações nas últimas semanas. No final do mês poria as mãos no seu salário integral, referente aos quatro dias. Uma quantia gratificante.

Tinha que impressionar o Homem. Tinha que impressionar o dono do Neon Azul com o que tivesse de mais refinado. Saber o que dizer, que músicas escolher e, de preferência, começar a conversa com uma proposta. Por que não pensara nisso antes? Se iria tocar de segunda a quinta era provável que quisessem uma variação de repertório.

Poderia ensaiar com Dita também. Devia ser importante para construírem um imenso aquário no meio da casa com tanta antecedência. Não se acanharia em sugerir mudanças na decoração. Uma noite com jantar a luz de velas atrairia um novo público. Segunda-feira estava longe de ser um dia de movimento em bares. Isso.

Iria falar.

A aparência impecável mostrava a importância que o dinheiro tinha para ele. Sentado de costas para as paredes de vidro do

mezanino e de frente para Dionísio, parecia ter por volta de quarenta anos. Existia algo no rosto que o rejuvenescia num primeiro olhar, mas o modo vitorioso de sorrir transparecia a experiência sobre os ombros. De certo não eram as rugas, nem o papo ou as olheiras, pois o Homem possuía um rosto irretocável, próximo ao de uma estátua de cera. Irradiava vida como as luzes em neon da entrada, como os degraus do paraíso e o brilho dos paetês das dançarinas. O chapéu Panamá repousava enterrado até o meio da testa criando um jogo de sombras a cada movimento. Consciente disso, o Homem parecia se valer de posturas estudadas.

Foi necessário usar de extrema força de vontade para aparentar tranquilidade. Dionísio conseguiu, em parte por Armando estar ali, em parte por querer mais do que tudo fazer a proposta de trabalho.

O pianista se sentou aceitando o convite do gerente. Estava de frente para o Homem, o verdadeiro dono na belezinha que tocava no segundo andar. As pernas cruzadas não chegavam a marcar a calça social americana. Ou seria italiana? Dionísio não entendia nada de moda. Poucas pessoas conseguem agir com naturalidade dentro de um terno assim, filosofou, enquanto organizava palavras e pensamentos para não passar vergonha.

Armando permaneceu em silêncio. Já tinha visto aquela cena inúmeras vezes. Fazia parte do jogo. Sabia que o Homem se pronunciaria em breve.

- Está há um mês conosco?
- Quase.
- E o que está achando?
- Perfeito.

As perguntas quebraram o raciocínio lógico do pianista. Esperava por um duelo de classe operária e não por simplicidade.

– Armando estava tecendo elogios a sua pessoa. Ele é suspeito, se apega fácil aos funcionários, mas o sucesso do Neon Azul lhe dá créditos para falar o que pensa e ser levado em consideração. Quantos anos, Armando? Quantos anos de casa cheia? Já perdi a conta. Sabemos que o segredo é manter o frescor sem descaracterizar. O cliente quer chegar aqui e se sentir em casa, sentir que sabe onde está entrando, que conhece o lugar, mas

também precisa da novidade, de um impulso extra que vá além dos strips. Cada um enxerga o Neon de uma maneira diferente. E nós temos obrigação de ser tudo o que os clientes querem enxergar.

– Como uma loja de sonhos.

– Bem mais do que isso. Aqui vendemos medos e tentações.

Despertamos sentimentos, sejam puros ou não. Aqui é o lugar ideal para o seu coração bater distante da monotonia do dia a dia. É o lugar ideal para se descansar longe dos aborrecimentos. Aqui você pode querer nascer ou morrer, mudar de casca sem precisar de novas encarnações.

Dionísio não soube o que dizer.

– Sua cautela foi uma exceção à regra. Normalmente os que contratamos caem dentro, como dizem por aí. Você preferiu esperar um mês. Sei que teve problemas antes em outros lugares. Não precisa me olhar assim. Achou que seria o único a ir atrás de informações? Gosto de saber quem está colocando os pés na minha casa. Quem trabalha com estabelecimentos noturnos sempre firma seus contatos. São tantos os que me devem e tantos os que me ajudam, meu rapaz. O mundo dos negócios é assim.

– Existem muitos golpistas hoje em dia.

– Existem. Obteve opiniões favoráveis a nosso respeito?

– Tantas que gostaria de aumentar para quatro dias o tempo que passo aqui.

– Continue. Agora está falando a minha língua – disse Armando, girando a caneta e pegando uma folha de papel na gaveta.

– Mantenho o número que já faço. Proponho um novo para segunda-feira, com repertório escolhido por mim, uma *jazz session* com influências de outros estilos, e fico aberto a opiniões para os dias do meio. Poderei ensaiar com a Gabriela e tocar para Dita. Vi o que estão construindo algo para ela lá em cima e seria um prazer conhecê-la.

– Para mim parece bom.

– Mas para mim, não – respondeu o Homem. – Um espetáculo desses em uma segunda-feira me soa humildade exagerada.

Prepare uma amostra para a semana que vem. Uma sessão privada para mim e Armando. Seremos nós três na casa, ninguém mais. Eu



decido em que dia você irá tocar. Posso estar enganado, Dionísio, mas o seu talento merece maior atenção do que está sugerindo.

– Obrigado.

– Não se envaideça ainda, rapaz.

Na véspera da apresentação para o Homem, Dionísio driblou a exaustão e seguiu treinando em seu piano de estimação. Para assistir ao ensaio final e dar uns palpites, convidou Dadinho, que ficou na cadeira, bebendo cerveja gelada. A barriga aparecia sob a camisa num lembrete de que o tempo passa de modo cruel. Virar-se de costas não permite caminhar para o passado, e é por isso que Dionísio se esforça em seguir em frente. Ele também se esforça por Paulo, o amigo saxofonista. Fica pensando como seria se ele estivesse vivo se apresentando no Neon Azul, e agora, depois de tantos os anos, os dois pudessem se encontrar para tocar juntos. Não tardariam a encontrar um guitarrista compatível com seus projetos. Artur tocava, não? É o que pergunta para Dadinho, que parece distraído.

Não está prestando atenção em porra nenhuma, mas no final dirá que está ótimo e ele só não será aceito se o cara for um perfeito idiota. Dionísio então dirá que já foi aceito e é essa a questão. Precisa provar para si e não para eles que tem valor. É uma prova de fogo. Fogo e enxofre. E por isso, no final da noite, depois de recolher as latas largadas por Dadinho na mesinha ao lado do sofá e tomar um banho relaxante, Dionísio decide ligar para Sofia. Decide ligar porque não pode mais voltar para Mariana e porque Paulo morreu e não vai ser seu parceiro na apresentação de amanhã.

Quem atende o telefone é um homem. Depois que Dionísio se identifica ele avisa que é enfermeiro de Sofia. Dionísio se sente aliviado por não ter interrompido nada e por ela estar livre e se culpa por pensar assim, afinal está doente, mas o ser humano é egoísta, às vezes, e a culpa passa rapidamente. O enfermeiro se nega a chamar Sofia, ela teve um dia agitado. Lembrou-se de Paulo, teve um ataque. Disse que Paulo ia morrer de novo. Precisaram fechar as janelas. Sofia queria sair dali para salvá-lo.

Dionísio perguntou se a haviam sedado e a resposta foi não. A tristeza e a depressão tinham diferenças tênues e o enfermeiro era dos melhores. Bastou um abraço, um aperto de mão. Ele disse “precisaram fechar”. Havia outros ou Sofia havia ajudado a bloquear sua saída? Dionísio se lembrou de uma frase da avó. Consciência do estado, meio caminho andado. E de mais uma, que não era dela, mas era como se fosse. A prática antecede a espontaneidade. Voltaria a tocar. Sem pausas no ensaio. Amanhã visitaria Sofia. O enfermeiro disse que pela tarde seria ótimo. Um rosto amigo era bem-vindo.

Um rosto amigo seria bem-vindo se Armando não tivesse dito o contrário.

Saiu com antecedência para evitar atrasos. Passar despercebido não era uma opção, já que eles pareciam monitorar os telefonemas na casa dela. E tinha o tal enfermeiro. Foi ele quem atendeu o interfone e mandou Dionísio subir. O apartamento de Sofia tinha uma beleza ímpar, e apesar do que Armando havia dito, a personalidade de Paulo ainda se fazia presente em diversos detalhes, sem que isso incomodasse sua moradora.

Dionísio esperou encontrar a amiga na cama, com uma bandeja com chá e bolo de laranja ao lado, mas ela estava bem. Fumava um cigarro de palha na janela. Vendo a expressão de susto do pianista ela tratou de explicar que era um cigarro medicinal. Tinha efeito semelhante ao de beber mel com limão e mascar um pedaço de gengibre. Protegia a preciosa garganta enquanto ficava sem cantar.

Sofia abriu um pouco mais as cortinas, deixou que o sol invadisse a sala e puxou o amigo para uma das redes brancas presas ao teto. Ele não poderia demorar, avisou. Tinha o show.

- E então, está trabalhando no Neon?
- Fiz um mês de casa.
- Eles falaram alguma coisa sobre mim?
- Todo dia. Gostam muito de você. – Dionísio achou melhor não comentar a teoria de assassinato.
- E do Paulo?

Dionísio ficou sem jeito.

– O que tem ele?

– Eles querem me convencer de que eu envenenei o Paulo. Mas eu sei o que aconteceu de verdade. Ele participou de um ritual. Chegou aqui semimorto. Eu te falei com outras palavras porque havia gente por perto. Esse enfermeiro não me deixa ficar um minuto só. A energia de Paulo foi roubada. O que ele pensa que eu vou fazer? Que vou me atirar da janela? Falaram que essa rede é para a segurança dos gatos, mas eu nem tenho gatos!

Dionísio sentiu um arrepio, ouviu um som de sax bem baixinho ecoar pela casa. O caso de loucura mostrava-se mais sério do que havia suposto. Mas duvidava da própria sanidade naquele momento, não era ninguém para julgá-la. Armando tinha razão. Deveria ter mantido distância.

– Paulo se foi – Dionísio falou, vagorosamente, enquanto segurava a mão fina e delicada da amiga. – Nenhum de nós é responsável. Não podemos mudar o passado, Sofia. Mas não é por isso que vamos abandonar o comando do navio ao balanço das águas.

Os olhos de Sofia se iluminaram. Havia escutado o que precisava. Largaria os medicamentos na próxima consulta agendada. A vida seguiria e logo voltaria a cantar. Depois de dois anos de luta gravaria por uma independente. Em um dos shows, feito só para amigos no Cabaret Callao, contaria com a participação especial de Dionísio. Em suas letras, o público fiel perceberia resquícios da falta de alguém, esses alguéms que somem de nossas vidas sem deixar vestígios. Enquanto isso não acontecia, precisava tomar seus comprimidos.

Se estivesse mais nervoso não conseguiria sair do banheiro. A pausa na casa da amiga tinha sido estranhamente relaxante, com direito a sensação de dever cumprido sem grandes efeitos colaterais. Ensaiar a noite inteira devia ter sido um exagero, mas o resultado, ah, o resultado. Dionísio mal podia esperar por ele. Não estaria apresentando as músicas somente a Armando e ao Homem.

Estaria apresentando-as ao mais belo Steinway & Sons que já vira. Seu parceiro musical, cúmplice e juiz.

Assim que desceu no metrô da Uruguaiana viu o carro do Homem parado na porta do Neon. Dois homens de terno, óculos escuros e comunicadores faziam a guarda. Precisou aguardar uns minutos até ser liberado. Um dos seguranças passou um rádio para o andar de cima e Armando veio recebê-lo. Atrás dele vieram três sujeitos. Dionísio percebeu que todos estavam armados. Eles se juntaram aos outros dois e permaneceram do lado de fora. Somente Armando retornou com ele.

O bar estava todo iluminado, com pequenas lâmpadas transformando-o em uma passarela. O globo espelhado girava e enchia o ambiente com pequenos quadrados brilhantes. Dionísio sentiu o cheiro de charuto e, seguindo o rastro de fumaça, encontrou o Homem sentado na mesa do fundo. O local estava mergulhado na escuridão. Um jeito de se sentir menos pressionado, pensou.

Armando foi para o bar preparar um daqueles drinques azuis, enquanto o pianista pegava as partituras e as ajeitava no piano.

- Então você tem habilidades secretas – brincou Dionísio.
- E também sou bom de improviso.
- Por que ele está lá, quieto? – perguntou murmurante.
- Prefere ficar assim. Não quer te atrapalhar, eu acho – Armando tentou soar o mais natural possível. – Quando quiser começar... – completou, indo se sentar.

Silêncio.

Virar de folhas.

Um gole no drinque azul para espantar o frio.

Dionísio começou a tocar um clássico. Mantinha os olhos fechados, afastados da pauta. Tantos ensaios permitiam que sentisse a música fluir da ponta dos dedos. Seu coração acompanhava a melodia. Ia da suavidade à intensidade na medida certa. Acariciava sua belezinha e ela retribuía com afagos no seu ego.

Apesar do forte ar condicionado, o suor lhe escorria da testa. Aproveitou o guardanapo para secá-la num intervalo. Fechou a pasta de partituras, alguém lhe soprava claves e notas no ouvido.

Não estava mais sozinho. Diversas pessoas o cercavam. Diferentes roupas e sotaques, frutos da sua imaginação. Flutuavam pelo bar buscando a melhor posição, acomodando-se nos tetos e nas cadeiras. Uma bela menina sentou-se no tampo do piano. Ingrid? Teve a impressão de ver a avó o aplaudindo em meio à plateia fantasmagórica. Seguiu o número sem se assustar. Quanto mais tocava, mais o lugar enchia. Sabia que com aquele piano seria capaz de tudo, por que não transcender ao tempo e espaço?

Entrou com Borodin logo após Chico Buarque, sem fazer pausar. Tinha se preparado para viradas, uma mistura de seus trabalhos anteriores. Ficara perfeito. Seus dedos não eram mais seus. Sentia a alma se expandir além do corpo. Sentia a energia emanar dele e de volta para ele. Não precisava mais pensar nos movimentos, a música fluía naturalmente. A troca o alimentava.

O som dos aplausos o fez encarar a plateia. Fez uma pausa no meio da música. Bebeu um gole mais encorpado de seu drinque azul e pediu desculpas. O Homem continuava imerso na escuridão, mas era possível ver sua silhueta. Precisando ganhar confiança, virou-se para Armando. O gerente sinalizou com a cabeça e fez gestos silenciosos de aplausos. É ao piano que deve perguntar, não a mim, ouviu em sua mente. Dionísio notou a respiração ofegante, bebeu mais um pouco e prosseguiu.

Quatro dedos pousaram sobre os teclados e iniciaram Wagner. O pianista tinha entrado em transe. Seus olhos reviraram brancos como as teclas. A música seguiria até que o piano mandasse parar. O mundo girava rápido, estonteante.

O palco se acendeu ao seu lado. Uma belíssima mulher saiu detrás das cortinas. Não era Gabriela. Parecia mais velha, pensou, sem ter exata noção do quanto aquilo era verdade. Sua mente havia se partido em duas. Uma captava impressões ao redor, a outra se ligava à força do piano. A única missão era agradar a plateia e tornar a noite inesquecível.

Próxima canção. Por reflexo, limpou o suor que escorria do rosto. Seus olhos ardiavam, deixando tudo embaçado. O calor aumentara de maneira insuportável. Queria pedir que desligassem as luzes. Foi

quando se deu conta de que elas já tinham sido apagadas. Era o piano que iluminava o lugar.

Começou a cantar. Que língua seria aquela que nunca antes falara? Virou-se para trás, sorridente, cumprimentando os seres presentes. Cantava forte e com grande segurança. A voz soava forte, executando as notas sem deslizos. Dionísio virou-se para o Homem. Queria agradecer. Só podia ser obra dele. Não podia explicar. De charuto aceso em brasa, ele o mirava quieto. Estava pegando fogo. Como fazia calor.

Os ouvidos treinados distinguiram o som de botas entre risos, músicas e comentários. Alguém encostou no piano, mudando a energia da sala. Dionísio demorou a reconhecê-lo sem o bigode e o penteado arrumadinho. Por algum motivo, tinha mantido o uniforme militar. Quis tirar a dúvida com o fantasma de Ingrid Caven, mas ela não estava mais presente.

– Cante para mim, criança – disse ele, em alemão.

Dionísio não só o entendeu como obedeceu. Não estava mais irritado com o intruso. Sentiu como se toda a sua vida houvesse existido para aquele instante único. Sua energia se esvaía pela ponta dos dedos. Estava a ponto de desmaiar quando alcançou a última nota e parou.

Sentado ao piano, ouviu tímidos aplausos. Armando veio ao seu encontro com uma tremenda cara de sono. Desculpou-se pelo Homem, que precisou sair logo no começo da apresentação. Telefonema urgente de negócios, sabe como é.

– Mas o importante, meu amigo, é que você está contratado. Seu show será um sucesso.

Invasão de privacidade



Retornava de uma palestra sobre cultura africana quando me deparei com aquele toldo em luz neon, num clima *noir* que poderia render uma boa história. Tentei ser discreto e aproveitei a entrada de um moleque tatuado para desviar dos seguranças. Fingi esticar o pescoço para ler a programação colada na parede e espichei um olho para o primeiro andar. Enxerguei somente calças sociais e beiradas de terno. Entradas discretas sem nome na porta costumam levar a casas de massagem e eu não estava no clima, mas antes que desse o passo seguinte e retomasse meu caminho, um dos seguranças estabeleceu contato, firmando a mãozorra no meu ombro.

Ele era negro, pançudo e tinha corpo suficiente para fazer sombra sobre uma dúzia de crianças desnutridas. Usava um bigode fino, bem aparado e tinha um sorriso simpático em contraponto à voz presunçosa. Avaliei-o com cautela e conclui que havia adquirido o jeito de falar para sobreviver no trabalho. Resolvi dar atenção.

– Quer saber alguma coisa?

– Quero. Que negócio é esse? Casa de termas? Sauna mista?

– Uns dizem que é um piano bar, outros dizem que é boate. Tem gente que prefere dizer em casa que é restaurante. Eu prefiro dizer que é melhor que tudo isso junto.

– Tem que pagar na porta ou posso subir?

– Paga lá em cima no caixa. Que mania vocês tem de perguntar se paga na porta. E eu lá ia ficar cheio de dinheiro aqui no meio da rua?

Agradei as informações com um sorriso forçado. O outro segurança, este branco como eu, sacou um detector de metais de um gancho na parede e me revistou pulando as apalpadas. Mostrei o celular e as chaves no bolso e pude passar.

Eu sofria de fobia de escadas. Batia muito raramente quando eu já estava no meio do caminho, por isso foi um suplício encarar os degraus espelhados do Neon Azul. Cheguei no topo mais tonto que gato que caiu na máquina de lavar roupa, me perguntando de quem teria sido aquela ideia idiota. As pequenas lâmpadas brancas que deveriam servir como um guia na escuridão pareciam rabiscos num



caleidoscópio. Respirei fundo, olhei para cima e subi em busca de ar.

Obstáculo vencido, procurei uma mesa em posição estratégica. Mesmo cedo, via indícios de que a casa iria lotar. Escolhi uma de frente para o bar. Estava vazia porque ficava na passagem, uma vantagem tendo em vista as minhas intenções. O barman é a voz de uma boate. Por ele sabemos o principal: o que vamos beber.

Antes que estalasse os dedos, ele se aproximou. Diego, li no crachá. Disse que era novo ali e queria um palpite. Perguntei se o outro cara no bar era seu pai e ele riu, dizendo que não. Era o chefe, Felipe. Diego estava passando pelos três meses de experiência.

– Esse é um bom teste para você então. Traga-me o drinque que souber fazer melhor. Se eu gostar, viro cliente.

Ele sorriu. Parecia simpático e bem instruído no meu bloco de anotações.

Tenho por hábito me sentir à vontade em lugares onde estou pisando pela primeira vez e em casas de pessoas que mal conheço, mas sentia no Neon uma atmosfera propícia a baixar a guarda. Mesmo sem ter colocado uma gota de álcool na boca, me sentia íntimo dos rostos e vozes que começava a memorizar nas entrelinhas.

Falando em intimidade, ainda não me apresentei. Esse é o problema de se conversar com alguém como se fossemos amigos de longa data. Me chamo Lucas Moginie, sou escritor. Talvez você me conheça das prateleiras de sua mãe, dos xingamentos na coluna social ou das farpas de um crítico literário. Nunca os transforme em personagens, é um conselho que dou de graça. Levo bloco e caneta no bolso da calça jeans, numa mania nervosa de anotar tudo que se passa ao meu redor.

– Senhor Lucas Paes Moginie?

Meu ego só me coloca em roubada. Cada vez que ouço essa pergunta acho que é um fã alucinado, e a reação automática é ser educado e emendar um “pois não”. Se fosse um bom orador, talvez percebesse entonações hostis por trás de perguntas inocentes.

– Pois não? Pode me chamar de Lucas Moginie.

– Espero que a minha companhia não o incomode – disse ele, puxando a cadeira à minha frente para se sentar. – Armando, muito prazer, gerente do Neon Azul.

– Belo nome, o da casa.

– Não quero parecer hostil, mas considero importante esclarecer desde agora que você não tem permissão para escrever nada, nem um ínfimo artigo de rodapé, sobre o Neon. Qualquer um que atravesse aquela porta lá embaixo estará livre de seus comentários, seja pessoa pública ou não. Ninguém aqui, senhor Moginie, nenhum dos meus funcionários poderá se transformar em personagens de seus livros. Espero que o senhor compreenda o meu pedido.

Aí está. O que falta saber sobre mim? Tenho pele branca e olhos e cabelos escuros. Escrevo livros sobre a noite das cidades onde moro, sobre o submundo pós-entardecer dos lugares que visito. Meus personagens são pessoas comuns, como eu e você.

– Hostil? Você disse hostil? Vejo que eufemismo é o seu forte, Armando. Ou devo chamá-lo de garoto que nunca dorme? A falta de sono acabou com o seu bom humor? Que tipo de imposição é essa? Assim vou achar que ficou com trauma de infância por ter tido as trocas de fraldas televisionadas. Fico pensando o que acontecia nos comerciais. Nunca transformei ninguém em personagem contra a própria vontade. As pessoas gostam de se ver em meus livros.

– Não disse o contrário, Sr. Moginie.

– Pare de fingir que me respeita me chamando de senhor. Que péssima recepção, *dios mio*. Por que não chama logo os seguranças para enfiar minha cara na parede?

Nem preciso dizer que me arrependi da sugestão.

– Devemos respeitar certas regras que são maiores do que nós. E falar que as minhas trocas de fralda apareceram na televisão foi um golpe muito baixo.

– Disponha.

– Diego, traga logo a bebida do nosso cliente.

– Sem pressa. Pedi que preparasse a especialidade dele.

Nada como um contato perfeito. No futuro, eu e Armando nos tornaríamos bons amigos, mas naquele dia me senti entusiasmado por encontrar um rival. A raiva foi passageira. Eu ainda não

entendia as regras no Neon. Desconhecia que a culpa era do Homem e não dele. Aliás, demorei muito para conhecer o verdadeiro dono do Neon Azul, descobrir o que se passava naquele mezanino.

Armando se despediu me desejando uma boa estada na casa. Havia clientes para serem bajulados e um conjunto de empregados para orquestrar. O lugar exigia eficácia do seu administrador. Já eu, me perdia em cada detalhe do Neon Azul, tentando armazená-los na memória, dispensar o meu bloco de anotações, quando o mundo pareceu parar.

Ela apareceu subindo as escadas como um arco-íris em movimento: meia-calça verde, saia e blusa pretas, cabelos ruivos, olhos verdes e pele branca. Ela não possuía um nome, nem uma aparência específica. Cada vez que a via, me mostrava um aspecto diferente e uma nova identidade. Às vezes me batia a vontade de chamá-la Juliana, em outras, pensava nela como Carol. Também havia Helena, Aninha, Paula...

Sempre-diferente era como um fantasma para mim, uma personagem fugitiva de uma história antiga, a mulher que perseguia pelos bares por onde passava. Só eu sabia identificá-la. Só eu conhecia a marca que seus disfarces escondiam do público em geral.

Seus olhos passaram através de mim como se eu fosse transparente. Havia treinado para essas situações de risco, para fingir que não me conhecia. Procurou um lugar vazio que a agradasse, mas em qualquer das mesas precisaria me encarar. Resolveu se sentar no banco do bar, de costas. Pediu uma água tônica. Bebeu dois copos, meia lata, talvez mais. Estava fazendo seu joguinho. Nossa perseguição de gato e rato já durava uma vida.

Fiquei de pernas bambas, me faltou coragem de ir até ela. Comecei a puxar conversa com alguns clientes, esperando que ela viesse até mim. Fingia me distrair com as histórias que ouvia, enquanto as mãos tremiam que nem adolescente na primeira transa.

A noite passou. Voltei para casa sem um contato, porém com uma garantia. O Neon Azul seria o palco do nosso novo duelo.

Acordei cedo, entusiasmado com o novo projeto. Em frente ao computador, repeti meu novo mantra: que se dane Armando, vou escrever sobre o Neon Azul do mesmo jeito. Me lembrei do que o segurança havia dito quando tive que escolher uma definição para o lugar. Decidi por piano bar, sabendo que falhava. Compensaria em descrições posteriores.

De início, mantive a porta de entrada com o colorido azul, depois resolvi redesenhá-la. Inventei um nome para o bar e um para cada segurança. Não dei importância para a escada. Queria que o leitor fosse direto para o local da ação sem travar no meio do caminho. Escrevi esboços de cena usando o barman e um gerente chato que perturbava os clientes recém-chegados. Arrisquei fazer a ficha de possíveis personagens e pronto. Vinte e cinco páginas para mandar como proposta ao meu editor.

Ricardo não se incomodou com a ligação as sete da manhã de domingo. Nós trabalhávamos juntos há cinco anos, tempo o suficiente para se acostumar com meus horários de insone, uma espécie de Jet Lag eterno, com o adendo de que eu não costumava viajar.

– Está preparado para um novo trabalho?

– É bom ouvir você falando assim, Lucas. Mesmo que seja as sete da manhã. Me dá cinco minutos? É só o tempo de pensar do que eu vou te xingar.

Bem, talvez não tão acostumado.

– Ah, deixa disso. Se eu recomeçar com um bom dia melhora alguma coisa?

– Diz logo quais são as novidades.

– Encontrei um lugar perdido no centro da cidade que parece mágico e decidi escrever uma história passada lá. Não sei se um romance ou uma novela, de repente um fix-up. Estou mandando o esboço por e-mail. Quando pode me dar o retorno?

– Vou tomar café e pego o texto. Te ligo por volta das dez, horário de gente.

A ansiedade costumeira passou longe dessa vez. Tinha tirado as ideias da cabeça e me sentia livre. Agora só conseguia pensar em

Sempre-diferente. Arrumaria um jeito de capturá-la em minha nova criação.

Quando o telefone tocou, me distraía na sala, alimentando os peixes no aquário. Espichei o corpo até o criado-mudo catando o aparelho na ponta dos dedos e atendi Ricardo. Ele mastigava e falava ao mesmo tempo. Pelo barulho deduzi que eram torradas.

– Lucas – *nhac nhac nhac* –, você mandou o texto errado.

– Impossível. Deixa eu conferir. Só um instante. O nome do arquivo é “novo ponto doc”?

– Foi o que veio, mas quando abri encontrei o texto do teu primeiro livro.

– Vou abrir aqui. Hum... que saco. Como será que isso aconteceu? Vou dar um localizar e te mando de novo. Qualquer coisa eu te ligo.

– Tranquilo. Mas da próxima vez que for mandar texto repetido, deixe para depois do almoço.

Demorei a entender o que acontecia, mas não era minha culpa. A lentidão natural dos meus pensamentos foi declarada inocente. Algumas coisas simplesmente estão fora do alcance da razão. Sentei ao computador e escrevi outro texto, o mais próximo que consegui do anterior. Fiz a revisão ortográfica, reli a ficha dos personagens e então o salvei. Dei o nome de neon, sem acento. Fechei o arquivo. Quando o abri, lá estava uma série antiga de textos para o blog, chamada O diário secreto de Lucas Moginie. Que porra é essa?, pensei com meus botões enferrujados. Repeti a escrita já sem qualquer paciência e tentei salvar direto em um pendrive, mas a estranheza continuou. Ao reabrir os arquivos salvos, encontrava meus trabalhos antigos, já editados, e tinha que escrever o rascunho de novo.

Como? Ricardo me chamaria de louco e estaria com a razão, mas estava acontecendo, não estava? Pensei na bebida. O barman podia ter colocado algum pó de pirlimpimpim sem que eu percebesse, mas o drinque era tão bom que nem dor de cabeça havia me dado. Se havia sido isso, Diego era um profissional da área de narcóticos. Será que aceitaria trabalhar de *freela* numas festinhas?

Peguei um copo de café e parei em frente ao monitor, pensativo. Deduzi que a única maneira de ter o texto seria imprimi-lo antes de

salvar o arquivo. Liguei a impressora, excitado por tapear a praga do gerente. Maldições são arcaicas, meu velho, não sabem do que a tecnologia é capaz. Pedi desculpas para o teclado e digitei mais uma vez o esboço da história. Na hora de imprimir, poesias no lugar do texto. Poesias horríveis e cheias de erros de português que eu tinha escrito aos dezesseis anos. Nem as tinha mais no computador.

Ri. Não ajudava muito, mas era o que dava para fazer. Ri sozinho na janela da sala, em frente ao aquário, no banheiro. Abri a porta de entrada e ri. "Apenas devemos respeitar regras maiores do que nós". Filho da mãe. Lá ia eu passar vergonha.

Liguei para Ricardo para dar uma satisfação. A situação era tão esquisita que não resisti em contar a verdade. Se eu mentisse a história não sairia tão boa. Achei que ele ia me xingar de tudo quanto é nome e mandaria eu me tratar, mas ele se comportou de modo prático, apiedado.

– Só uma pergunta, Lucas. Qual o nome do lugar aonde você foi?

– Neon Azul, por quê?

Houve um minuto de silêncio. Se não fosse o chiado, pensaria que tinha desligado na minha cara. Imaginei Ricardo procurando o lugar no Google e me dizendo que não existia nenhum Neon Azul.

– Por que não marcamos lá essa noite? Faz tempo que a gente não se encontra para papear sobre assuntos não-literários. Estou precisando me divertir um pouco. Com a sua cara? Não, não foi isso que eu quis dizer.

Dia diferente, programação diferente. As caixas de som reproduziam o que o dj tocava no terceiro andar, me explicou um técnico electricista, enquanto testava a iluminação na bancada do bar.

– Gabriela quer cantar e dançar aqui em cima – disse Diego, apontando para uma mulher de conversinha no fundo do salão.

Estava mais ciente do que nunca de que o Neon Azul era um lugar especial, o que me fazia olhar desconfiado para tudo e para todos. Distante, conversando com uma funcionária, Armando acenou. Já não parecia tão preocupado com a minha existência. Por que será?

Engraçadinho. Escolhi a mesma mesa do dia anterior, esperançoso em rever Sempre-diferente.

Eficiente, Armando logo tratou de me arrumar companhia. Gabriela passou no bar e tirou dois margueritas frozen de uma máquina giratória, dessas que costumam ter suco de maracujá e guaraná natural nos botecos de esquina. Era uma mulher daquelas que chamamos de mulherão, mas o seu verdadeiro encanto vinha do fato de não dar importância a isso. Tinha cabelos negros fartos e pequenas sardas no rosto. Os olhos eram castanhos, eu acho. As luzes psicodélicas do bar me impediram de decifrá-los.

– Posso me sentar? – Gabriela perguntou, antecipando-se à resposta.

– Essa pergunta faz parte do treinamento dos funcionários? – a moça sorriu. Quando levou o cigarro à boca, percebi que sua mão tremia. Alguém nervosa em falar comigo ou profundamente abalada pela nicotina.

– Trouxe para você. Armando disse que é por nossa conta.

– Ele é muito gentil. Vou mandar a conta do psicólogo para ele também.

Ela retribuiu com um sorriso típico de quem não entende a piada.

– Esse rapazinho do bar deve dormir com metade das clientes e noventa por cento das funcionárias, né não?

– Se dorme com as clientes eu não sei. Nem eu nem o chefe.

Aqui, evitamos nos meter na vida uns dos outros. Ajuda a manter o bom andamento das coisas. Escândalos não fazem bem aos negócios.

Que bonito, Lucas. Tomando lição de moral de *stripper*.

– O que não a impede de burlar algumas regras.

– Pode ser – respondeu, emendando em uma longa tragada.

– Aquele é o chefe de Armando? Ele o seguiu como se fosse um cachorro de madame.

– Você viu o Homem chegar? Droga! Toda vez que eu olho, ele já está lá em cima, acredita? Parece piada. Armando e ele são sócios. O Homem é o dono.

Uma forte sensação de déjà vu me invadiu. Foi o momento de encarar o copo de tequila ainda intocado e virar um gole

considerável para dentro. Coisas muito estranhas andavam acontecendo no meu período de sobriedade.

– Acha que ele me autorizaria a escrever sobre o Neon? – assuntou Lucas, vendo os olhos de Gabriela se acenderem. – Se eu soubesse um pouco mais sobre a história do lugar e como Armando conheceu o Homem, poderia criar uma ótima trama.

– Não entendo nada dessas burocracias. Para falar a verdade, sei muito pouco a respeito dele. Não fosse Ricardo me dizer que já deu de frente com ele eu acharia que ele é só aquele paletó branco pendurado na cadeira. Sabe travesseiro embolado debaixo da coberta quando alguém quer fugir de casa na novela? Assim mesmo.

– Ricardo. Se você não falasse esse nome ia me esquecer. Estou esperando um amigo, meu editor. Será que ele foi para outro andar? Ele pode ter se encantado com alguma beleza natural e me esquecido aqui.

– E esse Ricardo editor é alto, tem a pele um pouco mais clara que a sua e os ombros largos? – confirmei com a cabeça – É cliente antigo, Lucas. Está lá no segundo andar. Venha. Vamos subir. Te levo até ele.

Neon Azul e suas surpresas. Cercado de amigos, Ricardo improvisava piadas e contava histórias, competindo com as batidas eletrônicas que vinham dos alto-falantes. Os que não estavam de pé, dançando, acompanhavam a conversa, sentados ao seu redor. Gabriela contou que o meu editor era uma atração à parte no Neon, um dos que conquistara o respeito do Homem a ponto de despertar ciúmes em Armando. E o desgraçado nunca falara um ai sobre a casa.

– E essa gente toda? Será que me esqueci do aniversário dele?

– Acontece sempre que ele vem. As pessoas se aglomeram perto dele e não saem mais.

Ricardo não chegou a me ver, por causa do ambiente escuro. Não era ali que eu obteria respostas. Conversar coisa nenhuma. Já tinha visto o que ele queria mostrar. Decidi que o melhor a fazer era aproveitar a noite destrinchando o cardápio de bebidas.



Foi então que a avistei, na terceira cadeira à direita de Ricardo. Dessa vez, tinha os cabelos ruivos lisos, compridos até a cintura. Olhos resplandeciam violetas refletindo a luz negra. Os dentes brancos brilhavam verdes, numa perfeição incomparável. Estava mais magra. O vestido pendia para o lado. Se levantou assim que me viu.

– Vem cá um instante. Conhece aquela mulher ali? – perguntou para Gabriela.

– Qual, a de prateado?

– Ela.

– Nunca vi mais gorda, pra ser sincera.

Enfrentei a maré humana entre nós, tentando alcançá-la. Ao perceber que seguia em sua direção, acelerou a saída da roda de amigos e entrou na pista. Por um momento eu a perdi de vista e me desesperei. Tinha se misturado à multidão. Eu mirava cada rosto que se apresentava, andando entre casais e grupos de amigos. Numa conspiração do universo, o dj tocou um hit que fez todos se levantarem para dançar. Já a dava por perdida quando a encontrei.

Ela me fitou assustada, seus olhos claros procuraram uma saída. Segurei-a com força, mas sua mão escapuliu. Em um segundo, corria pela pista de dança em direção à escada.

Segui em seu encalço até o terceiro andar. Não fossem os sofás e mesas redondos, diria estar em uma enorme sala de espelhos, como a dos parques de diversão. Não havia ninguém lá em cima além de mim. Encarei vários eus misturados em espelhos retorcidos e caminhei até a cabine vazia do dj. Foi curioso me ver com as pernas finas e longas de um lado e com a cabeça enorme do outro. Andei devagar, vendo o corpo da cintura para baixo chegar antes de mim. Estava pela metade. Tentei tocar os pés para ver o que aconteceria e desapareci.

Parei diante de um espelho sem reflexo. Me aproximei lentamente, pronto para tocá-lo. De repente, senti seu perfume no ar. Virei preparado para vê-la dividida em mil imagens e só encontrei a mim mesmo. Desci, desconsolado. Havia perdido mais uma batalha.

Atravessei a pista de dança embalada pelo dj imaginário sem poupar ninguém das cotoveladas. Como Ricardo continuava cercado por seus fãs, escrevi um bilhete em um pedaço de guardanapo e pedi a um garçom que fosse entregar. Ricardo pediu licença aos amigos e veio para o bar. Tinha a alegria habitual estampada no rosto e parecia bem mais descontraído fora de sua sala na editora.

- Achei que não fosse aparecer.
- Estava entretido com a sala de espelhos aqui em cima.
- Sala de espelhos? Acho que você bebeu demais.

Preciso dizer que a sala de espelhos não existia? Uma miragem, efeito do álcool, chame como quiser. Decidi me unir aos amigos de Ricardo nos sofás para descobrir o que ele tinha de tão interessante. Para mim, era o mesmo cara de sempre, um poço de normalidade que de vez em quando desfilava seus conhecimentos sobre cinema e cultura *pop*. Será que ninguém ali tinha Internet em casa? Falavam do assunto que Ricardo quisesse com expressões de “oh” cada vez que ele sacava o nome de uma banda escandinava do chapéu. Cansado da ladainha, resolvi conferir uma última vez a existência da sala de espelhos. Aproveitei para perguntar ao dj que porcaria era aquela que ele estava tocando.

Encontrar Sempre-diferente estava se tornando uma missão mais difícil do que eu imaginava. Os seus disfarces haviam ficado mais elaborados com o passar do tempo e ela usava as artimanhas do Neon Azul como uma selva para se camuflar. Algo me dizia que se eu continuasse falhando, iria perdê-la para sempre.

Só para não perder o costume, apelei a Ricardo que entrevistasse por mim junto ao Homem e a Armando, sem sucesso. Eu não sabia o porquê, mas a possibilidade de que alguém escrevesse sobre o Neon o irritava, então resolvi pular os santos e ir direto ao dono da casa.

Estive presente nas noites que se seguiram procurando pelo Homem. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, nós dois nos encontraríamos. No meu apartamento, tentava escrever trechos sobre o bar, mas assim que tirava os olhos do papel ou da tela, o texto se modificava. Nem mesmo o meu bloco escapava da

maldição. As palavras desapareciam como se nunca tivessem sido escritas.

Foi um jovem chamado Jonas que me deu a dica. Não me disse como sabia o dia exato da visita e deixou claro que não se responsabilizaria caso ele não aparecesse. Para evitar problemas, pedi que eu não falasse até segunda ordem.

Passava das três da manhã quando o Homem chegou. A movimentação era pouca e sua entrada foi discreta, embora estivesse acompanhado de uma equipe de seguranças. Ele cumprimentou Armando amistosamente e os dois subiram para o mezanino.

Mais de uma vez vi Armando me fitar da saleta. Eram poucas as opções para estabelecer contato. Não parecia polido interromper a reunião e o brutamonte na porta era um obstáculo considerável a se transpor.

Uma batida no ombro quebrou minha concentração e quase me fez saltar e agarrar as luminárias do teto.

– Ele quer falar com você – disse um dos seguranças do Homem.

Se algum dia duvidei de que Armando ou aquele lugar pudesse antecipar meus movimentos e ler meus pensamentos, esse dia ficou para trás. Foi uma declarada invasão de privacidade. Subi as escadas afoito. O segurança na porta me revistou sem poupar uma única dobra de roupa. Se soubesse que um dia teria esse tipo de contato físico com um marmanjo, teria pensado em frases românticas para dizer. Armando estava sentado atrás de uma mesa de escritório e o Homem, acomodado no sofá. Vestia calça e terno de um branco indescritível. Seu perfume dominava o ambiente, fazendo as essências que eu conhecia parecerem colônia barata.

Ele apontou para uma cadeira e pediu que eu me sentasse. Armando ameaçou falar, mas seu chefe pediu silêncio e, calmamente, enfiou a mão por dentro do paletó. Nada de armas de fogo. Pegou só um isqueiro para acender o charuto. Notei que usava anéis de ouro com pedras vermelhas que deviam valer uma pequena fortuna, apesar de bregas. Graças ao chapéu, eu o via apenas da ponta do nariz para baixo. Acho que foi proposital e não gostaria que tivesse sido diferente.

– Quem diria, Lucas Moginie no Neon Azul. Se soubesse o quanto é irônico ter você em minha casa... Admiro a sua insistência. Ela não levará a lugar nenhum sem a minha permissão, é verdade, mas isso não tira a beleza da coisa. Meus melhores clientes eram donos da própria vontade. Alguns até se arriscavam em contrapropostas. Infelizmente, ter só vontade não é suficiente hoje em dia. Se ocorresse dessa maneira, haveria um desbalanço no universo. É preciso ter contatos.

– Não sei se estou entendendo direito aonde você quer chegar. Só queria pedir uma autorização para escrever sobre o Neon Azul, como o Armando deve ter adiantado.

– Você já esteve em um leilão de arte? Se sim, deve saber que o preço de uma obra de arte é inestimável, determinado mais pela loucura dos presentes do que por aspectos técnicos. Ele é dado por quem compra e aproveitado por quem vende. O lance inicial é só uma miragem – disse ele, levantando a aba do chapéu. Meu corpo estremeceu de cima a baixo e acabei virando o rosto por segundos.

– Isso é um sim? – perguntei, vestindo o mais belo sorriso que consegui improvisar.

– Aqui está – disse ele, esticando um papel pego na mesa de Armando. – Você pode escrever o que quiser nesta folha, inclusive sobre nós.

– Não posso escrever um livro em uma folha – retruquei.

– Diminua a fonte – respondeu Armando, fazendo graça com a minha cara. – Ela pode ser a primeira de muitas, Lucas. Se ele gostar do que escrever, daremos a seguinte e assim sucessivamente.

Malditos. E eu achava Ricardo um carrasco como editor.

Uma única folha. Foi o que recebi no meu encontro com o Homem. Depois da oferta, ele se levantou e foi embora. Despediu-se com educação, agradeceu a preferência pela casa e afirmou que eu me divertiria muito naquele recinto. Disse que o Neon tinha ido com a minha cara, jamais me esquecerei. Não tive coragem de olhá-lo nos olhos uma vez mais.

Toquei naquela folha igual a todas as outras que conhecia e não distingui nada que pudesse torná-la especial. Era um pedaço de

papel alcalino, setenta e cinco gramas por metro quadrado. Tinha pacotes inteiros dela em casa.

Saí do bar próximo do amanhecer. As ruas se enchiam de tipos sonolentos indo trabalhar. Um caminhão de lixo recolhia os sacos largados na beira das calçadas, me obrigando a sair com o carro na contramão. No boteco da esquina, homens de camisa quadriculada e calças sociais faziam o desjejum tomando suco e comendo salgadinhos. No banco do meio, a mulher mais intrigante que conheci.

Sempre-diferente vestia um bermudão jeans abaixo do joelho e camisa vinho de flanela. Tinha uma mochila de colégio no colo e mordida um hambúrguer, cuidadosa para não derrubar salada e o molho na roupa. Desliguei o carro e fiquei observando-a de longe, aproveitando os instantes de prazer. Iria segui-la até o inferno se preciso fosse.

Depois de tantos encontros, eu ainda a subestimava. Saiu por trás do caminhão, a única direção que eu não podia seguir. Continuei parado, alheio aos perigos da cidade, me perguntando se não era preferível esquecê-la de vez. Meio que para quebrar o transe, liguei o rádio do carro e sintonizei uma estação de música dance.

Montei meu altar de sacrifícios na mesa da sala de estar. Bloco, borracha, lápis, copo de café e controle do som para formar um pentagrama. Estava preparado para testar a ideia. Anotações pontuais. Faria um ponto e escreveria apenas uma palavra do lado. A conexão das ideias se faria dentro da minha cabeça, mas no papel não passariam de palavras soltas.

Deu resultado.

Enchi páginas e páginas de rascunho, um troféu por vencer uma etapa do desafio. Só havia um problema. Não conseguia decidir o que dali passar para a folha especial. Caindo de sono no bule de café, o óbvio me saltou aos olhos. O processo só teria fim dentro do próprio palco de guerra.

Guardei o papel em um envelope pardo, separei minha melhor caneta e então retornei para o duelo final.

O bar estava lotado. Havia gente ocupando andares que até outrora me eram desconhecidos. Minha mesa habitual de frente

para o bar abrigava dois casais de amigos. Os garçons e as dançarinas se dividiam em dez para dar conta de tantos pedidos.

Por mais que estivesse acostumado com a noite, precisava de um mínimo de silêncio para me concentrar e escrever. A continuidade do livro dependia daquela página. Uma música ambiente talvez, ou o Dionísio e seu piano, mas nunca um tumulto movido a alto-falantes ensurdecedores.

Parei para assistir a apresentação de Gabriela e recebi uma luva arremessada. Armando me buscou próximo ao palco e me convidou para subir e tomar uma bebida. No segundo andar as coisas estavam mais calmas. Fora do bar não havia lugar disponível e acabamos nos espremendo de pé entre dois bancos para prosear.

Felipe trouxe dois copos de uma bebida transparente como água e que tinha o gosto cítrico. O teor alcoólico era altíssimo. Armando a bebia como se realmente fosse água, me fazendo parecer um amador. Virei o terceiro copo de uma só vez para acompanhá-lo e por pouco não apaguei.

A princípio, não entendi o porquê da sociabilidade. Então Armando apontou as câmeras de vigilância que mandara instalar e falou da ameaça de morte, um papo louco de um culto que não entendi muito bem. Compreendi que estava simplesmente bêbado e desarmado e resolvi deixar a conversa rolar. Foi quando começamos a ficar amigos.

Drinques e mais drinques depois, senti um puxão na manga da camisa. Em um bar lotado é normal que esbarrem em você de todas as maneiras possíveis, então não me importei. Quando dei por mim, havia perdido o envelope com a folha especial.

É impressionante com um susto nos deixa sóbrios. Tomado pelo desespero, me abaixei entre pernas das pessoas e comecei a procurar o envelope. Pedia licença e seguia em frente, só por desencargo, pois tinha certeza de ter sido roubado. Assim que me ergui, meu nariz tocou o de uma jovem encantadora. Parei de repente, perdido em seus olhos negros. A ponta do nariz gelada e as bochechas maquiadas ajudavam a compor o quadro de beleza.

– Você é Lucas Moginie? – perguntou ela, com discreta timidez.

– O próprio – Armando respondeu por mim.

– Dança a próxima música comigo? É o sonho de uma fã. Pedi ao dj uma de suas preferidas.

– E onde conheceu meu gosto musical?

– No jornal. Uma entrevista. Por favor.

Pedi licença a Armando e puxei a jovem para o centro do salão, cavando espaço entre os presentes. Um remix de Wicked Games com batidas indianas me levou ao êxtase. Apertei a menina contra o meu corpo para sentir sua maciez. Meu nariz roçou em seu pescoço e meus lábios enfim a conquistaram. Senti o efeito do álcool e dos hormônios agindo em sinergia. Aquele beijo sem precedentes só podia ser de uma pessoa. Sempre-diferente.

Abri os olhos em transe e a vi sorrindo, balançando o envelope na mão.

– Fique comigo – implorei, sussurrante.

Sempre-diferente abriu o envelope e o jogou para o alto, distraindo a minha atenção. Pulei usando os ombros de um clubber como apoio e o agarrei no ar, derrubando o coitado no chão. Nem sequer a procurei, pois sabia que não estaria lá. Voltei para perto de Armando.

– Como foi a dança?

– Inesquecível. Recuperei meu envelope.

– Qual, esse aqui? – Armando apontou para o envelope pardo no bar.

Olhei para o envelope em minhas mãos, pensativo. Como esperado, estava vazio. Pedi mais um drinque e respirei fundo, buscando a resposta. A máquina do dj se calou e no microfone ele anunciou uma apresentação de saxofone. Armando me sacudiu, achando que eu desmaiava. Sinalizei que estava bem. Ouvia o burburinho, os passos dos clientes, minha cabeça estava prestes a explodir.

– Diga ao Homem que só vou precisar dessa folha – falei, de forma repentina.

– O quê?

– Diga ao seu chefe que entendi o recado. Encontrei o que procurava e agora devo uma.

Armando não entendeu nada, o que não fez diferença para mim. Corri feliz pelas escadas querendo chegar em casa e encarar uma ducha. A bagunça do segundo andar deu lugar ao espaço do primeiro. Acenei de longe para Gabriela, mandando um beijo, e continuei descendo. Dois tapinhas nas costas de Raul e Jamelão, chave do carro saindo do bolso, gorjeta para o trocador e seguia para casa.

Não me julgue um bêbado no volante. Bastou atravessar as portas do Neon para me sentir sóbrio novamente. Vai ver o drinque era mesmo de água. Como entender o que se passava lá dentro? Duvido que meu fígado chumbado faça metabolização instantânea. Duvido que eu consiga dormir com a cabeça fervilhando de ideias.

Mal podia esperar para receber meu troféu.

Em casa, trabalhei por horas a fio nos rascunhos. Os tópicos receberam riscos, círculos, traços de caneta marcadora, muitas setas e respingos de água gelada. No final, lá estava a obra. Passei-a para a folha especial. Um dos textos mais organizados que já havia escrito. Uma prisão em forma de conto, num piano bar cheio de armadilhas.

A tarde se despedia quando entrei no Neon Azul. O tempo nublado reforçava a atmosfera *noir* das ruas estreitas. Raul me garantiu que havia poucos clientes na casa e que eu não teria problemas para me sentar.

Por sorte, minha mesa preferencial estava vazia. Felipe estava sentando em um banco fora do bar, conversando com Gabriela, enquanto Diego passava um pano nas prateleiras das garrafas.

– Parem um instante, por favor. Queria que ouvissem um texto meu. Pode ser?

– Livro novo?

– Melhor.

– Impossível! – falou a dançarina em sua empolgação habitual.

– Posso começar? Quero ter testemunhas de que esse texto existiu, só por via das dúvidas. Pena Armando não estar aqui para ouvir.



“Faço questão que haja um céu de estrelas, mais pelo bom tempo do que pela poesia. Sei que as palavras aqui escritas serão imortalizadas e que o que ponho neste pedaço de papel não será apagado por borracha ou manchado por tinta que se conheça”.

“Pensei em creditar a sorte do achado ao Neon Azul. Fiquei receoso de citar o nome, assim, sem floreios, mas ciente de que não há vestígios da existência desta casa, desde a porta até o último andar, arrisquei seguir o instinto do improvisado”.

“Reservo-me o direito de não contar como essa folha mágica veio parar em minhas mãos. É mágica por ser uma prisão sem grades, inescapável. Devemos enxergar através do disfarce da celulose e entender que há fatos que dispensam explicações e leis que precisamos obedecer, quer as entendamos, quer não. Corro o risco de que você não esteja entendendo nada, mas esse texto foi feito para mim e não para você. Desculpem-me pelo acesso de egoísmo”.

“Atravesso agora a rua, cumprimentando o mendigo do outro lado e o seu cachorro fiel. Meu carro ficou longe para evitar o caminhão de lixo. A rua estreita não permite que os veículos se enfileirem, e os joga para transversais escuras e obscuras”.

“Apesar da intimidade conquistada, não escapo do detector de metais, e apenas após ser revistado da cabeça aos pés – os dois pés, que fique claro – me liberam para subir. A cara de mau dos seguranças serve para afastar os encenqueiros. São os mais profissionais que conheci em minhas andanças noturnas”.

“O primeiro andar não reserva mais aquele frescor de novidade, mas ainda me faz tremer ansioso por saber quem vou encontrar. Como é dia de menor movimento, consigo a mesa preferida e sento-me à vontade, ficando de conversa com a dançarina que me oferece um minuto de atenção”.

“Peço uma bebida. O barman não precisa de nomes. Aceito o que ele tiver para me mostrar. Verifico se a mesa está limpa. Não quero sujeira na brancura desse papel”.

“A caneta é a que reservo para grandes ocasiões, autógrafos muito especiais. Tiro-a do bolso, rodo-a na base até exibir sua ponta fina e começo a escrever. Escrevo sentado no bar e descrevo-me escrevendo. Em seguida, sinto um sublime perfume

tomar o ar ao meu redor. Viro o pescoço em busca do aroma, e sutil, identifico a mulher que chega com bolsa a tiracolo e vestido cinza colado no corpo. Os cabelos ruivos, lisos e invejáveis, ajudam a realçar o contorno do rosto branco de traços arredondados. Seus olhos são azuis, verdes, cinzas e violetas. Não a chamo mais de Sempre-diferente. Ouvi seu nome num sussurro, depois de um beijo demorado. Conheço cada um dos seus sentimentos, desejos e angústias”.

“Sem que eu fale nada, ela ouve meu chamado e vem até mim. Toca-me com sua mão de tez macia e me pergunta se quero dançar. Repentinamente, ouço o som do piano e aceito o convite. Levanto-me e a conduzo ao centro do salão. Os que nos observam se animam a repetir nosso gesto. Logo, a pista está cheia. De corpos unidos pela melodia, permanecemos dançando, bocas e ouvidos, certos de que ninguém irá nos afastar”.

– Gostaram? Acabou.

– Fiquei curioso para conhecer a mulher. – Diego se pronunciou, realmente interessado.

– Ela é sua cliente, rapaz. Deve ter falado seu nome mais vezes do que imagina.

– Eu me lembraria de uma ruiva assim.

– Estão me deixando com ciúmes. Vamos mudar de conversa?

Armando me contou que você conheceu o Homem – falou Gabriela.

– Quer que eu conte como foi?

– Faz isso por mim?

– Sem faltar nenhum detalhe.

Só tinha que ser com você



Jéssica dançava sozinha na pista. Holofotes azuis reluziam no vestido cor de prata durante o espetáculo. Homens barbados espalhados ao redor a aplaudiam. Lotavam as mesas e cadeiras que de tão cheias pareciam arquibancadas de um campo de futebol. Jéssica retribuía com sorrisos e com seu glamour. A freada brusca do ônibus a acordou. As sacolas estavam no lugar. Ainda iria perdê-las se continuasse cochilando no caminho de volta para casa.

O dia de trabalho havia sido exaustivo. Jéssica estava começando em uma nova casa, de gente graúda. O salário ia ser melhor. Talvez conseguisse mandar parte do dinheiro para o pai no final do mês e terminar a obra da cozinha. Tinha machucado o pé no ladrilho quebrado duas vezes esta semana, e cobri-los com panos de chão já não bastava. Chegou a cogitar diminuir o dízimo, gesto de desespero, mas se livrou do disparatado pensamento fazendo o sinal da cruz.

Jéssica era uma mulher religiosa. O templo era o seu verdadeiro lar, sua morada. Não seria exagero dizer que passava mais tempo nele do que em casa. A pequena morena fazia questão de participar de todos os cultos, estar presente de segunda a sexta. O pastor a via como um modelo, a ovelha exemplar, uma propaganda autêntica dos seus ideais. Admiravam-se mutuamente.

Jéssica era comedida para se vestir, atributo bem visto pelas patroas e pelas mulheres do culto. Preferia saias fechadas até o joelho e blusas floridas sem decote, para manter escondida a alça do sutiã. Antes de entrar para o templo, usava calças coladas e vestidos justos. Jéssica não escondia isso de ninguém. Sempre se orgulhara de ser quem era. Com os cultos, acabou percebendo que podia ajustar certos comportamentos e começou pelo guarda-roupa. E como sua vida havia mudado depois disso.

Seus dias eram divididos entre o trabalho, a casa e o templo. A mãe falecera há dois anos e, desde então, Jéssica cuidava sozinha do apartamento. O pai morava longe, dormia no sofá da sala quando vinha. Havia sido assim durante a infância, sendo ela filha de pais separados. Acostumara-se a ver o pai ir e vir nos encontros

ocasionais com a mãe. Sempre achava que iam fazer as pazes, mas depois da cama a vontade arrefecia.

Se sentisse a solidão se aproximar, cantarolava suas músicas de fé e de novo se animava.

Jéssica vivia em um edifício no centro da cidade. Ele tinha quinze andares e muitos apartamentos, o que barateava o condomínio e ajudava muito na divisão de afazeres. A jovem tinha como ambição se eleger síndica e ajudar no resgate da moral de seus vizinhos. Não via a hora de colocar os moleques do prédio na linha. Não se conformava com a pichação no quinto andar. Como alguém de juízo destrói o próprio patrimônio? Pessoas que desconhecem o valor do dinheiro. Se trabalhassem como Jéssica, todas as manhãs e tardes fazendo serviços de limpeza e lavanderia, se sentissem o sal do suor santo lhes arder os olhos, não agiriam assim.

No templo, Jéssica dava início a uma nova missão, agraciada pelo pastor de imediato. Sempre as terças, os fiéis saíam da imensa construção e davam uma volta no quarteirão, simbolizando um abraço de fé em uma área de violência crescente. Não era um ato político e Jéssica não fazia questão de ir à frente do grupo. Fizera isso apenas de início para mostrar o trajeto. Agora, a fila se criava pela ordem das fileiras de bancos.

A nova regra havia causado uma revolução. Tinha fiel sentando nas últimas cadeiras só para poder puxar o cordão de isolamento vivo. Alguns estavam se atrasando para o culto de propósito para driblar o atento pastor.

O número de cordeiros ainda era pequeno para que abraçassem o quarteirão, mas o dia se aproximava, criando faíscas de vaidade em sua pureza cristã.

Jéssica aproveitava o pouco tempo restante com alegria equivalente. Tinha uma sugestão em mente para as segundas, porém preferia guardá-la para si, por enquanto. Queria deixar a ideia amadurecer e temia que o pastor confundisse a sua boa intenção com ambição, e um erro de julgamento como este a magoaria demais.

Ela era solteira. Suas companheiras de culto comumente queixavam-se entre si da predileção do pastor por ela, uma mulher

não comprometida. Onde ficava a família? Não era o assunto principal das pregações das quartas? Chegaram a conspirar contra a sua presença, mas desistiram. Não queriam se arriscar a ter o pastor contra o grupo. A hora de se destacarem chegaria em breve, sentiam isso no fundo dos corações. A jovem devia ter algum defeito, algo que pudessem explorar de forma prudente. E se ele gostava dela mais do que um pastor gosta de seus fiéis, também perceberia esse defeito, nem que precisassem destacá-lo diante de seus olhos.

No caminho para casa, engarrafamento. O vale transporte estava sendo pago pela patroa, outra novidade. Chega de gastos com condução. A viagem, o som dos carros buzinando e o calor do ônibus cheio não eram tão ruins assim.

Davam-lhe tempo para refletir e ler a bíblia. Pegava a condução no ponto final, ganhando um belo assento vazio e um lugar na janela. Apoiava a sacola de roupas entre os joelhos, amarrava a alça no dedo, encostava a cabeça no vidro e ia lendo. De vez em quando cochilava.

Depois de algumas semanas, passou a ter um sonho estranho que começava mais ou menos no quinto versículo lido. Uma música vinha em sua cabeça e pronto, sonhava.

Eram cenas soltas. Jéssica, com seus cabelos compridos até a cintura, passava a tê-los curtos, na altura dos ombros. Transformava-se em uma obra de arte. Usava as antigas roupas, tinha os olhos maquiados, a boca esculpida por duas cores de batom. Andava pelas ruas do centro, velhas conhecidas, conversava com estranhos como se fossem amigos. Tentava identificar os rostos, mas uma insistente luz azul embaçava sua visão.

Acordada. Passara da metade do caminho. Era sexta-feira, dia em que toda a cidade resolvia tirar o carro da garagem. Executivos querendo esticar a noite em bares e motéis, moleques buscando suas namoradas. A essa altura, o ônibus já enchera. Do seu lado, um garoto gordo a espremia contra a parede. Fazia de propósito para esfregar-se em suas pernas. Na semana anterior fora um senhor de idade, que fingiu dormir para se apoiar no seu ombro.

Jéssica segurou com mais força a sacola, dando uma nova volta nos dedos. Pediu em vão que o rapaz se endireitasse. Com medo, tentou se manter acordada, mas voltou a sonhar.

Estava dançando. O corpo não acompanhava a música. Estava vivendo dois momentos distintos. Braços e pernas moviam-se enquanto a mente buscava a informação: que melodia era aquela? Por que soava familiar? Pensou em perguntar para o garoto com espinhas no rosto se ele a conhecia. Esticou a palma da mão, acenou, mandou-lhe um beijo. Ele se aproximou. A luz azul o fez desaparecer.

Jéssica desceu as escadas. Abraçou dois homens na porta. Um mendigo a chamou pelo nome e recebeu dinheiro de suas mãos. Jéssica seguiu saltitante, equilibrando-se nos paralelepípedos. Viu o nome na placa: Rua da Alfândega.

Acordou com novo solavanco. Um cachorro havia atravessado a pista. O gordo não estava mais ao seu lado. Uma senhora de maquiagem borrada, com um lenço preso ao redor da cabeça ocupava o assento. Contava moedas de um centavo para dar ao trocador que a mirava com a cautela de quem antevê um trambique.

Não houve tempo de deixar a sacola em casa. Jéssica seguiu direto para o templo. O culto havia começado. Logo no dia que mais gostava, martirizou-se, certa de que os atrasos seriam frequentes.

A tristeza se dissipou com o aceno do pastor, feliz em ver a pupila mais fiel. Os murmurinhos nascentes entre as mulheres foram abafados pelo aumento da voz monofônica. As caixas de som chegaram a apitar. O microfone era potente, as palmas constantes. Cada final de frase vinha pontuado por aplausos e respostas automáticas dos fiéis. Uma consistente aula sobre crenças e o poder da interatividade ao se lidar com o público.

Jéssica pediu licença e foi se chegando para o meio dos bancos. Sentou-se e rezou junto com a massa. Acompanhava a missa e, ao mesmo tempo, concentrava-se em fazer a sua oração de agradecimento.

A nova patroa a tinha feito repetir a limpeza de sua estante de cerejeira centenas de vezes. Jéssica chegou a achar que fosse desmaiar. Mas havia quem olhasse por ela e se passava por isso era para aprender a ser disciplinada e atenta, superaria as provações. Jamais, nem no mais remoto pensamento, reclamaria da oportunidade de emprego.

O pastor elevou a voz, obrigando Jéssica a se concentrar somente nele. Ela tinha que dar o exemplo. Ele começou a falar dos pensamentos e das ações. Comentou que os pecados da mente serão punidos como os pecados do corpo. Imaginar também leva ao inferno, pois a imaginação é obra do demônio. Oh, coitado de quem pensa que está seguro com o que imagina. Deus tudo vê e tudo sabe, e julgará aquele que pensa igualmente àquele que age.

Jéssica estremeceu. Fez o sinal da cruz. Louvado seja o nosso Senhor.

Transcorrido o sermão, iniciava-se a fase dos testemunhos.

Estava chegando um importante momento. Jéssica não se continha.

O pastor chamou os criminosos para falar das benemerências da vida santa e purificada. Ex-drogados fizeram relatos detalhados, expondo as mazelas resultantes das opções equivocadas e de como estiveram perto do fim, a um passo do inferno. A comoção aparente era regida pelos aplausos e derivados de "aleluia".

Um homem preso recentemente foi até o altar. Sua pena tinha sido subtraída em cinco anos pela conversão espontânea. Havia ameaçado matar uma velha figura da mídia e começar uma cruzada santa. Era Deus quem o comandava e apontava sua mira vermelha no peito daquele que não dormia. As opiniões sobre a prisão se dividiam, mas certo era que a maioria o achava louco. Ele fora encontrado em casa, contando o dinheiro de uma venda grande de cocaína, ia usar uma parte para pagar aos credores e a outra para subornar pessoas-chave que o levassem até a futura vítima. Em algum ponto do processo havia deixado rastro. Hoje estava lá. Não ia mais iniciar um culto com o seu nome. Preferia participar de um oficializado.



Jéssica acompanhou os depoimentos, recompensada. Fez questão de falar pessoalmente com cada um e felicitá-los pela escolha. Tinha um apego especial por José, a quem ajudava desde o primeiro dia no templo. Sem presunção, podia dizer que era a responsável pela ida do homem à morada de nosso Senhor. Mal podia esperar pela próxima semana, ele comentou. Nem ela. A vida de imprudência e crime havia sido soterrada por sábios ensinamentos.

Havia muitas pessoas aglomeradas em torno do pastor. Jéssica acenou à distância, se despediu de alguns e voltou para casa. Hoje ficariam sem trocar uma palavra. Uma sensação doída tomou seu coração. Seria culpa? Jéssica decidiu que comentaria sobre os sonhos com o pastor, das imagens vívidas nos cochilos na condução. Culpa. Durante o preparo da janta decifrou o sentimento.

Saudade.

Ligou para o pai, mas ele não estava.

Jéssica se rendeu ao cansaço. Deixou a janta pela metade, tomou um banho e dormiu. Ainda teve forças para verificar os bicos do fogão. Apagados. Mas foi só. Nem os sapatos de bico fino ela tirou. A louça permaneceu na pia, amontoada com as panelas sujas.

Eram onze e meia quando Jéssica abriu os olhos e encarou a escuridão.

Cantarolando uma bossa-nova antiga, puxou uma velha mala de cima do armário e jogou-a na cama. O desequilíbrio momentâneo a fez tombar sobre a mala, o que a levou a uma crise de risos. Sentia-se leve. Destravou os fechos metálicos em um estalo e tateou em busca de uma peça de roupa. Encontrou o vestido. Estava por cima, preparado em um sonho anterior.

Despiu-se da saia jeans, da blusa desconfortável, da calcinha e do sutiã, e deixou-os dobrados sobre a cama.

O vestido preto realçou sua beleza natural. Os seios firmes o modelavam com perfeição. Jéssica gostava de elogios, inclusive os sinceros.

O batom vinho se mostrou a escolha ideal. Guardou-o dentro da bolsa de lantejoulas e saiu. Os sapatos baixos adequaram-se ao

contorno irregular dos paralelepípedos, sua estrada de tijolos amarelos. Jéssica não parava de assoviar a canção. Estava quase chegando. Com quantos conhecidos havia cruzado no caminho? Sentia-se o centro do universo.

Decidiu passar pelos seguranças sem trocar uma palavra. Daria uma de difícil desta vez, mulher fatal e esnobe. Os dois adoraram. Raul e Jamelão aplaudiram as penas delineadas e o rebolado. Ambos se curvaram para apreciar as coxas que subiam a escada. Jéssica acenou. Deliraram.

– Ela voltou – gritou Oscar, o morador de rua. Minotauro, seu cachorro, latiu concordando.

– Segura o cachorro que ele está no cio – falou Jamelão.

Foi direta para o banheiro. Retocou a maquiagem, enxugou o suor e limpou o batom dos dentes.

Uma mulher parou na porta. Jéssica a viu encostada, fumando um cigarrinho com piteira, analisando-a de cima a baixo. Os passos vagarosos marcaram as pontadas dos saltos no chão. Ela estacou atrás de Jéssica e a abraçou pela cintura.

– Você está linda. Por onde tem andado?

– Por aí. Me dá um cigarro?

– Claro. Alguém te viu chegar?

– Ninguém.

– Nem o Jonas?

– Para com isso, Gabriela. Ele é um garoto.

– E você? É uma velha por acaso?

– Sem esse assunto. Ele gosta de você.

– E eu gosto de outra pessoa. Você pediu em tempo para pensar.

– Mas não pensei – respondeu Jéssica, certa do que falava.

– Vamos sair que é maldade esconder tanta beleza nesse banheiro.

– Eu não sei. Entrei com entusiasmo, ansiosa, mas quando me vi aqui, parei. A música, as mesas e os estofados me inibiram.

– Imagine se der de cara com Armando.

– Nem me fale.

– Um mês afastada. Logo se acostuma outra vez. Confesse.

– O que quer que eu confesse?

- Que sentiu saudades.
- Essa conversa de Jonas.
- Estou falando de você, mulher! Saudades do seu eu. Termina de ajeitar o cabelo e vamos lá para fora. Coloca para cá para não cobrir o pescoço.

Gabriela. Foi com esse nome na cabeça que Jéssica acordou. Na hora, nem atentou ao fato. Foi tocada da cama pelo susto tomado com o barulho da porta da sala batendo. Acendeu todas as luzes e verificou as fechaduras. Todas trancadas. Encontrou uma janela suspeita, entreaberta. O vento, pensou, talvez tenha sido o vento.

Pés descalços no chão frio, cabelos despenteados no rosto, Jéssica sentou-se na beirada da cama e se acalmou. Não havia passado de um susto. Foi quando ria de si mesma e olhava os dígitos dos segundos no relógio em mudança constante, num estado semi-hipnótico, que se lembrou de Gabriela.

Tinha a fisionomia viva em sua mente. O aroma do perfume que usava e o timbre da voz ligeiramente desafinada ajudaram a compor o retrato da figura desconhecida. Assim são os sonhos, refletiu, enquanto se acomodava debaixo das cobertas. Será alguém do templo? A mente prega peças. A gente sonha com rostos que nunca viu na vida. Mas também pode ser uma missão.

Logo que fechou os olhos viu-se em uma encruzilhada. As ruas desertas cheiravam a urina dos bêbados. Teve a impressão de ver alguém se aproximar, mas era apenas uma luz, uma forte luz azul. Virou a cabeça para cima e viu a lua. Estava cheia, amarela, destacada no céu. Adormeceu embalada por uma melodia.

A patroa estava querendo matá-la, só podia ser. Que espécie de mulher deixaria os filhos sujarem o que a empregada acabou de limpar? Acabaria se atrasando de novo. O pastor logo chamaria sua atenção em público. Preferível nem pensar numa tragédia dessas.

Jéssica pediu força e paciência. Pegou o esfregão e o balde e foi para a sala de jantar. O filho da patroa a observava curioso, parecia uma criança no zoo vendo as doninhas se alimentarem, apesar de

ter idade o suficiente para saber o que fazia. Tomava conta de cada movimento seu.

A morena entregou-se ao trabalho, esquecendo da sua presença. Esfregar o chão faz a mente viajar, brincou consigo. Mais tarde, percebeu que o garoto cantarolava algo familiar.

– Que música é essa que você está cantando? – perguntou, o menos ansiosa que conseguiu aparentar.

– A mesma que você está assoviando – ele respondeu, manejando seu carro de brinquedo pelo sofá. – Minha irmã tem no cd.

– E qual é? Esqueci o nome.

– Só tinha de ser com você.

Jéssica correu com o serviço, indo além do que o corpo aguentava. Saiu da casa cinco minutos atrasada, mas chegou ao ponto final em tempo de pegar o ônibus. O motorista já a conhecia, estava fazendo hora, ida ao banheiro e cafezinho. A jovem ficou muito agradecida e os dois trocaram olhares que a inibiram. Não se pode dar intimidade, falou baixinho.

Para escapar do espelho retrovisor, escolheu um banco distante e se sentou. Prendeu a sacola nos dedos, sua intuição dizia para amarrá-la bem. Demorou alguns segundos para se lembrar da melodia. Começou a cantarolar. O som foi enfraquecendo e logo estava cochilando.

Estava sentada no bar, bem acomodada. A movimentação era grande, mas isso não a assustava. Já havia se familiarizado com a casa. Comentava com Felipe, o barman, sobre a apresentação de Gabriela, que dançava no palco. Uma roda de homens havia se formado ao redor e notas dobradas apareciam entre dedos e desapareciam no sutiã meia-taça. Entre um drinque e outro, Felipe tentava convencer Jéssica a se apresentar também. Se já era cobiçada apenas por estar lá, imagine se dançasse.

– Talvez – falou, um pouco melancólica. Queria controlar o sonho, explorar as imagens antes que acordasse, mas via-se tão íntima e distante desta realidade quanto aqueles com quem falava.

Jéssica se levantou para dar uma volta. Estava fumando um dos cigarros de Gabriela. Equilibrava-se em saltos que não deviam ser

seus, pois causavam um extremo desconforto. Usava uma peruca preta. Cabelos na altura dos ombros, com franja no meio da testa. Viu de soslaio um homem analisando-a da cabeça aos pés. Estava sozinho em uma mesa embaixo do mezanino.

Ia iniciar o flerte quando foi puxada para trás. O charme calculado fora por água abaixo.

– Por que sumiu? Você me disse que viria toda semana. Minha mãe está implicando com as demoras na rua. Quer saber que trabalhos de faculdade são esses que levam tardes inteiras. Estou esgotando meu arsenal de desculpas. Não posso falar que venho direto para cá, vê se entende.

– Não sei do que está falando, garoto.

– Não sou um garoto. Sou Jonas. E me trate direito. Basta aparecer um velho e você fica babando, finge que não me conhece.

– Acha que esses fiapos de barba na cara te tornam um homem? Falo com você outra hora que não tô com paciência pra criança. Solte o meu braço e me deixe em paz que não quero deixar cliente esperando.

Jéssica viu a tatuagem no braço de Jonas se mexer. A serpente em tinta preta desceu pelo ombro, alcançou o cotovelo e chegou ao Breathe escrito na altura do pulso. Preparou-se para um bote frustrado pelo movimento rápido da mulher.

– Está agindo como uma prostituta – esbravejou Jonas.

Jéssica irritou-se profundamente e estampou o desenho de seus dedos na pele branca e macia do rapaz. Quem o fedelho pensava que era para proferir tal insulto? Jéssica estapeou-o novamente. Ele voltou o rosto ainda mais excitado e levou um novo golpe. Sua unha pegou a bochecha de raspão, fazendo-o sangrar. Jonas se manteve imóvel.

– Só saio daqui se vier comigo.

Uma buzina. Jéssica acordou faltando cinco pontos para descer. Seus olhos pesavam pedindo para se fecharem. Conferiu a sacola e a bolsa. Estava tudo lá. Pediu à mulher ao seu lado que a acordasse na altura da Catedral, mas conseguiu manter-se desperta.

O tempo ficou curto. Jéssica largou as coisas em casa e correu para o templo. Ajeitou os cabelos no reflexo dos carros para não

parecer desarrumada e quando deu por si já alcançava as espaçosas portas metálicas do templo. Suas pernas não aguentavam mais.

O pastor ainda não se encontrava. Jéssica percorreu os bancos e foi para a fileira do meio, onde gostava de ficar. Ia começar a rezar quando a mente deu o alerta. A mulher na última fileira. Gabriela. O nome reverberou preciso. Estava diferente. Muito diferente. Mas era ela. A mulher que em seus sonhos a fazia respirar mais forte.

Jéssica espiou sobre os ombros e a viu, sentada. A esperança de que fosse uma ilusão desapareceu. Com discrição, saiu por entre as crentes e foi ter com a mulher.

– Gabriela?

– Oi, Jéssica.

– A gente se conhece – disse, pensando alto.

– Lógico. Você está abatida.

– Preciso que me conte sobre a boate da luz azul. Temos que conversar em particular.

– Boate da luz azul? Que tipo de lugar é esse? Por que não vai a minha casa semana que vem? Se estiver precisando de aconselhamento será um prazer ajudá-la, mas agora tenho outros assuntos para tratar. Fico esperando você para um café.

A conversa infrutífera terminou com Gabriela se juntando as fiéis nos bancos da frente. Jéssica a viu cochichar com as outras e reparou nas risadas. Sabia a quem se destinavam. Elas a olharam sem cerimônia e voltaram a rir e cochichar.

Era melhor se acalmar orando, pensou, mas não foram preces que lhe vieram à mente.

Jéssica se viu deitada em um sofá de veludo preto. A pele arrepiada sentia o atrito com o pano. Seu vestido estava longe, em cima de um pufe cor de mel. Entre as suas pernas, um jovem de calças arriadas até os joelhos. Reconheceu a serpente passeando em suas costas. Quis acordar, mas não conseguiu.

Gritou.

Houve um silêncio mortal. Todos no templo se voltaram para a pequena Jéssica. O pastor desligou o microfone, diminuindo o eco dos comentários. A vergonha deixou-a de face rubra e encheu seus

olhos de lágrimas. Foi preciso o pastor insistir para que as fiéis retornassem a atenção ao culto. Jéssica se endireitou no banco e acompanhou os discursos até o final.

A sós, na sala da tesouraria, contou sobre os estranhos sonhos para o pastor. Ele era sua última esperança.

– Acha que estou possuída?

– Improvável – respondeu para acalmá-la. Vendo que tremia, tentou segurar sua mão, sendo repelido com violência. Jéssica levantou-se e saiu, ultrajada.

Do lado de fora, homens e mulheres em seu desfile de terninhos e vestidos iguais cravavam-lhe o corpo com olhares maliciosos. Tinham a esperança de que fosse proibida de frequentar o templo. Muitos já haviam sido expulsos. Uma a mais não faria diferença.

O único ombro amigo foi o de José. O ex-presidiário se ofereceu para levá-la até em casa. Estava preocupado. Jéssica recusou a oferta. Precisava ficar sozinha. Caminhou o mais rápido que pôde pelas ruas do centro, entrou correndo no edifício e desabou em prantos quando chegou ao elevador.

Dentro do apartamento, despiu-se de toda a roupa, ajoelhou-se no chão, de cotovelos na cama e começou a orar. Entregou-se à meditação e ao silêncio. A humilhação deu lugar à serenidade. A raiva desapareceu. Os olhos pesavam, as pálpebras fechadas suportavam o peso da vergonha.

A boca que se movia sem produzir som, de repente parou. Jéssica ouviu a música, a melodia que cantara nos sonhos e no trabalho. Vinha de rádio? Não! Alguém a cantava. A voz era familiar. A vizinha de baixo. A cantora de boates. O que estava acontecendo?

Jéssica vestiu-se rapidamente e desceu as escadas, mas ao chegar o elevador havia partido. A mulher estava nele. Dita, esse era o nome dela. Quantas vezes a tinha encontrado de manhã? Jéssica indo para o trabalho e ela voltando para casa. Estava sempre cantando a música! Como podia ter se esquecido dela?

A correria pelas escadas resultou em um tombo. Jéssica não teve tempo de sentir dor. Alcançou a portaria a tempo de ver que direção Dita havia tomado.

De canela roxa e arrastando a sandália arreventada, seguia-a a uma distância segura. A mulher não parava de cantarolar. Pelas ruas que conhecia desde pequena, Jéssica a acompanhou até chegar ao Neon Azul. Ver a luz a deixou catatônica.

Parou em frente à porta. As pernas não obedeciam mais. Olhou ao redor e encontrou Oscar acariciando o seu cachorro. O morador de rua acenou de onde estava. Jéssica não retribuiu.

– Está diferente, Jéssica – falou Raul.

– Não fossem as pernas eu nem te reconhecia – brincou Jamelão.

– Pode estar tudo diferente, mas essas pernas não me enganam. Vai ficar aí fora?

– Vou para casa.

– E vai perder o ensaio da Dita? Entra aí para dar palpites. Se não entrar, vou chamar Gabriela lá em cima.

– Ela está aí?

– Você está bêbada, Jéssica? Está deixando o Raulzinho aqui preocupado.

Jéssica permanecia em transe. A luz azul despertava recordações, imagens embaralhadas. Lembrou-se da mala em cima do armário. Lembrou-se do calor do corpo de Jonas e das noites no sofá. Lembrou-se do gosto das bebidas, do gosto de cravo dos cigarros. Jéssica não conseguia ordenar as informações. Quais seriam falsas e quais seriam reais? Sabia somente que muito havia se passado dentro daquele lugar. Precisava entrar. Precisava enfrentar as escadas e confirmar que não estava louca. Ou que estava.

A primeira pessoa que viu foi Dionísio, no piano, aquecendo as mãos para o ensaio. Reconheceu Felipe no bar, uma garota aqui, outra ali. O mezanino lhe era familiar.

Estava fraca. Quase caiu de joelhos. O corredor para o banheiro despertou sons e sensações que não pôde dominar. Jéssica se via em duplicata. A mulher de peruca preta e vestido justo andava ao seu lado, puxando-a pelos braços, ajudando-a a subir os degraus. Sua classe e estilo despertaram a inveja de Jéssica. Parecia muito mais feliz.

A escada terminou. A pequena estava no grande salão do segundo andar. Foi preciso apoiar-se no bar, ia desmaiar. Um rapazote atrás



do balcão soltou as garrafas que enxugava e veio ajudá-la.

– Sente-se um pouco. Vou trazer um copo de água com açúcar.

– Obrigada.

Jéssica contemplou a vista como se estivesse no pico de uma montanha. O ar não era puro, mas o clima era ameno. Seguindo o som de uma conversa, notou que Dita descia as escadas. Escondeu-se se apertando entre as mesas. Pediu a Diego que se livrasse dela assim que possível.

– De qual delas? Dita ou Gabriela? – os olhos de Jéssica reluziram.

– Segure Gabriela. Se livre da Dita.

Com a lábia que lhe rendera vários programas, Diego convenceu Dita de que Dionísio queria conversar sobre uma surpresa. Jogando charme, pediu que Gabriela lhe ajudasse a reorganizar umas garrafas.

Bastou Dita desaparecer nas escadas para Jéssica saltar dentre as cadeiras.

– Você vai me explicar direitinho o que está acontecendo – falou.

– Droga. Que isso Jéssica? Está bêbada? Drogada?

Gabriela foi arremessada no chão. O braço se chocou contra as cadeiras.

– Pare com isso! – gritou para uma Jéssica ensandecida. Diego interveio e, sem esforços, separou as duas mulheres.

Gabriela se apiedou. Sabia que o dia chegaria. Sugeriu que sentassem para conversar.

– Quem me trouxe aqui?

– Ninguém. Você sempre veio sozinha.

– Eu segui Dita, hoje. Ela mora no meu edifício. É a canção. A canção me faz agir assim. Eu acordo, visto a roupa e venho. Por que me ignorou no templo? Por que fingiu que não sabia do Neon Azul?

– Templo? Acho que chegou a hora de parar com as drogas, Jéssica. Você vai acabar se matando. Deve estar tendo algum tipo de viagem. Onde já se viu Jéssica, a rainha da noite, frequentando templos? Vai me dizer que usa vestidinho prateado por lá?

– Eu conheço o pastor. Vou lá todo dia após o trabalho.

– O templo abre de madrugada? Porque o seu trabalho é aqui, Jéssica. E você só sai depois das quatro da manhã.

Jéssica passou o restante da noite e do dia seguinte fumando um baseado, sentada na sala de seu apartamento. A maquiagem estava borrada pelas lágrimas, mas retocaria o rosto antes de sair. Considerou primordial que usasse a peruca preta de franja. O vestido, esse seria diferente. Uma mulher não deve nunca repetir o vestido.

Saiu cedo de casa. Não sabia como se equilibrava nos saltos e não queria correr o risco de torcer o pé. O vestido vermelho combinava com o batom e o esmalte. Eles iriam gostar. Foram muitos assovios e comentários na rua. Isso, me elogiem, pensava. Elogiem Jéssica.

Ainda não tinha decorado a letra da música, por isso assoviava a melodia. Nunca descobriria como acontecia, bastava saber qual efeito causava em sua mente. Uma canção. Inocente canção. Nem gostava tanto assim de mpb.

Esperou que o templo enchesse para entrar. Gargalhou vendo os olhos do pastor se revirarem com a sua presença. A dama de vermelho. O coro de "oh" parecia ter sido ensaiado por meses, sopranos de um lado, contraltos de outro. O coral dos sábados não faria melhor.

As mulheres que se precipitaram sobre Jéssica para colocá-la para fora foram recebidas com socos. A morena chegou a arrancar na mão o cabelo de uma delas. A víbora. Vivia cochichando sobre ela. Se pudesse a derrubaria no chão.

O pastor desceu do altar e, com a ajuda dos seguranças, afastou a multidão que se aglomerava em torno de sua ovelha perdida.

– Preciso me confessar – ela falou, séria.

Os casais em torno caíram no riso.

Cavando espaço entre os presentes, José chegou ao miolo do círculo. Tinha medo que linchassem Jéssica ali mesmo. Tinha medo de como ele reagiria. A sua chegada trouxe alívio para o pastor. Palavras foram desnecessárias. Leve-a para casa, pensou. Leve-a para casa, ele entendeu.

– Hoje à noite vou aceitar sua companhia – respondeu Jéssica, arrancando novas reações de escárnio.

Não explicou o que estava acontecendo e José não perguntou. Na subida para o apartamento, Jéssica levou a mão do amigo até sua coxa, por debaixo do vestido. Quando a porta se bateu, José começou a suar frio.

– Eu fui buscar você, sabia? Preciso de um favor. Você faria algo por mim? – perguntou Jéssica, tirando o vestido. José estremeceu ao ver o belo corpo da morena. Aquelas saias longas e blusas fechadas escondiam uma deusa.

– Qualquer coisa – ele respondeu, se aproximando.

Jéssica sentou-se na cama, puxando-o pelo cinto.

– Tem certeza?

– Qualquer coisa – repetiu resfolegante. – Faço qualquer coisa.

– Consiga uma arma para mim. Com munição.

– Você vai se matar?

– Eu ainda tenho muito para viver, não se preocupe – falou, arrancando as calças de José. – Oba! Você já está armado.

O homem não sabia o que fazer. A situação era estranha demais. Seguiu os seus desejos sem pestanejar.

– Eu consigo. Eu consigo.

– Leve-a amanhã ao templo. Eu pego com você e devolvo na noite seguinte.

– Vai atirar em alguém de lá? As pessoas não riram por mal. Elas não sabem o que aconteceu. Não entendem.

– E você, entende? Prometo que não vou matar nenhum deles.

Puxou-o para cima de si.

Jéssica sentou-se no banco de trás. Ignorou os olhares de menosprezo que recebeu. O pastor a cumprimentou como se nada tivesse acontecido e isso bastou para que se sentisse em casa. Havia ajudado a estruturar as pautas dos cultos que aquelas pessoas assistiam. Deveriam ter mais respeito e se contentarem com suas limitações.

O pastor tinha uma ideia em mente. Diria a todos que a ida dela ao templo trajando roupas vulgares havia sido combinada previamente. Era para servir como lição de comportamento e iniciar

os estudos sobre julgamento. Ajudava o fato de ela estar lá, vestida como de costume, comportada.

De onde estava, viu quando José se aproximou. A luz forte fez a arma reluzir. Jéssica guardou-a rapidamente na bolsa, mas não impediu que o atento pastor a percebesse. José se afastou e voltou para o seu lugar, do outro lado do templo, depois de receber um gostoso carinho entre as pernas. Jéssica esperou até o fim do culto e foi embora. Ouviu cada palavra, atenta. Sabia que nelas se encontrava a mensagem de coragem que precisava.

Saiu em disparada pelas ruas para evitar o contato com os fiéis. Concentrada em sua missão, só notou que o pastor a seguia na metade do caminho. Tinha que despistá-lo. Abandonou a rua principal e se embrenhou pelas ruelas que se entrecruzavam. Se ele continuasse, acabaria na cama com ela, e aí não haveria mais salvação.

– Jéssica! Fale comigo! Eu quero ajudar. Eu vi o que José te entregou.

– Então volte para templo antes que se machuque. Eu vou matá-la, pastor. Vou matar a cantora. Ninguém vai me impedir. Não é culpa dela. Mas também não é minha. É a maldita música. Preciso silenciá-la.

Jéssica acelerou os passos, ganhando distância. A voz do pastor se tornou um sibilo distante. Quando alcançou a esquina da encruzilhada, achou que o tivesse despistado. Um homem apareceu no fim da rua. Pensou em pedir ajuda para o estranho, dizer que estava sendo seguida, isso atrasaria o pastor por tempo o suficiente.

Mudou de ideia e resolveu apressar o passo. Aquele sujeito a incomodava. Não tinha uma boa energia.

– Senhora – chamou o estranho –, acho que deixou cair sua carteira.

– Aonde? – perguntou, se virando para procurar.

Em seguida, veio a facada.

Jéssica acordou sobressaltada. Os lençóis enrolados no rosto a sufocavam como uma mortalha. Queria ar. Estava atravessada na

cama. Pernas para fora. Esquecera a janela fechada e o ventilador havia pifado. Seu coração batia rápido. Gabriela tinha razão. Era melhor dar um tempo com as drogas.

Foi até o banheiro lavar o rosto. Ainda estava com a maquiagem da noite anterior. Tirou-a com algodão e cremes de limpeza. Imaginou a fronha do travesseiro com duas rodelaas negras do lápis e uma mancha azul da sombra. Ia passar a tarde esfregando a peça no tanque.

Enquanto procurava a escova para tratar dos brilhantes cabelos negros, jogou as guimbas de maconha na privada. Fez os mesmo com as trouxinhas de cocaína guardadas no fundo falso do armário. Estava livre. Tinha força de vontade.

De rosto limpo, passou o creme contra olheiras e acertou a franja na testa. Tinha pena de quem a visse logo após acordar.

Na cozinha, preparou um café forte para tirar a dor de cabeça. Que horas eram? Assim que se recuperasse telefonaria para Gabriela e se desculparia pelo incidente da noite anterior. Estava fora de controle. Não sabia se pelas drogas ou pela música.

Não aguentava mais ouvir Dita ensaiando. Ainda pior seria comparecer na noite de estreia. Se Armando precisava de alguém para cantar por que não a havia convidado? Jéssica cantava bem. Pergunte a qualquer um. Havia passado a infância ensaiando no coral da igreja.

Bebeu dois copos sem açúcar. Bastaria para mantê-la acordada. De longe, viu a sandália que arrebentara ao se engalfinhar com Gabriela. Suas prediletas. As pretas. Estava triste. Ia tomar um banho.

Jéssica sentiu a angústia que vez por outra invadia seu peito. Ia ligar para o pai, saber se o dinheiro havia chegado, se estava tudo bem. Fazia tempo que ele não vinha visitá-la.

Enquanto a água esquentava, subiu na cama e puxou a mala velha de cima do armário. Ali estavam as roupas de crente da mãe, seu terço, algumas fotos. Estava se sentindo sozinha. Era hora de passá-las adiante. Mandaria as fotos para o pai. Ele também sentia saudades dela. A roupa colocaria no armário junto com seus vestidos e calças coladas.

Mal podia esperar pelo banho quente.

O ponteiro dos segundos



Ninguém no bar precisava vê-lo para saber que estava lá. Sua presença era considerada uma dádiva pelos que compartilhavam com ele as noites no Neon Azul. É inegável que o físico contribuía para a personalidade marcante. Tinha os ombros largos sustentados por bem desenhados um metro e oitenta e um de altura. O nariz aquilino perfeito e os lábios cheios e vermelhos, harmônicos com a pele branca, davam-lhe a pincelada de mistério necessário para ser ainda mais atraente.

Era isso, parecia uma pintura. Apenas o começo. Bastava aconchegar-se na poltrona de veludo para que um grupo se formasse a sua volta. Parecia alguém famoso, mas não era.

Não persuadia ninguém. As forças da natureza agem conciliadas por uma vontade invisível e assim ocorria com Ricardo. Aproximavam-se para pedir informação, perguntar por fogo, e ficavam lá. Vinham as histórias, os sorrisos, e era como se o conhecessem desde sempre. Frequentes eram os casos em que se punham a comentar sobre o seu estilo. As roupas lembravam a Itália dos Intocáveis e Al Capone. "Eu estive lá", ele respondia gracioso, "mas não herdei um puto de um Armani".

A felicidade irradiava de seu corpo e inundava o ambiente. Ricardo não bebia uma gota de álcool. Passava longe das garrafas e vapores. Sentava-se no segundo andar para não sentir o cheiro, na mesa mais afastada do bar. Tinha ojeriza ao que pudesse matá-lo antes de sua hora.

As garotas também o adoravam, provavelmente por ele não as chamar assim, garotas. Ricardo sabia nomes e sobrenomes. Tratava-as com tamanha afeição que lhes afogueava as faces apenas com a respiração que precedia os seus gentis cumprimentos. Era um chamariz de clientes, mesmo sem ser uma atração anunciada.

Não fossem os olhos... Duas pequenas joias incrustadas no rosto sublime. Uma cor que não se pode descrever em palavras e uma imensa tristeza. hiv positivo.

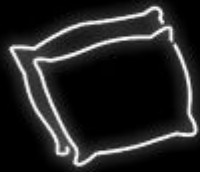
Ricardo estava experimentando a mais recente combinação de antivirais. O corpo sofria danos mínimos, livre de efeitos colaterais,



mas o vírus superava estatísticas e conhecimentos médicos, e o coquetel logo não serviria para nada.

A nova aposta da equipe de pesquisadores para combater a doença era mais do que uma novidade, era a última chance. Estava dando resultados. As outras também haviam dado por vários exames, até falharem. Ricardo se considerava um cara de sorte.

A Dançarina e o Sexo



Existem fábulas que levam o escritor a meditar sobre a verdadeira origem de seu trabalho e se a real importância deste não se perdeu no arrastar dos séculos. Dúvida parecida teve Gabriela quando foi chamada de puta por um cliente. Ela que havia aprendido dança e teatro, que havia se estilizado e evitado as roupas vulgares, sentiu uma decepção inconcebível até aquele instante. Inglório, já que o difamador encontrava-se dentro dela, com os olhos vermelhos esbugalhados mirando a parede e babando que nem um buldogue, no instante em que a ofendeu.

Desencantada, deixou o quarto do rapazinho antes que ele começasse a se vestir. Também queria estar longe quando o sujeito descobrisse que ela havia largado a camisinha usada dentro do seu sapato Hugo Boss. E não comentemos sobre a gravata.

Ricardo a viu quieta, de pernas entreabertas, esperando que lhe servissem um drinque do mais forte possível para limpar o gosto do desprezível de sua goela, e resolveu se sentar ao seu lado. Conheciam-se das apresentações teatrais, mas nunca pararam para trocar mais do que duas palavras.

– O bar está vazio hoje – disse ele, despretensioso.

– Pelo menos um dia de descanso na semana. O que faz aqui perdido?

– Não sei. Minha casa estava um tédio, vim pra cá.

– Não mudou muita coisa, então.

Gabriela costumava rir de cantadas, mas gostava de Ricardo, dessa singeleza única que tinha, conversasse com amigos ou estranhos. Ele era uma espécie de objeto decorativo do Neon Azul, como as lâmparas em forma de tocha e as mesas modernistas, e Gabriela devia tanto àquele lugar que o sentimento se refletia nele. Agradava a sensação de pertencer a um conto de fadas que vararia o tempo. Seria sempre bonita. Sua vida da porta para fora não interessava. E se um homem desperta um pensamento parecido mesmo que de forma inconsciente, vale estar ao seu lado.

A isso se somava a experiência com o cliente-buldogue, o que não revelaria a ninguém.

Foi depois de começarem uma conversa parecida nas intenções, mas diferente nos assuntos, de desfilarem anedotas poéticas sobre a incredulidade do retorno dos mortos no último dia e sobre questões religiosas pouco cabíveis fora de contexto, depois disso tudo e mais uma água tônica, surgiu a proposta de irem para o apartamento dele.

Ricardo dirigiu o carro sem esfregar a mão nas coxas de Gabriela, deixando-a sem parâmetros para os passos seguintes. Por mais incrível que possa parecer, falaram de um cd que Ricardo gravou no ano anterior com a intenção de diminuir o caminho das idas e vindas. Tinha um repertório eclético e Gabriela confessou que não conhecia muito daquilo. Sabia cantarolar um trecho apenas da última música. “pode parecer tão natural... aal... aal”.

Capacidade de adaptação era o que não faltava à garota de programa. Uma vez teve que se passar por Cleópatra. Ela longe da adolescência, falando sobre Egito e outras coisas que o casal pediu. Daí para a entrada de Ísis e a história da serpente foi um pulo. Inesquecível. A profissão exigia certo talento a mais, podia-se dizer.

Mas, percebia agora, não estava preparada para viver situação como a que se sucedia dentro do carro, naquela viagem interminável entre o Centro e Botafogo, por isso tratou de perguntar, antes que enlouquecesse, se um cara tão interessante quanto Ricardo não teria mulheres disputando sua atenção, jogando-se aos seus pés o dia inteiro, pois via isso nas noites no Neon.

A resposta foi categórica: não. Um não manhoso, com estalido da língua contra o céu da boca.

O edifício estava se aproximando. Ricardo guiou um pouco mais, prestando atenção nas ruas vazias e no suspense dos sinais de trânsito, sem emitir um chiado sequer. Gabriela fez o mesmo, em dúvida se retornava ao papo musical ou se permanecia de boca fechada. Foi só virar o rosto para a janela, como quem acompanha a paisagem, que Ricardo se pronunciou.

– Sou sozinho por opção. Só me deram essa.

– Nunca o vi sem roupa, mas você parece ter um corpo respeitável.

– Não gosto de brincar com a saúde.

Ricardo estacionou o carro na garagem e fingiu não prestar atenção na curiosidade do bigodudo que varria o chão. O porteiro fixou os olhos em Gabriela. Grave bem essa silhueta, pensou Ricardo. Será que os dois se conheciam? Tivera o porteiro como cúmplice em muitas situações e podia imaginar o que se passava na cabeça desocupada do empregado.

– Eu nunca entendi bem o que você faz lá no Neon. Você não bebe, não está atrás de mulher nem de homem, não dá a mínima para o Armando.

– Vou pelas pessoas.

– Pela companhia? Duvido que você goste deles tanto quanto gostam de você.

– Boa afirmação.

– Os dois sentidos são verdadeiros.

– Se eu te desse um pingente de diamante você usaria?

– Claro!

– E se eu dissesse que ele é único no mundo?

– Não tiraria do pescoço.

– E se no dia seguinte encontrasse todo mundo com um igual?

Ricardo conduziu Gabriela até o hall do elevador. A prostituta tinha uma aparência consistente demais para alguém que vivia banhada pela luz azul. Aquela humanidade, que nada mais era do que a força da realidade que pretendia evitar, causou-lhe um breve arrependimento. Tinha esperança de que Gabriela pudesse brilhar como as lâmpadas, transformando a escada cinzenta e suja na passagem mística do Neon. Queria sequestrar a atmosfera e impregná-la em seu apartamento, mas, distante das nuances de cores e das intervenções de Armando e Dionísio, a prostituta se transformou em alguém comum.

O barulho da chave balançando fez a dançarina se lembrar de um susto, percalços da profissão. Jamais deixava o Neon Azul com um cliente, mas naquela noite havia concordado em ir com um garoto para o apartamento dele. Ficou receosa de esbarrar com a polícia e ser presa por pedofilia, pois não acreditava que o moleque tivesse mais de quinze anos, como ele insistia em dizer.

Demoraram tanto a tirar a roupa que Gabriela quase se esqueceu por que estava ali. Podia jurar que era virgem. O engraçado foi que no melhor da festa, a mãe do garoto chegou. Gabriela teve que se vestir as pressas e se esconder atrás da porta do quarto. A mulher entrou sem cerimônia e jogou o menino na cama. Os dois transaram ali mesmo. Depois ele contou que o pai tinha se separado e aquela era a nova namorada dele, sua madrasta. Disse também que o pai sabia e não estava nem aí. Gabriela não entendeu se o nem era dele ou do pai. E então ofereceu um baseado que Gabriela rejeitou. Quando estava quase na porta, a madrasta reapareceu e encheu o garoto de arranhões pela traição.

O apartamento de Ricardo não tinha muito a ver com o que a dançarina esperava encontrar. Sentiu o peso da melancolia nas paredes de cor preta, uma prisão asfíxiante. Por todo canto havia estátuas, réplicas de deuses gregos, corpos masculinos e femininos, sempre com os braços completos. Os quadros só tinham paisagens sombrias, florestas negras sem luz a quarenta e cinco graus. A figura mais viva que encontrou foi uma flor, ironicamente. O jarro de cravos amarelos ficava em uma cômoda com fotos antigas. O prato com areia para evitar mosquitos mais parecia guardar restos de algum ente querido.

Também havia um violino precisamente atarraxado e um Ricardo que não tirava os olhos dos seus.

– Gostou da decoração?

– Pensei num ambiente mais colorido. Você sabe, as pessoas vivem ao seu redor querendo tomar um pouco da sua alegria. Achei que fosse aqui que você recarregava as baterias.

– É uma concepção boa para os negócios, mas irreal. Talvez, aquelas pessoas sejam a minha fonte de energia e não o inverso.

– Um vampiro astral.

– Trabalho doze horas por dia. Leio uma infinidade de textos, as viagens extraordinárias de um bocado de escritores. Não posso ter ao redor algo que me distraia, nem posso alimentar a mente com elementos diferentes dos que estou lendo. Isso prejudica a

produtividade. Demorei anos para encontrar essa fórmula eficiente de reclusão.

– Melhor deixar para lá. A surpresa já está cedendo ao encanto. É tudo tão bonito. Você deve ser muito zeloso.

– Eu e Carmem, minha empregada. Não sei o que seria de mim sem ela.

– Ela mora aqui?

– Não. Meu quarto de empregada é um depósito de textos empilhados – disse Ricardo, sorrindo. – Nem se ela quisesse muito eu conseguiria limpar a bagunça.

Gabriela havia se perdido no sorriso de Ricardo. Era um sorriso sincero que fazia par com a tristeza de seus olhos. Gabriela não sabia explicar, mas ele havia feito com que se sentisse melhor. Seu corpo, até então retesado, começou a relaxar ajudando-a a agir com maior naturalidade.

– Posso me sentar?

– Claro. Que porcaria de anfitrião. É falta de hábito. Só recebo gente aqui para tratar de negócios. O pessoal chega e vai se sentando. Seu querido Lucas, companheiro de Neon, vive largado nessas almofadas. Todo mundo conhece o caminho do banheiro e da geladeira.

– O Lucas é uma graça. Já conversou com ele sóbrio?

– São duas palavras que não cabem na mesma frase. Aliás, você quer beber alguma coisa? Não tenho muito para oferecer além de refrigerante e água tônica. Álcool é proibido dentro dessa casa, questões médicas.

– Aceito a água, mas daqui a pouco.

– Você me espera um instante, então? Vou trocar de roupa. Se quiser tirar os sapatos, sinta-se em casa.

– Obrigada.

Gabriela afundou o corpo e experimentou o sofá de diversas maneiras, procurando a posição mais confortável. Era um jeito de encurtar a espera e de dizer para si mesma que estava trabalhando. Tinha certeza de que Ricardo viria do quarto nu ou de cuecas e logo estariam trepando.

Espiando a sala, incluiu o violino na sua fantasia. Queria trepar ouvindo sinfonias, uma trilha sonora de filme. Quem tocasse poderia usar o ritmo de sua respiração como partitura, atingindo notas mais agudas a cada gemido de prazer, e sibilos graves como preparo para o gozo. Descobriria sinais tardios de tesão por Dionísio? Ele toca piano.

– Toque-me – diria ela.

A demora do anfitrião enfraqueceu a imagem projetada por Gabriela na parede. Para lutar contra a espera, mudou o jogo e ficou formulando perguntas e respostas. Ricardo seria bem dotado? Suas coxas seriam carnudas como as que gostava de sentir contra as suas? Teria tatuagem nas costas? Falaria palavras indecorosas?

Sem aguentar a espera, Gabriela adentrou a casa, procurando o anfitrião. Era isso o que queria, ser surpreendido. Estava a sua espera em um dos cômodos, pronto para o prazer.

O estreito corredor por onde Ricardo tinha se embrenhado levava a duas portas. Chamou-o ao entrar no quarto, mas ninguém respondeu. Ia para o banheiro de suíte quando viu o corpo caído entre a cama e o armário.

Ricardo estava nu, sim. Havia um copo em cima da cama, o edredom estava molhado. No chão, um punhado de comprimidos brancos. Gabriela ouviu um sussurro, quase um gemido. A mão de Ricardo, como se independesse do restante do corpo, tateou em busca do medicamento. Gabriela conteve o nervosismo, correu para o banheiro e voltou com um copo cheio de água da bica. Virou Ricardo sem muito jeito e o ajudou a engolir o comprimido. Na dúvida enfiou mais dois. No primeiro gole, ele se engasgou e a água vazou pelo canto dos lábios, molhando o pescoço. Gabriela repetiu o gesto. Tomou os devidos cuidados para que o líquido descesse com suavidade.

– Obrigado – balbuciou, ainda tossindo.

Ficaram mais um pouco daquele modo. Gabriela ajoelhada no chão e Ricardo com a cabeça apoiada em seu colo, um encanto que a dançarina jamais soube explicar. Faíscas de um instinto materno. Uma compaixão incestuosa.



Logo que melhorou, Ricardo sentou-se na cama e ficou observando a convidada.

– Desculpe. Você deve estar querendo trocar de roupa.

– Que diferença isso faz agora? – Ricardo fez uma pausa. Gabriela não entendia como podia agir naturalmente em uma situação desse tipo.

– Tem algo que eu possa fazer para ajudar?

– Abra a segunda gaveta e pegue a bermuda verde para mim.

Gabriela remexeu a gaveta procurando a referida bermuda. Aquele homem pelado – foi assim que o definiu – poderia se passar por uma das estátuas gregas da sala, não tivesse o físico ligeiramente franzino. Aquele homem pelado estava ali, ao seu alcance, e parecia inofensivo. Ele, inteiramente despido, tinha tamanha confiança em si que fazia ela, a prostituta, sentir-se nua, devassada, apesar de não haver decote em sua roupa.

– Bonito o quarto – disse, vendo-o se vestir sem cuecas. – Foi você quem decorou?

O comentário simples teve dois objetivos.

O primeiro, talvez óbvio, descobrir se Ricardo tinha alguém. A pergunta no carro havia ficado sem uma boa resposta. Ela, mulher experiente, sabia identificar um toque feminino em um apartamento habitado por um homem solteiro. Imaginou por um instante – mente arredia – se ela não estaria escondida atrás da porta do banheiro observando os dois naquele jogo de piedade.

O segundo, que passou despercebido, foi arrumar o que dizer depois de ver frascos de comprimidos e papélotes dentro da gaveta da bermuda.

Gabriela não era ingênua, usava drogas em várias de suas transas. Só socialmente, dizia com frequência. Disposta a tudo para satisfazer a fantasia do cliente, já se vira com o rosto colado em uma pia de banheiro, cheirando lança-perfume, enquanto um coroa, por volta de sessenta anos, erguia sua saia e arrancava a sua calcinha a dentadas. Mas Ricardo ainda não havia revelado nada e a princípio estavam ali como bons amigos. Sabia sobre ele o mesmo que os clientes do Neon. Se o magnetismo inexplicável tinha se

modificado ao transpor as escadarias de granito, não havia por isso perdido a sua força. Era lascivo e gravitacional.

– Uma antiga namorada me ajudou com uma parte. Depois que ela foi embora, chamei um amigo arquiteto para mudar a decoração. Pechinchei usando umas compotas que trouxe do sul – ele respondeu, recolhendo as esferas brancas perdidas no tapete.

– É diferente da sala, mas também é de bom gosto.

– Foram projetados para objetivos diferentes.

– Por que ela te deixou?

– Quem disse que foi ela?

– Desculpa. Que mancada.

– Ela soube que eu tinha aids.

Gabriela perdeu a cor. Seu rosto desarmado exprimiu uma culpa dilacerante por ter aberto a caixa de Pandora. Um gosto amargo veio à boca. Ferro. Sangue. Precisou respirar fundo para continuar.

– Sinto muito. Melhor eu voltar para a sala.

– Espera. Deita aqui. Ainda estou meio tonto.

– E aquilo na gaveta?

– São os remédios. O famoso coquetel.

– Numa gaveta cheia de camisinha.

– Dar sorte para o azar foi burrice.

– Você é um cavalheiro, Ricardo. Não precisa mentir. Foi ela quem te passou o vírus. Descobriu que tinha a doença e não te falou. Um dia você fez um exame de rotina e estava lá a surpresinha. A confiança com efeitos colaterais. Inocência sua achar que uma puta vive de um cliente exclusivo. Se não for por dinheiro, será por instinto.

– E vai me contar como sabe tanto a meu respeito? – a pergunta saiu como uma ordem.

– Sou amiga da Jéssica. Conhecia o milagre, só não sabia o nome do santo. Nunca imaginei que fosse você. Se serve de consolo, Jéssica só esteve contigo na época. Foi fiel a proposta. O problema é que você era exclusivo na cama, mas na seringa ela tinha outros parceiros.

– Grande consolo.

– Tem mais um pouco. Está acabada. Reapareceu essa semana com amnésia.

Ricardo espichou o corpo para baixo, achando um lugar macio nas coxas de Gabriela. Ficaram deitados assim, ela afagando seu pescoço, e ele imóvel, lembrando. Ele ainda estava tonto, pelo desmaio ou pela conversa. Depois de anos editando Lucas Moginie, foi impossível resistir ao neon brilhante iluminando uma mulher do naipe de Jéssica. E o resto tinha simplesmente acontecido. “Uma das armadilhas da vida é que uma pessoa pode ser incapaz de mudar o próprio destino, e ainda assim ter uma influência devastadora sobre o destino de terceiros”, disse Dionísio certa vez, após a apresentação. Essa teia invisível, que se forma discreta, tinha amarrado Ricardo em um casulo e espichado seus fios em diversas direções.

Gabriela ajeitou-se de lado e puxou um travesseiro. Ricardo sentiu as coxas da dançarina úmidas de suas lágrimas. Puxou o vestido para cima até encontrar a pele desnuda. Beijou-a com delicadeza, sem se surpreender com a ausência da calcinha. Continuou o caminho até alcançar as reentrâncias raspadas da dançarina. Dos beijos escapou a língua que fez Gabriela se contorcer de prazer, cheia de vontade de se abrir, mas com espasmos que a faziam se fechar. Ia explodir. Ricardo aproximou-se mais, explorou com a língua o mais fundo possível, achou o que queria. De forma gentil, foi suspendendo o vestido, acariciando ventre, umbigo, seios, mamilos delicados. Gabriela estava nua, esparramada em seu sonho *noir*. O membro duro de Ricardo mudava os contornos modernos da bermuda, faltando pouco para escapar. Gabriela saltou sobre a escultura, e foi prontamente interrompida.

– Na gaveta. Pegue as camisinhas.

A lembrança da realidade revirou seu estômago. Os olhos revelaram novamente a tristeza. Ricardo percebeu, estava acostumado com os olhares de piedade lançados todos os dias diante do espelho. Apertou Gabriela para despertá-la do transe. Gemidos. Sorriu ajudando a desfazer a situação ruim. O sexo não é momento para flagelação.

Gabriela revirou a gaveta. Descobriu formas e sabores entre os preservativos. Encontrou uma foto de Jéssica e de Dita. Escolheu um pacote qualquer e fechou, rapidamente.

– Não, não. Pegue mais. Bem mais. Pegue o gel também, vamos.

Gabriela sorriu, dissimulada. Era um treinamento contínuo, dizer e gemer o que não se sente, mas naquela cama saída de um quarto de motel, estava desarmada. Pegou o que coube na mão, voltou para o alto com Ricardo nu, a bermuda largada nos lençóis. Entre seus lábios e o membro duro que apontava em sua direção, um universo.

Ricardo pediu os pacotes. Gabriela fez que não. Mordeu a beira do plástico, arreventou e puxou a camisinha. Segurando o pau de Ricardo do jeito mais esticado, desceu a borracha com os dedos e a boca. Depois de uma risada fruto da surpresa, o anfitrião jogou-se para trás e aproveitou o momento. Pensou em puxar o corpo de Gabriela para si e retribuir o prazer ao mesmo tempo em que o recebia, mas acabou alcançando os travesseiros. Feriu a espuma com as garras e cobriu o rosto, entregando-se a escuridão. O corpo tremeu ainda mais forte quando Gabriela manobrou os quadris e montou sobre ele. Sua mente, entretanto, estava longe, apagada em um lugar cinzento, repleto de medos e tentações.

– E o Armando?

– Por que se dá ao trabalho de perguntar se já sabe a resposta?

– Eu conheço a história. A conversa da conversa da conversa.

– Conhecido no mundo moderno como fofoca.

– Só quem sabe do fato é a pessoa que passa por ele, os outros ficam com a rebarba, a notícia.

– A interpretação é o bem maior de cada um– respondeu Ricardo, seco, sentando na cama de pernas cruzadas. Gabriela ajoelhou e abraçou-o. O corpo não estava quente nem frio. Inclinou o pescoço deixando o cabelo escorrer sobre os ombros do anfitrião. Devagar, aproximou os lábios do ouvido. Sentiu o tremor de Ricardo, apertou-o num abraço, compartilhando o arrepio.

– Talvez eu seja uma espiã infiltrada no campo inimigo.

– E qual a missão dessa espiã?

– Convencer você a falar com o Homem. Vivem dizendo que você recusou um convite dele e o Armando não te perdoa por isso.

– É a verdade, em parte.

– Ele é mesmo um gangster, um figurão do crime ou o quê?

– Acho que pode ser o que quiser. Inclusive esse ou.

– É tudo mentira, não é? Você falou com ele. Ele te ofereceu a cura e você não quis. Preferiu sofrer até o fim só para ter a Jéssica por perto, mesmo que na forma de uma doença. Você teve a Jéssica, teve Dita e agora eu. Não entendo como pôde fazer isso. Não existe preço alto demais se o prêmio é ganhar o tempo de volta.

Ricardo abriu um largo sorriso e bufou. Que menina arredia e criativa. A primeira transa e já queria salvá-lo dos males do mundo. Gabriela se levantou, foi para a janela, seus seios deviam combinar bem com a moldura da noite. Se tivesse um cigarro, fumaria. Não estava nem aí para os vizinhos que não eram dela, mas dele. Ricardo jogou a camisinha no lixo do banheiro, molhou os cabelos e se juntou à visitante na janela. O céu estava negro, nuvens carregadas.

– Olha só a lua.

– Que tem?

– As nuvens estão desviando. Parece que ela está mesmo ali, ocupando um espaço físico.

– Tive um tuim uma época. Ele se chamava Ícaro. A gaiola ficava aqui pegando luz durante a manhã. Como ficava metade do dia em casa, deixava ele solto do meu lado no sofá e fazia carinho no pescoço enquanto lia os originais. Era uma graça, de vez em quando subia na minha barriga e roía uma página ou outra. Uma vez acordei com o barulho dele, meio dormindo. Vim espiar o que ele fazia. O Ícaro estava no poleiro mais alto, mexendo no balanço. Empurrava bem rápido e colocava o pescoço embaixo, para receber o carinho.

– Ele morreu?

– Fugiu. Aprendeu a abrir a gaiola. Ou então roubaram. Nunca engoli direito essa história. Já tive empregados e visitas sem nenhum caráter.

Gabriela espichou o corpo, ajeitando a coluna, procurando o corpo de Ricardo. No primeiro toque, puxou-o para si. Sentiu o nariz dele afundar no seu pescoço, cheirar seu cabelo. O corpo agora estava quente, algumas partes mais do que outras, mais alguns segundos e não se aguentariam. Em movimentos discretos, ele desceu a mão em busca do umbigo da dançarina. Deu voltas, rodeou os seios, brincou como um pintor que faz o esboço do quadro, distribuindo na mente o lugar das cores que sairão da paleta. Pôs a mão no ventre ligeiramente gorducho de Gabriela como quem espera sentir um chute. Desceu os dedos mais um pouco e investigou o espaço já conhecido por seu membro e sua língua. Um, dois, três dedos saciando o clitóris exposto à rotina. Gabriela emitiu gemidos sinceros, assim pareceu. Buscou Ricardo para encaixá-lo o mais rápido possível e se surpreendeu ao encontrá-lo lubrificado e protegido. Gozaram os dois em silêncio para não incomodar os vizinhos. Sem deixar Gabriela, ele a conduziu para cama, encaixe perfeito e continuou a penetração. Agora fingia. Ambos fingiam. Ela o prazer, ele que se importava. Quando terminou, buscou a ducha. Ajudou Gabriela a se lavar. Tinha algo naquela praticidade que o atraía. Algo que não depende do nome ou da idade, só da profissão.

- Uma última brincadeira – sugeriu Ricardo, com um ar manhoso.
- De novo? Esse coquetel tem vitaminas?
- Tem.
- Desculpe a piada – disse Gabriela, cobrindo o rosto.
- Foi mesmo terrível.
- Qual é a brincadeira?
- Você deita aqui no boxe e eu uso o chuveirinho. Enquanto isso a gente conversa. O que vier em mente você pergunta e eu respondo.
- Precisa de jogos para estar no comando?
- Essa já é uma pergunta do jogo ou é só para anotar na minha ficha?

Gabriela se zangou. Não reclamou, só baixou os olhos. Ele pediu desculpas e cobriu seu corpo de beijos. O beijo. O gesto enigmático que rompe a barreira profissional. Putas não beijam. É o artigo mais caro do cardápio, mais caro que o oral e o serviço completo.

- Por que se refugia com putas?
- É isso que você se considera? Um refúgio?
- Não, mas...

– Então não tem sentido. Cada um escolhe o que quer levar da vida. Decidiram me levar antes que eu pudesse escolher. Mas eu sou insistente, Gabriela. Eu estou aqui. Cheio de remédios. Se você se interessa em saber por que homens e mulheres casados procuram seu serviço, sinto muito. Minha vida só tem o lado b, o lado a arranhado faz tempo. Arranhado antes de abrir o envelope dos exames, muito antes de ler aquele positivo que não se apaga. Eu podia te responder isso. Dizer que pintei as paredes de preto para que não visse um imenso “positivo” pintado aonde quer que olhasse, mas seria mentira. As pessoas se enganam pela metade vivendo em mundos de fantasia, porque a vida é dinâmica demais, e assim que se acostuma com o espaço, a fantasia vira realidade. O que fazer depois? Buscar outra fantasia? Mudar tudo novamente?

– Eu não disse que você se esconde da vida no meio das pernas das putas, nem que vive num mundo de fantasias para não encarar o peso dos seus problemas. Só estava perguntando a razão.

– Uma vez, Jéssica veio aqui com uma saia jeans que cobria os joelhos, me contou de sermões e outras baboseiras e disse que daquele dia em diante seria uma santa. Dois minutos depois estávamos na cama, e eu fiquei sem graça dos palavrões que ela gritou durante a transa. Jéssica nunca escondeu o quanto era inconstante.

– E Dita? Por que não deu certo.

– Dita foi só uma isca.

– Uma isca? E o pescador?

– Lucas, aquele corno sem mãe. Queria me manipular através dela. Não quero falar sobre ele.

– Então fim de jogo.

Gabriela tomou o chuveirinho das mãos de Ricardo e molhou seu corpo. Antes que revidasse, saiu correndo para o quarto. Pediu música, queria dançar em cima da cama. Mostrar o número novo que estava guardando para alguém especial e esse alguém podia ser o homem de corpo magro de musculatura rija, cabelo

despenteado, olhar tristonho. Ricardo colocou uma música qualquer, usou o cd que já estava no som e sentou-se para assistir a dança. Logo estava de pé, dançando com ela nos lençóis em que tinha desmaiado, babado, gozado, quase morrido, se divertido enfim. O número era uma besteira, aqueles passos que não combinam e são só um pretexto para se tirar a roupa. Ninguém quer a dançarina tímida, escondida atrás da cadeira. Mesmo que ela não fique nua, precisa mostrar que é capaz. Só assim atrai os clientes, sendo capaz de tudo ou totalmente incapaz, virgem donzela.

Um orgasmo depois, tomaram banho e jantaram. Ricardo insistiu em levar Gabriela em casa, mas ela se recusou, pediu só o dinheiro do táxi. Estava tarde, não queria incomodar, arriscar o erro, não queria que a noite fosse além e se transformasse em um relacionamento diferente, ganhasse um nome. Ricardo tentou se despedir com um beijo, ganhou um no rosto, insistiu, boca, língua, um convite para voltar. Esse pique todos os dias? Não, não. Um mês de abstinência faz isso com a gente. Prometo me comportar.

- Promete também que vai falar com o Homem.
- Prometo.
- É muito triste viver uma contagem regressiva.
- Foi pior nas aulas de física.

Ninguém no corredor escuro. Luz do elevador. Gabriela vira uma silhueta, uma sombra, desce. Escuro outra vez.

Ricardo fecha a porta, está com a bermuda verde, dessa vez de cueca. Vai até a geladeira catar os nuggets que sobraram, arruma todos num pote que leva para a sala. Ainda precisa ler um original. Um ou dois. Vai aproveitar que está sem sono. Se duvidar, dorme menos que Armando.

Esparrama-se no sofá. Coloca as duas pastas do lado, melhor subir um pouco a almofada, acabou de comer, ainda vai beliscar, deitado pode ter uma indigestão. Olha bem para os papéis, aquelas histórias malucas com personagens chatos e milhões de erros de português. Concentrar-se parece impossível. Vai até o quadro perto das flores. Não são cravos de defunto, são apenas margaridas. Queria levá-las para o cemitério no dia de Finados, se não chovesse muito, e fazer uma homenagem a um morto qualquer. Mexendo de



um lado e do outro tira o quadro da parede e o larga no chão, não vale tanto assim. Atrás, há um envelope guardado com cuidado, seu passaporte mais valioso. Pega o cortador de papel para abri-lo, a cola não solta fácil. Lê com atenção de monge o contrato, da primeira à última linha. Um ritual quase diário. Lê o seu nome, confere a assinatura no final. Volta os olhos e esbarra com o que tentou evitar, lá no meio, tantas linhas, letras, palavras cruzadas, e aquele nome no caminho: Lucas Moginie. A moeda de troca. Guarda a cópia que tem consigo pensando na cópia que está com ele, com o responsável por sua melhora gradual. Pendura de novo o quadro na parede e se lembra do dia em que se encontraram na confeitaria Colombo. O Homem, sapato bico fino, terno branco, chapéu panamá. O Homem e aquela incômoda pergunta: estaria disposto a vender o que não é seu para conseguir o que deseja?

